



Biblioteca Breve

SÉRIE LÍNGUA PORTUGUESA

O EUFEMISMO E O DISFEMISMO
NO PORTUGUÊS MODERNO

COMISSÃO CONSULTIVA

FERNANDO NAMORA

Escritor

JOÃO DE FREITAS BRANCO

Historiador e crítico musical

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

Escritor e Cientista

HUMBERTO BAQUERO MORENO

Prof. da Universidade do Porto

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

Doutor em Filologia Clássica pela Univ. de Lisboa

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO

ÁLVARO SALEMA

HEINZ KRÖLL

O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Título

**O Eufemismo e o Disfemismo
no Português Moderno**

Biblioteca Breve / Volume 84

1.^a edição — 1984

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Ministério da Educação

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*
Divisão de Publicações
Praça do Príncipe Real, 14-1.º, 1200 Lisboa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação
reservados para todos os países

Tiragem

5000 exemplares

Coordenação geral

Beja Madeira

Orientação gráfica

Luís Correia

Distribuição comercial

Livraria Bertrand, SARL
Apartado 37, Amadora — Portugal

Composição e impressão

Officinas Gráficas da Minerva do Comércio
de Veiga & Antunes, Lda.
Tr. da Oliveira à Estrela, 10

Junho 1984

Dedico este trabalho a minha mulher

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO	8
I / A SUPERSTIÇÃO	11
1. O diabo	12
2. A mão esquerda	14
3. Nomes de animais.....	14
4. Doenças	15
5. O quebranto	18
6. Defeitos físicos	18
7. A morte.....	19
8. Matar.....	24
II / DELICADEZA E RESPEITO.....	26
1. Relações familiares	27
2. Formas de tratamento.....	28
3. Ocupações, profissões.....	29
4. Idade.....	30
5. Aparência física.....	31
6. Janota	33
III / DEFEITOS MORAIS E MENTAIS	35
1. Estupidez e imbecilidade	35
2. A loucura	40
3. Arrelia, zanga e estados afins	41
4. Censura, descompostura	43
5. Mentira	43
6. Avareza.....	45
7. Embriaguez.....	46
IV / A SITUAÇÃO FINANCEIRA	52
1. Pobreza	52
2. Riqueza	54
3. Dinheiro	55

4. Dívidas.....	58
V / OFENSAS E CONSEQUÊNCIAS	60
1. Roubo	60
2. Fugir	63
3. Fazer gazeta	65
4. Prisão	65
5. Polícia	66
6. Bater	68
7. Despedir, mandar embora.....	71
VI / DECÊNCIA: O CORPO.....	74
1. Cheiros do corpo.....	74
2. Roupa de baixo	75
3. Barriga	75
4. Os seios	76
5. Traseiro.....	78
6. Os órgãos sexuais	81
7. O desfloramento	87
8. Excreções do corpo.....	89
VII / DECÊNCIA: AMOR.....	96
1. Concubina.....	97
2. Prostituta	98
3. Alcoviteira, alcoviteiro	104
4. Prostíbulo.....	105
5. Efeminação	106
6. Coito	108
7. Onanismo.....	111
8. Pederastia.....	111
9. Gravidez.....	112
10. Parto.....	114
11. Marido enganado	114
NOTAS	119
ÍNDICE DE PALAVRAS E EXPRESSÕES.....	122
BIBLIOGRAFIA	155

INTRODUÇÃO

“O estudo do eufemismo tem o mais alto interesse linguístico” escreve João da Silva Correia no seu excelente trabalho sobre *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa* (1927), em que procura explicar as causas, os processos, os domínios, as consequências e a vida destes fenómenos linguísticos. Publicado no “Arquivo da Universidade de Lisboa”, não teve, infelizmente, o largo âmbito de difusão que teria merecido. Além disso, falta a este volumoso trabalho dumas 350 páginas um índice de palavras e expressões, o que torna a consulta bastante penosa. E, para mais, passaram entretanto desde a sua publicação mais de 50 anos. Tudo isto nos parece justificar plenamente um novo estudo sobre o eufemismo e o disfemismo no português moderno.

Para não ultrapassarmos os limites de espaço impostos a este trabalho, não vamos ocupar-nos aqui com a definição do eufemismo e do disfemismo que já foi dada por J. Leite de Vasconcelos, J. da Silva Correia, Kr. Nyrop e muitos outros. Também não vamos tratar detidamente das causas e dos processos eufemísticos e disfemísticos, estudo já realizado por J. da Silva Correia com a extensão e penetração suficientes, e ainda por Silveira Bueno no seu *Tratado de semântica brasileira* (Cap. XVII), Kr. Nyrop na sua *Grammaire historique de la langue française* (vol. IV)

e Nora Galli de Paratesi no seu livro *Le brutte parole. Semantica dell'eufemismo* (1973). O nosso propósito é apresentar um “corpus” de material linguístico classificado que possa documentar as tendências eufemísticas do português moderno. Como Kany fez para a Hispano-américa, dividimos o nosso estudo em sete capítulos: I. A superstição; II. A delicadeza e o respeito, III. Defeitos morais e mentais; IV. A situação financeira; V. Ofensas e consequências; VI. Decência: o corpo; VII. Decência: o amor. Não pretendemos dar uma descrição exaustiva e estamos conscientes de que o estudo que agora publicamos não está desprovido de insuficiências e omissões.

Como Kany, não eliminámos os disfemismos, pois que estamos convencidos que em muitos casos é quase impossível separá-los dos eufemismos. J. da Silva Correia também não conseguiu uma separação nítida. As palavras costumam gastar-se, como as medalhas, pelo uso. O que hoje ainda é um eufemismo, amanhã já pode ser um disfemismo.

Classificámos o nosso material da mesma forma que Kany, com ligeiras divergências, a partir das causas dos eufemismos, o que nos parece satisfazer melhor que qualquer outra classificação os interesses dos leitores. Excluímos, quase inteiramente, os gestos do nosso estudo. Evitámos também citar palavras e expressões paralelas noutras línguas, porque o espaço à nossa disposição não nos permitia fazê-lo. Mas aduzimos, tanto quanto possível, expressões provincianas e brasileiras. No que diz respeito ao vocabulário sexual usado no Brasil seja-nos permitido remeter especialmente para Kenneth Rasmussen, *Brasilian Portuguese Terms for Sexual Intercourse*, publicado em “Orbis” 22 (1973), p. 114-133.

Todos os povos se estruturam em diferentes camadas sociais, com educação e aptidões a níveis desiguais.

Tomando em conta este facto, procurámos indicar as variações de uma classe sociocultural para outra.

Sempre que acharmos conveniente, fazemos acompanhar o eufemismo ou o disfemismo citado por um passo abonatório de autores que se servem de uma das possibilidades de disfarce dum termo desagradável ou que têm pendor para a linguagem mais violenta, ou seja, para o desbragamento linguístico.

As abreviaturas dos nomes de autores e obras que são citados ao longo do texto vêm explicitadas na *Bibliografia*, no final do volume.

I / A SUPERSTIÇÃO

As superstições são hoje em dia bastante limitadas, pelo menos nos países chamados civilizados. No entanto, não se pode dizer que os tabus linguísticos ⁽¹⁾ referentes à superstição estejam completamente fora de uso. Mais usados no campo do que na cidade, são empregados sobretudo por pessoas de idade avançada e por mulheres, com muito maior frequência do que por falantes jovens ou do sexo masculino. Ainda se acredita no sobrenatural, nos lobisomens, nas bruxas, nas almas que voltam do outro mundo, no diabo, nos enguiços, nos maus olhados e, de uma maneira geral, na arte mágica. O livro predilecto das bruxas é o livro de S. Cipriano em que se ensinam especialmente as orações para descobrir tesouros. Este livro corre manuscrito por feiticeiras e mulheres de virtude.

Um eufemismo de superstição está intimamente ligado ao que chamamos tabu. Trata-se essencialmente da interdição de falar em determinados seres ou coisas considerados perigosos porque inspiram temor, incluindo-se animais daninhos, doenças perigosas, a morte, etc. Devido à relação mágica que se supõe existir entre a palavra e aquilo que designa, julga-se que certas forças ocultas possam influir maleficamente nos nossos destinos. É este temor que leva as pessoas a evitar determinadas palavras que podem ser, segundo uma crença muito

espalhada, veículos de desgraça. Por isso são modificados na sua forma ou substituídas por outras. Geralmente o povo recorre ao eufemismo devido ao seu espírito supersticioso.

1. *O diabo* ⁽²⁾

Assim, o nome do diabo, do demónio, é frequentemente eufemizado. Devido a uma crença muito comum, pronunciar o seu nome pode ser malfazejo e até provocar a sua aparição junto de quem fala nele, pois que — segundo diz o provérbio — quem quer que o diabo lhe apareça, fale na cabeça. Por conseguinte, procura-se evitar o nome nefando e aparecem então inúmeros sinónimos em vez do nome do diabo. As mais variadas expressões, desde as deformações fónicas ou morfológicas muito frequentes, especialmente no nome do diabo, até aos complementos desculpadores, encontram-se como substitutos. Já que as deformações são numerosas, limitar-nos-emos aqui a citar unicamente as mais usadas. Deforma-se geralmente o fim da palavra. Muitas vezes chega uma ligeira transformação fónica para escapar ao tabu. A partir do vocábulo *diabo* temos então eufemismos como *diá*, *diabro*, *diaço*, *dianho*, *diacho*, *dialho* e os diminutivos *diabinho*, *diabito*, *diabrete*, sobretudo empregados para designar crianças endiabradas.

De *demónio*, temos *demo*, *democho* e *demoncho* que são os mais vulgares.

Na língua familiar e sobretudo na popular usam-se com frequência substitutos que evitam a palavra perigosa *diabo*. Vejam-se alguns exemplos dos quais muitos são disfémicos: *o anjo mau* (*decaído*, *rebelde*, *pé de cabrão* — por causa do seu pé aleijado), *o arrenegado* ⁽³⁾ (bras.), *o bicho feio* (ou *negro*), *o cão tinhoso*, *o danado*, *o espírito maligno* (*imundo*, *das trevas*), *o inimigo* (Rib., *Volf.*, 222: Tem pacta com o *Inimigo* — dizia dele o Calhorra...), o

mafarrico, o *maldito*, o *malvado*, o *porco sujo*, o *Príncipe do ar*, o *tentador das almas*. *Serpente*, no sentido de demónio, provém da Escritura ⁽⁴⁾.

Não é raro serem expressões genéricas que substituem a palavra nefanda como: O *coisa* (*má*, *ruim*) (Ram., *Farpas* XII, 101: Cruzes feitiço! Some-te, *coisa má*! Some-te onde não tolhas as criaturas!) ou então pronomes eufemizantes como: *ele*.

Na linguagem popular aparece ainda *Barrabás*, *Brazabu* ou *Barzabum*, *Belzebu* e sobretudo *mafarrico*.

Satanás, *Satã* é o nome que na Escritura se dá ao chefe dos anjos rebeldes convertido em espírito do Mal. Assim como *Lúcifer* é empregado como eufemismo para diabo. Os chifres são sinal característico do diabo. É essa a razão porque se chama também o *chavelhudo*, o *chifrudo*, o *cornudo*, o (*compadre*) *galhudo*. Outras particularidades físicas são ele ser *coxo*, *canhoto*, ter rabo e por isso ser chamado o *rabão* ou o *rabudo*. A palavra *canhoto* que está ligada às superstições da mão esquerda ⁽⁵⁾, aparece sobretudo nos esconjuros como: *cruzes*, *canhoto*!

Das substituições empregadas para velar o nome do diabo são ainda muito usuais *Diogo* e *nabo*: *com seiscentos nabos*! (Selv., *Anjo*, 23: *Co 'os diogos*!).

Literariamente o demónio é às vezes designado pelo antroponímico de *Pêro Botelho*; *a caldeira de Pêro Botelho*, como o *reino das trevas*, significam o Inferno.

Nas expressões *com a breca*!, uma impreciação de aborrecimento, e *levado da breca*, endiabrado, mau, *breca* substitui a palavra diabo.

Acontece que o falante, pronunciando a palavra malfazeja, procura salvar-se do perigo empregando uma fórmula desculpadora como p. ex.: *Essa não lembra ao diabo. Deus me perdoe*!

2. *A mão esquerda* ⁽⁵⁾

Em grande número de línguas as designações para a mão esquerda são diferentes, enquanto que para a mão direita são, pelo menos nas línguas românicas, idênticas. A designação para a mão esquerda é atingida por uma interdição bastante forte porque a esquerda é o lado da magia. O lado esquerdo é considerado de mau agoiro. Embora esta interdição já não subsista, ainda hoje em dia “a mão esquerda (...) é reservada para a prática de actos que se relacionam com certas crenças supersticiosas: ela é particularmente utilizada para fazer figas aos seres malfazejos” (Corr., 566). Uma figa, para ter plenamente o seu efeito de esconjuro, deve ser feita com a mão esquerda.

Canhoto, que designa também o diabo, significa propriamente o que se serve da mão esquerda como *canho*, *canhenho*, *canhestro* (Rib., *Filh.*, 78: “O juvenco é estúpido, *canhestro* (= desajeitado)...”).

3. *Nomes de animais*

Alguns poucos nomes de animais caem também dentro do âmbito dos eufemismos motivados pela superstição. Trata-se sobretudo de animais sanguinários, nocivos ou identificados com forças demoníacas ou de mau agoiro.

Assim, por exemplo, a *coruja* é considerada de mau agoiro. É por isso que disfemicamente se chama a *maldita*. Também o *mocho* é uma ave de mau agoiro, porque o seu piar é interpretado como sinal de morte e o seu nome na linguagem popular é o *malvado*.

A *borboleta* nocturna de cor escura, que é de mau presságio, é chamada bruxa, enquanto que a branca é portadora de felicidade, porque, segundo a crença do povo, traz boas notícias. É por isso que se lhe dá o nome de *boa-nova*. Também o morcego é um animal de mau agoiro, que

tem como variantes os nomes de *muricego*, *burcego*, *burro cego*, etc. ⁽⁶⁾

A *raposa*, que é conhecida pela sua astúcia e a sua rapinagem, é chamada *trinca-pintos*. O mesmo acontece com a *doninha* cujo nome carinhoso é um diminutivo eufemizante. Regionalmente ocorre ainda o nome de *bonita*.

A *serpente* é, por razões óbvias, identificada com as forças demoníacas. É por isso que na linguagem popular é frequentemente eufemizada por uma palavra de significado geral, como *bicha*.

O *sapo*, que nas práticas da feitiçaria e na medicina popular tem uma importância bastante grande, também é associado às forças do Mal e é regionalmente eufemizado com um nome próprio masculino, o *Afonso*.

O *bode* é considerado uma das transformações do diabo.

4. Doenças

As designações das doenças, sobretudo das doenças malignas, ruins e incuráveis ou perigosas como a *lepra*, a tuberculose, a *epilepsia*, a *sífilis* e outras doenças venéreas, são evitadas e eufemizadas para não ofender a sensibilidade dos doentes. Às vezes com um termo muito vago como *aquela doença*, que substitui o nome de certas enfermidades incuráveis. Quando se trata de uma doença leve fala-se em *indisposição*, *estar indisposto*.

A lepra.

A *lepra* que tanto apavorava as populações na Idade-Média, é conhecida sob o nome de *mal de Lázaro* ⁽⁷⁾, de *morfeia*, de *gafeira*, de *gafo*, *mal de Hansen* ou simplesmente *mal*. Antigamente o hospital para leprosos chamava-se a *gafaria*.

A tuberculose.

Tem-se receio de nomear esta doença devastadora, sobretudo na presença de enfermos do mal, e fala-se então de preferência em *anemia*, *doença do peito*, *esgotamento*, *fraqueza (do peito)*, *falta de forças* ou simplesmente em *queixa (de peito)*, (Corr., 382) ou em *estar doente dos pulmões*.

Geralmente não se fala em *tísica*. Diz-se antes que alguém está *hético* (Ribeiro, *Plan.*, 236:... a moça está *hética* que nem uma espinha...), mas este eufemismo, no português contemporâneo, está a perder cada vez mais terreno no seu uso corrente.

Os médicos empregam a abreviação *T.B.C.* para velar o carácter melindroso do vocábulo.

A epilepsia.

A *epilepsia* foi considerada como uma doença de origem sobrenatural. É por isso que se chama o *mal santo*, o *mal sagrado*, o *mal divino*, ou simplesmente o *mal (terrível)*, o *mal caduco*, o *mal de gota*, o *mal de terra*, a *doença*. Na Madeira parece que se emprega o *mal d'ava-maria (sic!)* com o sentido de ataque epilético. ⁽⁸⁾ Também se chama *gota* às vezes, embora a gota seja uma doença das articulações. O povo fala em *acidente* ⁽⁹⁾ quando se trata de um ataque epilético, ou de *fanico* sobretudo quando se refere a mulheres (Corr., 584).

Doenças venéreas, a sífilis.

Por decência e pudor atenuam-se sobretudo os nomes das doenças venéreas. Evita-se falar nessas doenças empregando termos genéricos muito vagos que designam diversas doenças venéreas como *doenças secretas*,

venéreas, vergonhosas ou feias, doenças da vida, doenças do mundo (bras.), *doenças de homens* (ou *de mulheres*) também *males de mulheres* (Fial., *País*, 263: Bebe de cada vez dois decilitros d'aguardente... E por modos, todo comido de *males de mulheres*), o *mal ruim, moléstia feia* (Amado, Jorge, 116: Foi com uma negra prostituta com que Florindo dormira em Pirangi e que lhe pegara *moléstia feia*), *moléstias de senhoras* ou *vergonhosas*.

Muito antigo já é o eufemismo *morbo gálico* ou simplesmente o *gálico*, a *galiqueira*, o *mal francês* para designar especialmente a sífilis que, no âmbito das doenças sexuais, tem maior número de designações eufêmicas. A sua origem é desconhecida, mas é atribuída a um grande número de países ⁽¹⁰⁾. Assim chama-se *mal burdigalense*, *mal canadense* (*canadiano*), *mal da Baía de São Paulo*, *mal de Fiúme*, *mal escocês*, *mal turco*, etc. Em Portugal é sobretudo a França que é considerada como país de origem e um dos seus nomes é *mal-de-franga* (ou *de frenga*) por etimologia popular (Maças, *An.*, 158). Também às vezes *mal napolitano* (Rib., *Hum.*, 79: Esta desvergonhada padece do *mal napolitano*), *mal ilírico* ou *mal germânico*.

(Buarque, *Malandro*, 26: DURAN [pergunta]: Cancro mole, mula, sífilis, blenorragia... FICHINHA: Sei não senhor... tive todas essas *doenças da vida*, mas não sei o sobrenome delas não...)

Avariose é uma designação relativamente moderna e técnica. Entre o povo a sífilis é muitas vezes chamada simplesmente *venéreo*. *Cavalo* é o cancro e designa as feridas venéreas nas partes genitais. Pode ser *cavalo-mole* (cancro mole) ou *cavalo-duro* (esclerose inicial da sífilis mais conhecida pela designação incorrecta de “cancro duro”) (Maças, *An.*, 158). Na linguagem popular a *mula* é a adenite inguinal de origem venérea. Certa doença venérea chama-se *esponjas*. Trata-se de uma lesão verrucosa das partes sexuais, provocada por contactos venéreos.

5. *O quebranto*

Uma superstição muito espalhada no povo é a crença no *quebranto* ou no *mau olhado*, crença que ainda é viva em todo o Mediterrâneo. Trata-se de um bruxedo, um feitiço que tem a sua origem no olhar de certas pessoas mal intencionadas (Corr., 568). A crença no mau olhado, que se chama também *arejo*, *enguiço* ou *galinha*, é muito forte em Portugal.

6. *Defeitos físicos* ⁽¹¹⁾

Os defeitos físicos, de uma maneira geral, desempenham um papel bastante importante na superstição. Sobretudo as deformidades físicas são frequentemente eufemizadas. Assim, por exemplo, uma pessoa que tem corcova ou bossa é chamada *marreca* ou *marreco* (espécie de pato). A própria corcova chama-se *marrã* (porca pequena). Em Bragança e no Alentejo o corcunda é o *marrana* (porca), na Beira *marrancha* ou *marranica*, também *marranita* ⁽¹²⁾. Outro termo da Bairrada para designar uma pessoa que tem corcunda é *broeira* (aparelho suspenso no tecto e no qual se colocam as broas). No Minho emprega-se *amarruado* para corcovado. Também *malota* (que leva mala às costas) quer dizer que a giba é considerada como alguma coisa que se leva às costas. Em Trás-os-Montes o homem corcunda ou a giba (geba) do corcunda é a *samarra* (uma vestimenta rústica e pastoril).

Há um vocabulário especial para os aleijados, tanto para as pessoas como para os animais. Às vezes o eufemismo é tirado do nome do membro do corpo atingido pela deformação. Assim *maneta* é aquele a quem falta um braço ou uma das mãos, como *perнета* é uma pessoa com uma só perna ou com uma perna aleijada.

Quem tem as pernas tortas é *cambado* ou *cambeiro*, com os joelhos metidos para dentro, ou também *zambro*. Alguém que tem as pernas muito abertas, arqueadas, chama-se *escarramanado*. Quando tem os pés tortos, tem *pés de galápio*. Na Beira é *gambeta* (no Minho as *gambetas* são as pernas, as *gâmbias*). *Cambaio* (ou *cambeta*) é alguém que mete os joelhos para dentro e não anda direito, tendo as pernas arqueadas para o lado externo. Em Trás-os-Montes um indivíduo *cambaio* é um *sopaina*. Aí emprega-se também *topino* (ou *topinho*) para os pés cambados ou as pontas inclinadas para dentro. *Perna-fofa* é um indivíduo cambado ou torto de uma só perna.

Para designar as pernas ou os pés deformados, quer dizer para designar um coxo ou um manco, emprega-se na Beira *chanqueta* e *coxambeta* (que é um tanto depreciativo), *coxanga*, *coxelas*. Em Trás-os-Montes *enrelhado* (que coxeia), *rengo* (derreado, coxo). No Alentejo um *pata-galhana* significa um coxo. De *manquitar* (*manquetear*) derivou a expressão popular *manquitó* (pessoa que coxeia) e o adjetivo *manquitola* (uma leitoa *manquitola*). No Brasil emprega-se na linguagem familiar *pepé*, coxo, que manqueja de um pé, *capenga*, que parece uma reduplicação de pé.

7. A morte

Desde os tempos mais longínquos o temor da morte traduziu-se sempre por uma interdição verbal que ficou vigente até aos nossos dias. De modo que a palavra ominosa, com tudo o que a ela está ligado, é daquelas que mais frequentemente são atenuadas a todos os níveis, desde as expressões esbatidas da língua culta até às expressões jocosas, irónicas ou cruas da linguagem popular e do calão. Uma grande parte dessas expressões são perífrases.

Os eufemismos para *morte*, *morrer*, *cadáver*, *sepultura*, etc. são numerosíssimos e não temos a pretensão de esgotá-los aqui. Damos tão somente uma amostra da riqueza das expressões usadas para eufemizar o termo exacto de que um temor natural impede o emprego e que radica no tabu universal associado com a morte. Interessam-nos mais os conceitos eufemizados do que a grande variação dos seus substitutos.

Não é raro ser a convicção religiosa que inspira ao sujeito falante os processos de substituição. Assim, a perspectiva de uma vida além-túmulo é muitas vezes expressa por *eterno sono* (*descanso*, *repouso*) ou *trespasse*; a morte como fim da vida também é circunscrita com o *fim dos seus dias*, a *hora derradeira* (*suprema*), a *última* (ou *uma longa*) *viagem*, a *viagem de onde se não volta*. Expressões como *defunção*, *desaparição*, *desenlace*, *falecimento*, *finamento*, *óbito*, *ocaso*, *passamento*, *transe*, *trânsito*, entre as quais há termos jurídicos e eclesiásticos (cf. *o livro dos óbitos*, *a certidão de óbito*, etc.), são típicas para uma linguagem que, de certo modo, pode chamar-se oficial. São termos que se encontram nos anúncios fúnebres, nos necrológios, nas cartas de condolências e na literatura.

O nome ominoso da morte é também às vezes expresso por um simples pronome (Corr., 488) que é sempre um eufemismo em potência e serve para evitar a brutalidade do termo próprio (Curto, *Sapo*, 133: É quando Deus quer que *ela* (= a morte) vem, não é quando a gente *a* chama). Também o artigo indefinido pode exercer a mesma função eufemizante (Sant., *Lugre*, 30: Não há mulheres neste navio, não há?! Pois é mentira, amigos, é mentira: Há *uma* (= a morte) que nunca larga a gente...). O advérbio de lugar *lá* emprega-se na fórmula *já lá está* (*no reino da verdade*) ⁽¹³⁾ para atenuar a ideia da morte.

A morte também é personificada e representada por uma mulher e aparece, sobretudo na literatura como a

desdentada, a *grande dona* (cf. o conto de Aquilino Ribeiro na *Estrada de Santiago*), a *grande garça*, a *magra* (Per., *Marc.*, 160: — Vamos indo aqui, esperando a *magra*), a *megeira*, a *negra* (God., *Calc.*, 101:... a *negra* não avisa ninguém), a *Sem-Perdão*, a *sujeita* (Id., ib.: Apresenta-se a *sujeita*, e toca a atar as botas), a *velha do alfange* (bras.) (Silveira, 189), a *velha da foice* ou a *Dona Morte* como António Nobre a chama (*Só*, 88.: Balada do caixão: O meu vizinho é carpinteiro,/ Algibebe de *Dona Morte*).

A ideia da morte é adoçada por meio de um grande número de eufemismos. Estar em perigo de vida, estar para morrer, agonizar é frequentemente atenuado por expressões como: *andar aos tropeções à morte* (= estar várias vezes para morrer mas escapar-se ainda), *chegar o último dia* (*a última hora, jornada*), *chegou a sua hora*, *dar o espírito*, *dar o último suspiro*, *dizer adeus ao mundo*, *estar às portas da morte* (*em artigo, artigos de morte*), *estar com os pés para a cova* (ou *a tumba*), *estar entre a vida e a morte*, *estar nas embiras* (bras), *estar nas últimas*, *estar nas vascas da morte*, *estar na agonia*, *estar para alquinar* (Trás-os-Montes), *estar por um fio* (*triz*), *fazer a mala*, *o fim dos seus dias*, *ser chegado a sua hora*, *ter as suas horas contadas*, *ter os seus dias contados*.

O verbo *morrer* eufemiza-se por expressões de carácter geral, vago ou metafórico como *acabar* (*os seus dias*), *adormecer* (*no Senhor*), *expedir* (Camilo, *Novelas*, 315:... vá chamar o sr. vigário para me absolver, que eu estou a *expedir*), *expirar*, *deixar o mundo*, *deixar de ser do número dos vivos*, *descansar*, *desaparecer* (*da vida*), *descer à tumba*, *despedir* (God., *Cru*, 84: A velha mãe jaz numa tarimba do Hospital, com um cancro na madre, a *despedir*), *extinguir-se*, *falecer*, *fechar os olhos*, *ficar-se*, *finar-se*, *findar* (*os seus dias*), *ir-se* (*embora* ou *para Deus*), *não acordar mais*, *passar* (*à melhor vida*), *passar-se*, *perecer*, *sucumbir*, *trespassar*. Muito usadas são também locuções como: *abandonar a vida*, *deixar de sofrer*, *exalar a alma* (a

vida), *já não lhe dói nada*, *soltar o último alento* (*suspiro*), ou expressões que fazem alusão à morte como uma viagem: *fazer uma longa viagem*, *fazer a viagem de que se não regressa*. Outras são aquelas em que aparece a esperança de uma vida melhor, da vida eterna, em que a morte é apresentada como um trânsito: *atender ao chamado de Deus*, *ser chamado por Deus*, *dormir em Deus* (*no Senhor*), *dormir o sono eterno*, *estar a dar contas a Deus*, *estar a gozar a vida eterna*, *ir desta para melhor*, *dar* (*entregar a alma ao Criador* (*a Deus*)), *ir para a terra da verdade*, *ir para a banda de lá*, *ir para o céu* (ou *o outro mundo*), *partir desta para melhor morada*, *passar desta vida para melhor*, *passar deste mundo a Deus*, *render a alma* (*a Deus*), *render o espírito*, *repousar no Senhor*, *subir ao céu*. Todas elas expressões que procuram atenuar a fealdade do horrível transe.

Ao lado das palavras eufemizantes de estilo culto existem também outras jocosas, irónicas ou cruas que pertencem em grande parte à linguagem popular ou ao calão e que são disfêmicas: *adubar a horta do senhor prior* (Rib., *Bat.*, 296: Se não fosse ele, da primeira vez que se assapou a duna, muitos de vós estaríeis a *adubar a horta do senhor prior*), *arrebentar*, *arrefeceu-lhe* (ou *resfriou-lhe*) *o céu da boca* (Toj., *Viag.*, 51: A minha gratidão duraria enquanto não me *arrefecesse o céu da boca*), *atar as botas* (mil.), *bater a bota* (mil.), *comer a terra fria*, *dar à casca*, (Eça, *Prim.*, 490: Pode muito bem *dar à casca*), *dar cabo do canastro*, *dar* (*bater*) *com a cola* (ou *com o rabo*) *na cerca* (bras.), *dar o berro*, *dar o peido mestre* ou *o triste peido*, *dar o ré*, *dar o último pio*, *embarcar* (bras.), *escutar a cavalaria* (= estar morto) (mil.), *esfriar*, *estar de sentinela* (mil.), *esticar* (*espichar*) *a canela* (*a caneta*, *as gâmbias*, *o pernil*) (Eça, *Rel.*, 269: Era a titi a *espichar*, retesando as canelas), *estoirar*, *fazer a trouxa*, *fazer tijolo* (God., *Cru.*, 92: ...: o Diamantino estucador, subalternizado pela morte, é posto a *fazer tijolo* no álgido seio da terra) (ou

*barro no cemitério), guardar os pitos do Senhor Abade (Minho), ir amassar barro com as costas, ir de charola, ir guardar os ciprestes, ir para a banda de lá, ir para a companhia (a cidade) dos pés juntos, ir para as malvas, ir para o major (mil.), ir para o maneta, ir para o outro mundo, ir para a terra (do salvamento), ir para a terra (a quinta) dos pés juntos, ir para o ginjal, ir-se para os anjinhos (refere-se sobretudo a crianças), já não comer mais broa, marrar, marchar, morar no Alto de São João (cemitério de Lisboa), morder o pó (= cair morto no chão), paginar, patear, perder a colher, pôr-se em sentido (mil.), puxar a trouxa, quinar, rebentar. Relativamente moderno é o estrangeirismo *flipar* que tem a sua origem no mundo da droga.*

Quem está morto acabou-se-lhe o pavio da vida ou tem o céu da boca frio, deixou de ser, está a dar contas a Deus, está de mãos atadas ou ataram-lhe os pés, está na terra (no reino) da verdade (ou com Deus), já lá está (donde se não torna).

Enterrar, sepultar, inumar são eufemismos cultos. Com estas expressões estão ligadas as designações disfemísticas e jocosas da linguagem popular para cemitério: a fábrica de tijolo, o dormitório, o Jardim (ou a Quinta) das Tabuletas, a quinta dos calados (das lajes, dos pés juntos, o quintal do Muro Branco (do Padre) ao lado de designações sérias como campo santo ou cidade dos mortos, mais frequentes na linguagem escrita.

O morto na língua culta chama-se falecido, finado, defunto, extinto ou simplesmente o corpo, os restos mortais, os despojos fúnebres, ironicamente o encadernado e o encadernador é a agência funerária.

Para designar a sepultura não é raro recorrer-se a vocábulos neutros como a campa, o féretro, o jazigo, o repouso, o túmulo ou a expressões perifrásticas como a derradeira (última) morada (jazida). Na linguagem vulgar fala-se muito menos delicadamente na cova, no emplasto de

sete palmos (bras.), nos *sete palmos de terra*, na *terra da verdade* ou na *terra fria*.

O próprio enterro e mesmo o funeral, no qual se fazem as honras fúnebres ao morto, eufemizam-se por *préstito fúnebre* ou *cortejo funerário* que são expressões da língua culta. Nos jornais fala-se da *inumação*.

Cada um dos homens que carregam com o caixão nos enterramentos é chamado *gato-pingado*, *cangalheiro* ou *farricoco*.

Também a palavra caixão é substituída por termos cultos como *ataúde*, *esquiife*, *féretro*, *sarcófago*, *sepulcro*, *tumba*, *urna* (*funerária*) ou então surgem expressões mais ou menos jocosas, usadas na linguagem popular ou no calão, que substituem a palavra que se quer evitar: *cama à francesa* ou *sobretudo (fato) de madeira (de pau)* (Nobre, Só, 88: “A balada do caixão” — O meu vizinho é carpinteiro / Algibebe de Dona Morte / Ponteia e cose o dia inteiro / *Fatos de pau* de toda a sorte...), *salgadeira*, as *quatro tábuas*.

O fim da vida exprime-se às vezes por um circunlóquio como *acabou-se-lhe o pavio da vida*, *apagou-se-lhe a candela* (ou *a lamparina*) *da vida*, *bateu a sua hora*, *deu o último suspiro*, *deixou o mundo* (ou *esta vida*), *deixou de sofrer*.

(Ram., *Farpas* XIV, 12: ... dizem que ia indo para a *derradeira morada*)

8. *Matar*

Intimamente ligado com o que acabamos de expor, está o conceito de *matar*, *assassinar*, conceito que também conhece expressões eufemísticas, mas sobretudo disfemísticas. Assim *morrer* serve como eufemismo para substituir *matar* (ele *foi morto* por um bandido).

Ao lado de *matar*, *assassinar*, verbos que exprimem o processo de matar de um modo geral, temos *despachar*, *eliminar*, *executar*, *liquidar*, *massacrar*, *suprimir* com matizes diferentes. Os verbos derivados de designações de fogo como *arcabuzar*, *espingardear*, *fuzilar*, *passar pelas armas*, ou os verbos que designam outros modos de matar como *esganar*, *estrangular*, *enforcar*, *linchar* são expressões muito directas e cruas.

Para designar o acto de assassinar empregam-se muitos disfemismos como por exemplo *acabar-lhe com o pio* (Red., *Hom.*, 48: Num gesto de mão parecia estrangular alguém. — *Acabo-lhe com o pio!*), *arrebentar* (Torga, *T.*, 109: Se lhe dizes uma palavra, *dou cabo de ti! Arrebentote!*), ou, *rebentar com alguém* (Alv., *Lareira*, 52: — Se falas neles, *rebento contigo!*) e *dar cabo de alguém*, *dar cabo do canastro a alguém*, *chacinar* que é como abater um animal, partir em postas (Rib., *Estr.*, 146:... descubro o Tenente Cruz com uma roga valente para me *chacinar*), *esfriar* (Nor., *Alf.*, 150: Porque diabo a “*esfriaste*”?), *pôr as tripas ao sol*, que significa rasgar o ventre. Para matar alguém a tiro emprega-se *estoirar* (*queimar*) *os miolos* como para fuzilar, no mundo militar, *cheirar-lhe a cabeça a pólvora* (Corr., 661). *Virar* no sentido de matar significa deitar abaixo, deitar ao chão, fazer ir a terra. A gíria conhece *estafar* e *empandeirar* para matar.

O assassino pago é o *sicário* (Ram., *Farpas* XI, 183: Não, mil vezes não, *sicário*, não malharás nossas carnes).

II / DELICADEZA E RESPEITO

O sentimento da polidez, da civilidade, do decoro, do respeito é uma das causas principais do eufemismo. A vida exige a cada momento que respeitemos os outros e obrigamos a recorrer a meios de expressão que a língua põe à nossa disposição para podermos encobrir a verdade, amenizando-a por amabilidade ou por deferência. Os eufemismos de delicadeza, de cortesia, são muito frequentes hoje em dia e o seu número aumenta inegavelmente. Para evitar palavras descorteses que podem ofender o ouvinte, inventam-se constantemente novas expressões, novos processos eufémicos. Muitos dos eufemismos que nos interessam aqui são de ordem social. Quer isto dizer que neste domínio joga muito a diferença de classes. Pode mesmo dizer-se que quanto mais educado for o meio, tanto maior número haverá de eufemismos e quanto menos educado, tanto maior o de disfemismos. De uma maneira geral os homens são menos polidos que as mulheres. Estas usam constantemente eufemismos de delicadeza, enquanto aqueles já nitidamente menos.

Quando um eufemismo, pelo muito uso, já não é sentido como expressão veladora tornando-se assim sinónimo do termo objectivo, seco e cru, contaminado por ele, não pode servir mais para conseguir o seu intento original. Nesse caso tem de ser substituído por outra expressão ainda não

gasta que, pelo menos por algum tempo, será capaz de velar convenientemente o significado rebarbativo ou cru que a sociedade repele.

Há eufemismos que perdem constantemente a sua força eufemística e outros que parecem poder conservá-la por muito tempo. No caso de uma palavra ser empregada num estilo relativamente elevado, é muito provável que possa conservar a sua qualidade eufemística. Mas, quando a mesma palavra se torna correntemente usada, num estilo mais baixo, existem grandes probabilidades de não conseguir a sua capacidade amenizadora.

1. *Relações familiares*

No que diz respeito às formas de tratamento ⁽¹⁴⁾ é preciso observar determinados preceitos ainda hoje bastante rígidos. Quando, por exemplo, falamos da mulher do nosso interlocutor, na sua presença ou com ele próprio, devemos tratá-la por *a sua esposa*, no caso de ser uma pessoa de certa categoria social ou de as relações sociais serem ainda muito cerimoniais. O marido, por sua vez, fala da sua consorte como a *minha mulher*.

O homem do povo chama à mulher a *minha patroa* ⁽¹⁵⁾.

Há pessoas que, por graça, falam, na presença de outros, da sua mulher como a *minha cara metade*. *Metade* aplica-se especialmente à mulher embora possa também designar o marido.

O emprego da palavra *sogra* comporta normalmente conotações negativas como nos fazem ver provérbios, como *sogra, nem de barro à porta* ou *aquele é bem casado, que não tem sogra nem cunhado*, e muitos outros. É por isso que a mãe de um dos cônjuges é muitas vezes chamada ironicamente *aquela santa*. A sogra e a madrasta são ambas chamadas *mãe* por delicadeza. Dá-se o mesmo com o *sogro* e o *padrasto* que são substituídos por *pai*.

J. da Silva Correia (651) diz-nos que “há parentescos por consanguinidade cujos nomes são também eufemizados. Os filhos de certos incestos — como o de irmãos — chamam ordinariamente *tio*, *tia*, ao pai e à mãe.

Os filhos dos clérigos costumam chamar ao pai *tio* ou *padrinho*.

2. *Formas de tratamento*

Há determinadas formas de tratamento que podem substituir *senhor*, que é uma forma por assim dizer neutral, como por exemplo, *patrão*, *patrãozinho* (Rib., *Ald.*, 87: — Tem volfro a vender, *patrãozinho*?) e *patroinha* para *senhora* (Rib., *Terras*, 3: — Somos do Egipto [dizem os gitanos], *patroinha*, terra do menino Jesus). *Chefe* e *doutor* também são formas eufemísticas de tratamento ⁽¹⁶⁾.

Tratar alguém por *sujeito* tem uma conotação negativa como o termo da gíria *gajo*.

Doutor e *engenheiro* vêm perdendo há muito tempo o seu significado original, para designar, nas relações de classes, a pessoa de categoria social superior, ou pelo menos de aparência mais ajustada aos figurinos dessa categoria. Doutores são vagamente os bafejados pela sorte dos privilégios, conglobados numa aparência de aristocracia burguesa. *Doutor*, como forma de tratamento, é empregado para qualquer pessoa com aparência de intelectual, sobretudo em Coimbra.

Por *Senhora Dona*, seguido do nome próprio, tratam-se unicamente as mulheres de uma certa categoria social.

Quando se quer ser delicado, ao falar com um agente de polícia, tratamo-lo por *senhor guarda*.

3. Ocupações, profissões

Um fenómeno muito espalhado hoje em dia é que determinadas ocupações, determinadas profissões têm a tendência para baixar na escala social e nota-se então que, com o progresso da democracia, a nomenclatura de certas profissões tende a aristocratizar-se. Nomenclaturas ocas, enobrecedoras para ofícios mais ou menos humildes, existem em toda a parte porque aqueles que exercem esses ofícios querem parecer mais do que são. Os eufemismos no campo das classes sociais são bastante curiosos. Vamos citar alguns casos exemplos, como simples amostra. Assim o *lavrador* torna-se facilmente um *agricultor*. O *boticário* já não existe. É desde há muito tempo já o *farmacêutico*. Já não se fala em *criadas*. Nos anúncios de qualquer jornal pedem-se hoje em dia *empregadas domésticas* ou *empregadas de casa* e até *administradoras do lar* ou *colaboradoras*. A *moça de servir* morreu há muito tempo.

O antigo *calista* torna-se num *pedicuro* e o *sapateiro* chama-se, com muito mais distinção e com sentido bastante irónico, um *clínico pedicuro*, e tem, claro está, uma *clínica de sapatos*.

Ambos, no entanto, estão a desaparecer cada vez mais, particularmente nos meios citadinos.

O *cabeleireiro* e o *barbeiro*, que se chamam *hair-dresser* ou *coiffeur* o que sempre parece mais chique, têm *salões de beleza*, *instituts de beauté* ou *beauty-shops* com *hair-styling*. Como *especialistas da cosmética* chamam-se até *esteticistas*.

Os sapateiros, os carpinteiros, etc. são tratados por *mestre* e os *mestres de escola*, a antiga designação do professor de instrução primária, ou os *mestres de primeiras letras* são tratados por *professores*.

Os antigos *homens do lixo* são hoje em dia os *homens da limpeza*.

Em vez de *dentista* fala-se em *odontólogo*, em vez de parteira em *especialista em partos*.

Uma pessoa que se dedica a qualquer arte mecânica não é um *operário*, mas um *artífice* ou mesmo um *artista*.

É a falta de consideração social por determinadas profissões, cujos representantes se sentem vexados ou diminuídos com tais designações, que se encontra na base da criação de tais eufemismos sociais.

4. Idade

Todos nós queremos chegar a velhos, mas ninguém quer que lho chamem. Velhos são os trapos, como se costuma dizer. Foge-se a empregar a palavra *velhice*, *velho*, *velhote*, *velhota* e sente-se a necessidade de evitar um vocábulo que molesta a pessoa a quem se dirige tal apelativo ou de quem se fala em tais termos.

Diz-se antes que uma pessoa *já não é nova*, mas que está muito bem conservada. Em vez de *velho* emprega-se *avô* ou então *velhinho*, com o diminutivo eufemizador. Quando se fala de pessoas veneráveis, fala-se em *ancião*, *homem avançado em anos*, *idoso* ou *de idade avançada*. Também se ouve que alguém é *entrado* (ou *avançado*) *em anos* (ou *em idade*). Para *envelhecer* emprega-se *entrar nos anos* (ou *na idade*).

Rapaz ouve-se em toda a parte para designar homens de qualquer idade: *ainda é um rapaz novo*, sem distinção de idade. *Filha* ou *menina* são às vezes até empregados para mulheres casadas.

O mesmo se dá com *cachopo* (*cachopa*), *catraio* (*catraia*) e *moço* (*moça*).

Sobretudo as mulheres são objecto de desprezo quando não casadas numa certa idade, quer dizer, quando passada a idade em que normalmente as pessoas se casam. Diz-se

então que *ficou para tia*. Os velhos *solteiros*, os *solteirões*, são muito menos sujeitos à troça.

Coisas antiquadas ou muito antigas são do *tempo dos Afonsinhos*, ou pertencem à *idade das almotolias de barro*, ou passaram-se na *era do rei que rabiou*, ou nos *tempos da Maria Castanha (Cachucha)*, no *tempo da onça*, no *tempo em que Adão era cadete*, ou qualquer coisa é do *tempo em que Judas perdeu as botas*, do *tempo da rainha Patuda* ou do *tempo da pedra lascada*.

5. Aparência física

A aparência física, sobretudo a aparência pouco atraente das pessoas, dá origem a muitos eufemismos que substituem palavras julgadas grosseiras, que molestem o tacto ou que provoquem sensações desagradáveis como, por exemplo, as expressões que designam a *fealdade*. Duma mulher feia diz-se eufemisticamente que *não tem feições agradáveis*, que *não é bonita (mas muito simpática)*, que *não deve nada à beleza*, que *não é nenhuma brasa*. Mas, se usarmos termos da gíria e chamarmos a uma mulher muito feia e gorda um *canhão* ou um *calhamaço*, ou afirmarmos que é um *estafermo desmazelado* ou um *estupor*, então já estaremos a ofendê-la. Diz-se da mulher mal-parecida que é *feia como o diabo*, *como um bode (um chibo)*, *como uma noite de trovoadas*, *como um corno*, *como as necessidades*, que é *mais feia que a morte negra*, etc.

Alguém que é *sujo*, é *pouco cuidadoso na limpeza do corpo* ou *do vestuário*. Atenua-se portanto a náusea que provoca e, por delicadeza, não se lhe chama *besuntado*, *emporcalhado*, *imundo*, *nojento*, *porcalhão*, *sebento* ou *sórdido*.

A *calvície* dos homens também é muitas vezes designada eufemisticamente dizendo que alguém *já não tem cabelos*, *tem o cabelo pouco espesso*, *pouco denso* ou *ralo*, *tem mau*

cabelo ou *tem o cabelo pouco basto, estrigado*. Disfemisticamente a *calva*, a *careca* chama-se *bola de bilhar* (N. 55) como se fosse manufacturada ao torno. Às vezes é substituída por uma designação jocosa como *melão* ou *queijo* (bras.). Nomes de frutos lisos e redondos são muito frequentes como metáforas.

O conceito de fraco é expresso eufemisticamente por *não é muito forte, é debilitado, é quebradiço, não pode com uma gata pelo rabo* e expressões semelhantes. Na linguagem familiar é chamado *meia-dose, mija-mansinho, papa-açorda, bertoldinho*, etc.

Uma pessoa grande, delgada e *magra* é *enxuta de carnes, descarnada, seca*. Mas é muito frequente exprimir a magreza excessiva por expressões disfemísticas e metafóricas como é um *espirra-canivetes*, um *espinafre*, um *trinca-espinhas*, um *ginja*, um *feixe de ossos* ou um *carga de ossos*, um *pau de virar tripas*, um *pau de vassoura*, *está na espinha, não tem senão o olho na cara, não tem senão a pele e o osso, deve muita obrigação à pele (por lhe não ter deixado cair os ossos), parece um carapau seco, podem-se-lhe contar as costelas, parece a morte em pé, parece um cabide de fatos* (Red., Mar., 94:... não passava de amarelo e ossos. *Parecia um cabide de fatos*), etc. Há um sem-número de expressões para exprimir a ideia da magreza, mas limitamo-nos aqui a dar unicamente uma pequena selecção.

Não se diz de um pessoa com excesso de peso que é *gorda*, mas antes polidamente que está *forte* ou *um pouco nutrida*. Mas ao lado dos eufemismos existem muitos disfemismos como *abadessa* que é uma mulher excessivamente gorda, ou *abóbora* com o mesmo sentido, *bisarma*, pessoa muito corpulenta, *fragata*, mulher corpulenta, *manipanso*, indivíduo muito gordo, *repolhaço* (trasm.), homem gordo, *saco de batatas*, etc.

Duma pessoa que anda *mal vestida, desasseada* ouve-se dizer que *anda mal cuidada* ou *mal trajada*, que *anda rota* quando tem o vestuário esburacado.

6. Janota

Expressões que designam uma pessoa que cuida muito ou excessivamente da sua aparência exterior, do seu vestuário, sobretudo a pessoa que se distingue por um excessivo cuidado em vestir à última moda, que é afectada nos modos ou trajos, são bastante frequentes.

Assim alguém que é elegante, vestido com esmero é chamado *janota*, *peralta*, *casquilho* ou *peralvilho*.

Durante muito tempo o *dândi* (ou *dandy*, escrito à inglesa) era o tipo do homem elegante (Sim., *Am.*, 14: Então ainda ele era mais afectadamente *dandi*). Também o galicismo *petimetre* para um janota ridículo já passou de moda e só aparece na língua escrita. O mesmo se pode dizer de *tirone teso*, expressão tirada do nome próprio do artista de cinema Tyron Power. Usa-se ainda o termo *clíper* que é uma expressão náutica e aeronáutica com o sentido de janota em excesso e o anglicismo *lorde* (N. 96: Torga, *Sinf.*, 75: Sempre de flor na lapela, de charuto, chapéu alta, bengala... Era um *lorde*).

Estas expressões têm na maior parte das vezes uma conotação negativa de excesso e de mau gosto, de exibição e de ostentação. Muitas vezes adquirem este sentido negativo pelo facto de as classes baixas as usarem, quando se referem aos mais privilegiados. É o caso de *caipira* (*vens todo caipira*), primitivamente designando o brasileiro rico e janota; *fedúncias*, a pessoas pretensiosas (Silva, *Fábr.*, 115: Vá pró raio que o parta, seu *fedúncias*!); *fifi*, na linguagem popular a menina da Baixa lisboeta, pretensiosa e presumida; *fúfia*, a mulher ridiculamente vaidosa e pretensiosa (Rib., *Tombo*, 63:... até deu à *fúfia* a caça que trazia ...); *figurino*, a pessoa que traja com afectação; *menina-bem*, *menina-canasta*, a mulher jovem afectada, ociosa, elegante e presumida; *menino-bem*, *pãozinho* e *papa-fina*, indivíduo pretensioso, presumido e efeminado que se presta à troça; *papo-seco*, na linguagem popular,

alguém que é apurado no trajar; *perna-fina*, o peralta e *perna-tesa*, o peralta pobretão; *pimpão*, o janota ridículo; *pinoca* (ou *menino*) *pipi*, na gíria, o jovem adamado e excessivamente enfeitado e presumido (Sttau, *Ang.*, 111: Julgas que sou algum *pipi*?); *sécio*, o indivíduo que traja com afectação. No âmbito das expressões verbais podemos ainda citar: *andar todo liró*, ou seja, andar vestido com apuro (Rib., *Via*, 49: Duas damas requintamente *lirós* apeavam) e *estar (andar) nos trinquês*, isto é, estar (andar) muito elegante (Amado, *Mar.*, 72:... *anda* hoje nos *trinquês*...). *Trinquês* (bras.) tem no português europeu a forma *triques* que também pode ter a função de adjectivo e, na gíria, significa aperaltado (God., *Calc.*, 331: saia estreita pelos joelhos e blusa *triques*).

III / DEFEITOS MORAIS E MENTAIS

Bom número de eufemismos de delicadeza referem-se às denominações de defeitos mentais que, na maior parte das vezes, se procura atenuar na língua falada e escrita. Os diferentes géneros de anormalidade mental, mais ou menos afastados do estado normal, foram sempre largamente eufemizados. Mesmo os termos cultos e científicos usados pelos médicos como *alienação*, *demência*, *inépcia*, *insânia*, *vesânia* podem, em determinados contextos, quando não são simples termos técnicos, servir de eufemismos. Mas estes termos, não pertencem à linguagem falada corrente. Pelo contrário: a forma truncada *neura*, proveniente do termo científico *neurastenia* e significando irritação nervosa além de maluqueira ⁽¹⁷⁾, é de uso frequente na linguagem falada (Rib., *Arc.*, 210: Bem sei, a tua *neura* vinha de trás).

1. *Estupidez e imbecilidade*

Mas vamos ocupar-nos primeiro do conceito *estúpido* para o qual as denominações são mais numerosas do que para o conceito de louco ⁽¹⁸⁾. Embora a estupidez não seja

uma doença mental no sentido rigoroso da palavra, podemos situá-la na vizinhança dos defeitos mentais.

Só depois trataremos dos eufemismos para *loucura*.

Bobo, estúpido, imbecil, maluco, tolo, tonto, com certas diferenças no emprego, são frequentemente substituídos por expressões vagas ou gerais. Assim já temos ouvido dizer de um *pobre de espírito* que é um *santo que não faz mal a ninguém* ou, com um diminutivo eufemizante, que é um *santinho* ⁽¹⁹⁾, é um *inocente*, um *ingénuo*, um *pobre* (ou um *simples*) *de espírito*, o que é um eufemismo evangélico. Também se ouve dizer que uma pessoa é *pouco inteligente*, *não é muito bem dotada*, *fraco de ideias*, ou *pouco esperta*. Já parece menos delicado dizer de alguém que *não está bom da cabeça* ou que *não regula bem (do juízo)*; na língua popular *da bola, do caco*), que *tem um T na testa* (Schwal., *Poema*, 177: *Vês-me algum T na testa*), *tem falta de razão (de tino)* ou *tem o último andar pouco mobilado*.

Determinadas perífrases como *não tem os cinco (sentidos)*, *não tem os cinco alqueires bem medidos* (N., 104) ou *não vê um palmo diante do nariz*, no sentido de estúpido ou muito ignorante, são usadas com muita frequência pelos falantes. Não é raro o imbecil ser denominado com uma forma diminutiva de carácter eufemizante como *parvinho, tolinho, tontinho* e ainda *esquecidinho* ou um aumentativo *parvalhão*.

Papa-açorda (Nag., *Dumm*, 17) ou *papa-la-açorda* (Rib., *Món.*, 22: Ela não fazia caso, toda *papa-la-assorda...*) refere-se a alguma coisa de comestível. Enquanto que *papa-moscas*, que significa basbaque, pessoa simplória e aparvalhada, deve ser antes devido ao hábito próprio do parvo de ter a boca aberta. O tolo que não sabe o que diz, que se baba, é também chamado *baboso*.

Chama-se-lhe ainda *lapuz, lapão, lapantana, lapardão, lapardeiro, lapónio, laparoto, lapardas, lapouço*. Todas essas palavras, aparentemente da mesma família, cuja raiz é *lapa*, grande laje que, em montes ou rochedos, forma

cavidade, parecem-nos motivadas pelo significado labrego, campônio, coelho ou macho da lebre até aos três anos.

Além disso temos ainda nomes de frutas que metaforicamente designam a pessoa simplória, de cabeça chocha, que não tem miolo, em expressões como *cabeça de abóbora*, *de avelã*, *de alho-chocho*. Também *banana*, *bananeira*, designam o pateta e *abananado* emprega-se com o sentido de aparvalhado (Ram., *Farpas* X, 276:... dentro do seu pequenino crânio a malícia de Bertoldinho se achava aliada à finura de Policarpio *Banana*). Na língua popular usa-se *nabo* (Silva, *Fábr.*, 312: — Falo contigo, falo! És um *nabo*!), com o mesmo sentido, no Alentejo, *bogango*, uma espécie de abóbora. Também o *chochinhas* significa palerma, parvo.

Bastante numerosos são os nomes de animais ⁽²⁰⁾ que metaforicamente designam uma pessoa estúpida. Assim por exemplo: *animal*, *asno* com as suas variantes *cara de asno*, *pedaço de asno*, *pele de asno*. Outros são *besta* (*quadrada* ou *chapada*), sobretudo empregado no Brasil; *bestunto*, provavelmente derivado de *besta*; *burro*, o jocoso *bate-orelha*, *burro*, com o prefixo intensivo *arquiburro*, *cabeça de burro*, *jumento*, *jerico*, *cavalgadura*, *quadrúpede*. Ocasionalmente ocorre *camelo*, *camelídeo*, *camelório*, este último com o sentido de pessoa extremamente estúpida, bronca e palerma (Fial., *Gat.* II, 59: — Oh meu *camelo*! Pois não vês que tudo isto são bonecos de cordéis?; Toj., *Putos*, 53: — avança *camelório*!). O *otário* (ou *ontário*) é um animal semelhante à foca. Na gíria um *ontário* é um indivíduo meio idiota, de credulidade pacóvia e em especial aquele que é vítima da burla conhecida por conto do vigário (N., 106). Ainda *toupeira*, por ver muito pouco, ocorre com o sentido de pessoa intelectualmente cega, ignorante, estúpida.

Também alguns nomes de aves como *papalvo* e *paspalhão*, que designam a codorniz ⁽²¹⁾ passam a representar o estúpido (God., *Calc.*, 58: — Para onde vais

tu, *paspalhão*? Cort., *Lodo*, 14: Não sou *paspalhão* nenhum...). O mesmo se pode dizer de *pato* e *patola* que é um derivado de *pato*.

Quanto aos insectos podemos citar a *cabeça de grilo* ou o *miolo de grilo*. Alguém que tem *minhocas na cabeça* é uma pessoa com manias.

A cabeça do homem, considerada a sede do juízo, desempenha um papel importante nestas expressões. Uma pessoa sem tino ou estonteada, é um *cabeça de vento*, *dá com o juízo em pantanas*, *dá-lhe volta ao miolo*, ou, metaforicamente, *tem passarinhos* (ou *macaquinhos*) *no sótão*; *tem pouco fósforo*, expressão bastante recente, influenciada, segundo nos parece, pela publicidade feita para certos produtos farmacêuticos fosfatados; *tem falta de miolo*, *tem pancada na mola* (Camilo, *Teatro* III, 91: *Tem grande pancada na mola!*), *Tem avaria no casco* (ou *na máquina*) ⁽²²⁾ *daí está avariado*, *tem uma aduela a menos* (N., 129), *tem um parafuso a menos* ou *falta-lhe um parafuso*, como se a cabeça fosse um maquinismo (Rib., *Arc.*, 114: *Trazes o parafuso desarranjado*); *tem teias de aranha na cabeça*, *tem areia na cabeça* (ou *no caco*), *tem pílulas no capacete*, e daí, por elipse, o *pílulas* ou *pirulas* (N., 115; Rodr., *Casa*, 65:... julgámos que estava mesmo *pirulas*); ou o *trouxa*, na gíria.

Ao lado de *avariado*, que evoca uma máquina, ainda há outros termos semelhantes como *desafinado*, *desarranjado* (*do miolo*), *desatinado*, *desconcertado*, *desaparafusado* (Freire, *Talvez*, 237: — Tu e o teu irmão Hugo fostes sempre uns *desaparafusados*...), *desequilibrado*, *destravado*.

A deficiência mental é às vezes expressa por *acanhado*, quer dizer que a característica do indivíduo que utiliza de preferência a mão esquerda, serve para exprimir o conceito de estúpido.

Também *lorpa*, *pacóvio* (N., 107) *palúrdio* (Rib., *Quando*, 99:... os presentes de lamber o beijo que da serra

não despegavam de lhe mandar, os *palúrdios*...), *patareco* ou *pataroco* (Red., *Muro* 261:... ficará *pataroca*...), *pateta*, *patola*, *tanso* (Id., *ib.*, 202:... no fundo é um *tanso*...; N., 127), *tapado* (N., 127) *que nem uma porta* (Rib., *Cinco*, 56: — O moço não é *tapado de todo*...), *variado* (N., 133), *varridinho* (ou *viradinho*) *do juízo* (Torga, *T.*, 44: O pai, um homem tão rijo, tão valente — *varridinho do juízo*...) são outras tantas expressões para o débil mental.

Na Beira o simplório é chamado um *bom-serás* (Sim., *Am.*, 132: Este *bom-serás* toma-nos muito a sério).

A ausência de conhecimento, a ignorância, que pode ser uma forma de estupidez, exprime-se muitas vezes por *não saber* (ou *pescar*) *bóia*, *não saber patavina* ou *ser de letras gordas* o que qualifica um indivíduo de pouca instrução, ignorante (Rib., *Quando*, 187: Os polícias eram gente *de letras gordas*...).

O conceito de rústico liga-se ao de gente estúpida. Assim é que *labrego* chega a significar estúpido (23).

É bastante frequente nomes próprios de pessoas passarem a designar o estúpido. Escolhem-se para esse fim, por via de regra, os nomes mais vulgares ou então os nomes mais raros e um tanto ridículos. Assim por exemplo: *albano*, *alonso*, *alvarinho*, *ambrósio*, *aurélio*, *barnabé*, *bernardo*, *bertoldo* e *bertoldinho* (Ram., *Farpas* IX, 152: o tipo imbecil e grotesco de *Bertoldinho* é tudo quanto tínhamos na tradição como expressão pitoresca da alma popular). Por via literária veio *calino*, *inacinho*, *jagodes* (Silva, *Terra*, 196: O *jagodes* dava pulinhos na cadeira...), *joão*, *joão-da-horta*, *lopes*, *lucas* (provavelmente por analogia fonética com *louco* e *maluco*), *mané*, *manel*, *manécoco* (Fial., *Gat.* V, 250:... como neste País tudo continua a estar nas mãos de dez ou doze *manécocos*...), *mané-jacá*, *mané-zé*, *manuel-da-horta*, *mané-carolo*, *mateus* e *matias* (provavelmente por analogia fonética com *matuto*) (Fig., *Dic.*, 288: Não se troça — é de burros — o diminuído mental, o *Lucas*, o *Matias*, o *Tone*, *pancrácio*,

pantaleão, sebastião, simão, sonho, tonho, zé-godes (cf. *jagodes*), *zé-piegas, zé-quitólis, zé-da-véstia*.

A mulher estúpida é chamada *amélia, basilinha* ⁽²⁴⁾, *engrácia, maria-ingélica* ou *roberta*.

Alguns apelidos eufemizam também o conceito de estúpido. Assim temos *guedes, paio, queirós*.

Determinados nomes étnicos que designam povos ou habitantes de certas localidades, servem concomitantemente para designar uma pessoa tola. Assim, por exemplo, *alarve* (= árabe, beduíno) (Rib., *Tombo*, 170: Que grande *alarve* você me saiu!), *botocudo* (bras.), *matuto* (derivado de *mato*) e *palerma* que tem talvez algo a ver com a cidade siciliana de Palermo.

Cretino (Rib. *Láp.*, 52: Arrepelando-me, chamei-me desastrado e *cretino* três vezes), que é forma aportuguesada do francês *crétin*, designava primitivamente o cristão.

Também *gágá* é uma palavra importada do francês.

2. A loucura

As fronteiras semânticas que separam os conceitos de *estúpido* e *louco* estão longe de serem rígidas. Quer isto dizer que há bom número de expressões que podem designar tanto a estupidez como a loucura, no sentido patológico da palavra. Sobre as doenças mentais pesa em toda a parte uma interdição muito forte e complexa. Tem-se-lhes temor e procura-se evitar tanto quanto possível falar nelas, sem velar esse conceito.

Há muitos eufemismos para *doido* e *louco*. Em parte trata-se de termos científicos que, de uma maneira geral, são de per si já eufemizantes como *alienado, anormal, atrasado* (ou *débil, doente*) *mental, demente, insano, lunático, mentecapto, vesano* e os respectivos substantivos *alienação, desarranjo mental, demência, doença mental, insânia, vesânia*. Quando se trata de crianças problemáticas

que não têm o desenvolvimento mental correspondente à sua idade, fala-se em crianças *atardadas*, *atrasadas* ou *retardadas*.

O enfermo que sofre das faculdades mentais chama-se com maior frequência na língua falada *azarotado*, *chalado*, expressão plebeia para *amalucado*; *chalupa* (N., 63; Silva, *Fábr.*, 114: Desde aí, a moça ficou um pouco *chalupa*...), *chone* expressão da gíria (N., 64); *doido* (*varrido*), *doidivanas*, *fraco da cabeça* (*do siso*); *idiota*, embora o vocábulo seja um latinismo; hoje em dia é de uso geral, *liru*, termo da gíria (N., 96; Rodr., *Est.*, 77: Será *liru* este mocinho?); *maduro*, *maluco*, *maluquinho*, *marado* (N., 98), *orate* (Rib., *Quando*, 78; Pareço-lhe *orate*), *tarado*, *zaranza* (Fial, *País*, 252: — Vê se te despachas, *zaranza*!), *zorate*, *zuca* (Andr., *Grades.*, 148: — Mas o Gil diz que a gente é *zuca*; N., 136).

O lugar onde os doentes mentais recebem assistência médica chama-se *manicómio*. Mas para a clientela mais abastada é antes a *casa de saúde*, um hospital particular, o *hospital psiquiátrico* ou o *sanatório*. Os grandes hospitais de alienados conhecem-se geralmente pelos nomes que têm ou pelas localidades onde se encontram. Assim, em Lisboa, fala-se em *veranear* (*descansar*) *para o Júlio de Matos* ou *ir veranear para Belas*, *estar em Rilhafoles*. Júlio de Matos era um notável psiquiatra português e autor dum Manual das doenças mentais, e Rilhafoles era um palácio de Lisboa, depois transformado em hospício de doidos. Belas fica cerca de Lisboa. No Porto os doentes mentais *vão para* (*o*) *Conde Ferreira*.

3. *Arrelia*, *zanga* e estados afins

A *arrelia* e estados afins como o *aborrecimento*, a *birra*, a *má catadura*, a *cólera*, o *desgosto*, o *enfado*, a *irritação*, a *sanha*, a *teimosia*, a *zanga*, têm, na vida do dia-a-dia, à sua

disposição uma série de expressões que podem assumir funções eufemísticas.

Assim, por exemplo, *andar esquentado*, em que o estado fisiológico de uma pessoa traduz a cólera. *Andar chateado* (*chatear-se*) e a interjeição interpretativa de contrariedade *chatice!* (Red., T. II, 111: Isso dá *chatice*) são muito usados, embora os preceitos da cortesia proibam o emprego de tais expressões na língua dos bem-falantes. *Ficar de trombas* (*entrombar-se*) quer dizer mostrar má cara, zangar-se e refere-se, com a designação depreciativa para cara, à expressão do rosto, aos lábios projectados de uma pessoa carrancuda. *Encavacar* é uma expressão familiar e emprega-se para exprimir que alguém dá mostras de enfado ou zanga por ser objeto de troça ou de pirraça. *Faz-me ferro aquilo* ou *estou com ferro* significa na língua popular arreliar-me (Rib., Volf., 50; ...estava com a morte no gasganete e, com *grande ferro* da parentela, não acabava de despegar). Muito zangado, irritadíssimo, na linguagem familiar diz-se *andar* (*estar* ou *ficar*) *fulo* (Rib., Tombo, 195: ...é por isso que as fêmeas, à volta, *andem fulas*...: Red, Vind., 54: — o palhaço italiano ia ficar *fulo*!). Muito frequente é a expressão *ir aos arames* no sentido de irritar-se (God., Cal., 251: ... recusando-se a todos os contratos com padrões de outras terras, *foi aos arames*...). O mesmo se pode dizer da locução popular *ir à serra*, zangar-se melindrar-se (Red., Muro, 108: ...não tem barriga para lhe meterem a espora da brincalhotice. *Vai à serra* depressa). Ficar amuado, teimoso como um bezerro, é na língua popular *embezerrar*. *Ficar fora de si* ou *não estar em si* traduz o estado desvairado, exaltado de uma pessoa. Em várias locuções a *mosca* serve de meio eufêmico para exprimir figurativamente o estado de irritação de uma pessoa. Assim *deu-lhe a mosca* (Fig., Dic., 110: e somente acudia àquelas urgências e avarias aldeãs quando lá muito bem *lhe dava a mosca*), *estar com a mosca*, estar irritado, o que se diz especialmente dos burros e dos cavalos, *picou-*

lhe a mosca, mordeu-lhe a mosca (Paço, *Cump.*, 96: — Que *mosca te mordeu* para apareceres por lá?), *vir mosca* (Bar., *Malta*; 103: — O meu (= marido), atão, *vinha mosca*). De alguém que se enche de fúria, ouve-se dizer que *lhe subiu* (ou *lhe chegou*) *a mostarda ao nariz*. E quando uma pessoa está de má catadura pode dizer-se que *está de monco de peru* (Cort., *Lá-Lás*, 134: Mande-te chamar porque a tua irmã *está de monco de peru*).

4. *Censura, descompostura*

Os verbos *censurar*, *descompor*, *repreender*, são com frequência eufemizados pelo simples *falar* (*falou-me*, porque não fiz o que ele me disse).

Na linguagem popular emprega-se a expressão *desanda* para repreensão acerba, reprimenda. Quando é violenta, áspera fala-se em *dar uma descompostura*.

Metaforicamente exprime-se a ideia de repreender por *dar um sabão*, *um sabonete* ou *dar uma ensaboadela*. Na linguagem familiar e popular aparecem expressões como *esfola-gatos* (Rib., *Cinco*, 126: — Eh, Magalhães, *esfola-gatos*, *Mata-cães!*), *lembrete*, *ralhete* (Nam., *Cland.*, 330: — ... Jacinta, sensível aos *ralhetes* de Bárbara, não tardaria mais que uns minutos...), *raspanete* que é mais brando e mais generalizado que *raspanço* e *sarabanda* que se baseia na comparação depreciativa com a dança.

5. *Mentira*

Mentira, *mentiroso*, *mentir*, palavras bastante fortes são, por delicadeza, normalmente substituídas por outras que disfaçam o termo desagradável. Diz-se antes: *O senhor afirma alguma coisa que sabe ser contrária à verdade*; *imagina (inventa) coisas ou histórias (da carochinha)*; *falta*

à verdade ou está sonhando; o que diz é *palavreado*, são *cantigas*. A mentira transforma-se em *invenção*, *inverdade* ou *fábula*. Às vezes emprega-se também uma palavra estrangeira, de origem inglesa, como *bluff*, para exprimir o conceito de engano, falta à verdade. Uma das expressões mais usadas para mentiroso é *aldrabão* e *aldrabice* para mentira, que são de proveniência árabe.

Na língua popular ouve-se *pregar uma escova* com o sentido de impingir uma história, na gíria *meter o urso* (N., 100). Largo emprego têm expressões como *endrômina* ou *indrômina* (Rib., *Arc.*, 40: O Ruas avaliava agora a vantagem que havia em ter semelhante *endrômina* a talhe de mão); *batota* (Rodr., *Inst.*, 255: Não, não ia na fita, estava já a fazer *batota*), *galga*, *peta* (Camilo, *Teatro* III, 144: Tudo aquilo é *peta* !); *lampana*, *lérias*, sempre no plural (Camilo, *Teatro* III, 175: não me conte *lérias*!); *lona*, *pala*, *palão* (Rib., *Tombo* 204: P.^o Facundo:... o meu amigo está danado e bem danado... Evaristo: é *palão*.); *patarata*, no sentido de mentiroso (Rib., *Arc.*, 142: Era nisso que fazia finca-pé para com aquele *patarata* do Ricardo...); *patranha*, grande *peta* (Rib., *Arc.*, 142: ... já toda a gente desconfia que é *patranha*), *peta*, *pomada de cheiro* no sentido de mentira grande; um *pomadista* é um indivíduo mentiroso; *tretas*, sempre no plural, é muito usada para mentiras. Com o sentido de aldrabão, de indivíduo de pouco crédito, ocorre *troca-tintas* (God., *Calc.*, 62: — Isso prego eu desde que casámos, meu *troca-tintas*).

Qualquer coisa de oco serve para exprimir o conceito de mentira. Assim *meter a bola* significa mentir, espalhar um boato. Uma bula foi antigamente um selo de que usavam os papas e os soberanos, uma carta patente, letras apostólicas. *Contar bulas*, hoje em dia, no sentido figurado, quer dizer contar petas. Para significar um conto mentiroso emprega-se na língua popular a expressão o *homem das botas*. Daí *bota* no sentido de *peta*, boato falso.

O nome próprio de pessoa *boleno*, *bolena* (de Ana Bolena) emprega-se também para significar homem ou mulher mentirosos.

6. *Avareza*

O amor e apego sórdido ao dinheiro, a *avareza*, que está intimamente ligada com os conceitos de mísero, pequeno e sórdido, requer eufemismos que possam adoçar a brutalidade ou a inconveniência social deste conceito.

Um indivíduo muito avarento é chamado um *unhas de fome* ou um *unhas* (Rib., *Quando*, 105; Este cônsul é um *unhas-de-fome*) ou até, burlescamente, um *unhacas* (Sousa, *Bairro*, 171: — bom negócio, ó *unhacas!*). *Unha* significa nestes casos, que alguém não larga o seu dinheiro das mãos, que fica agarrado às suas posses.

Na língua popular usa-se *forreta* (derivado de *forro*) e *forra-gaitas* para designar uma pessoa avarenta (Rib., *Casa*, 378: ...tinha fama de sorrelfa, matreirão, e o primeiro *forra-gaitas* da comarca).

Alguém que é avarento também é chamado *agarrado*, *apertado* (*da unha*), ou *apertadinho* (é muito *apertado*, não dá a ninguém), *arrepanhado*, *esganado*, *interesseiro*, *somítico*, *tacanho*, *tenaz*, *tranca*.

Uma pessoa sovina chama-se ainda *fona* ou é uma *mão de finado*, um *mesquinho*, um *miserável*, um *pelintra*. No Brasil, um *vinagre* que equivale a indivíduo usurário.

O nome de um animalzinho do género da marta, a *fuínha*, também serve como eufemismo para o somítico.

Na língua popular o termo *futre*, proveniente do francês, é empregado com o sentido de sovina.

7. Embriaguez

Deve ser difícil encontrar outro domínio lexical em que haja maior número de sinónimos e de eufemismos do que à volta do conceito da embriaguez.

As designações para embriaguez e tudo o que se liga a este conceito, são extraordinariamente abundantes e diversas. A volubilidade nesta zona do léxico é enorme. Estas expressões podem morrer tão depressa como nasceram e parecem estar em constante evolução.

Não podemos dar aqui senão uma pequena amostra destas expressões usadas para eufemizar *embriaguez*, *embriagar*, *embriagado* e remetemos o leitor para o nosso estudo sobre as designações portuguesas para embriaguez (cf. Bibliografia).

A embriaguez é um estado físico que se presta tanto ao desprezo ou à ironia, como à compaixão e à simpatia. Especialmente de pessoas de uma certa categoria social não se costuma dizer que estão *bêbados*, *borrachos*, *ébrios* ou *embriagados*. Dá-se antes a entender, aludindo ao seu estado físico, sem especificar nitidamente, que beberam demais, empregando expressões atenuadoras como *estão alegres*, *entrados*, *beberam uma contita a mais*, *vão bonitos*, o que já é irónico, *estão tocados (da pinga)* e outras semelhantes que representam um modo mais delicado de dizer que estão bêbados.

Em vez de *apanhar uma bebedeira* não é raro ouvir-se eufemisticamente *apanhar uma*. Além do artigo indefinido emprega-se também o pronome pessoal sujeito *ela* para substituir o substantivo mal soante ou indelicado, dizendo-se então que *está* ou *anda com ela*, quando as circunstâncias indicam claramente de que é que se trata. Além disso a forma do complemento directo ocorre com frequência como substituto da palavra que poderia ofender, dizendo-se então que *está a curti-la* ou *a cozê-la* (Rég., *Salv.*, 107: *Devas era ir curti-la p'r'a toca...*).

Estar ébrio, alcoolizado ou etilizado são eufemismos eruditos que, na língua familiar, se traduzem simplesmente por *estar bêbado* ou *embriagado*. *Etilizado* é a expressão uniforme para bêbado nos autos da polícia (Paço, Nov., 15: ...absurdo seria que se pudesse *etilizar*...).

Uma conhecida designação burlesca para o vinho é *chá de parreira*. A respeito desta expressão, Ramalho Ortigão nota nas *Farpas* (XI, 241) que “o povo tem esta bela máxima: “O meu *chá* é de *parreira*” e um pouco mais adiante, “o povo... bebe o *chá do Cartaxo, do Lavradio, de Carcavelos*”. *Tomar chá de parreira* significa tanto berber vinho como embebedar-se. Beber vinho fora das refeições e, sobretudo, sem comer nada, é tido como pouco conveniente, ordinário até, entre gente fina. É por isso que pessoas de certa categoria, não se querendo privar do prazer de vinho sem comer, mas, ao mesmo tempo, não querendo prejudicar a sua consideração social, mandam por vezes servir o vinho como se fosse chá, o tal *chá frio*, servido em chicara.

É frequente que designações para vasilhas, sobretudo recipientes para líquidos e, entre estes, em primeiro lugar aqueles que servem para conservar vinho ou nas quais se bebe o vinho, passem a designar o bêbado e daí também o sentido de embriagado, quer dizer cheio como o respectivo recipiente. Mais raro é essas designações empregarem-se para exprimir a embriaguez propriamente dita. Nesta ordem de ideias temos *alanternado* (*lanterna* = garrafa ou copo de vinho), *borracho*, *caneco*, *copo*, *cuba*, *decilitreiro* (Fial., *Gat.*, I, 116: ... Sérgio é um desses decilitreiros...), *enfrascado*, *engarrafado*, *odre* (God., *Calc.*, 29: — Ó tio Freitas, bote lá mais uma picheira, que eu quero ver quanto leva aquele *odre*!), *odre de vinho*, *pipa*, etc. No sentido de beber muito emprega-se *jarrear*.

Em português, como noutras línguas, há expressões em que parece dominar a concepção de o embriagado ter uma espécie de doença do cabelo ou de pele, ou de ele ter

alguma coisa que lhe cobre a cabeça. Assim *cabeleira*, *peleira*, *peruca*, etc. eufemizam a bebedeira. É bastante grande o número de metáforas para embriaguez provenientes de coberturas de cabeça e doutras peças de vestuário como, por exemplo, *carapuça*, *cartola*, *opa*, *pala*, *touca*.

Determinados estados e graus da embriaguez prestam-se muitíssimo bem a serem comparados com certas doenças. Na maioria dos casos temos de partir daqueles sintomas da embriaguez, que aparecem igualmente como sintomas dessas doenças, cujos nomes, não raras vezes, se empregam então metonimicamente para embriaguez. Neste sentido temos *carraspana*, *cega* (Red., *Barca* 292: ...pregou-me ontem uma *cega*...), *constipação*; e de quem está embriagado, diz-se que *tem os pés inchados*, *está toldado*, *anda turbado* ou *anda com zerpelão*.

Azul, no sentido de embriagado, provém muito provavelmente das perturbações da vista, da impressão de ver tudo enevoado, indistinto. Assim, *estar* ou *andar azul*, significa estar com um grão na asa. No Brasil *azuladinha* é cachaça.

Um número bastante grande de designações para embriaguez é constituído por nomes de animais.

As aves cujos nomes servem como metáforas eufemizantes para embriaguez são quase todas pernaltas, com excepção da *rola* e do *pombinho*, e têm movimentos estranhamente pesados quando andam no solo, sendo o seu andar semelhante ao de um bêbado. É o caso da *cegonha*. Mas talvez, como já supôs Silva Correia (646), se trate aqui de uma alteração eufemística de *cego* (God., *Cru.*, 79: — Então ontem, Diamantino, que tal foi a *cegonha*?). O facto de dar-se álcool aos perus antes de os matar, pode ser a razão de *perua* passar a significar bebedeira, mas não é impossível que se tenha de tomar o movimento da ave como ponto de partida. A expressão, em todo o caso, é conhecidíssima em todo o país. Menos conhecido é *garça*.

O Brasil conhece as expressões *estar montado na ema*, *andar cercando frango*, *tomar um ganso*. Junte-se aqui a expressão comum *estar com um grão na asa* (Fial., Gat. IV, 139: ...o senhor... de volta das hortas *com um grãozinho na asa*...).

Em comparação com os restantes nomes de animais que servem de metáforas para embriaguez, o número de nomes de mamíferos é muito considerável. Com o significado de embriaguez temos *bezerra*, *bode*, *burro*, *cabra*, *cabrita*, *cachorra*, *cadela*, *carneira*, *chiba*, *égua*, *garrana*, *lebre*, *mona*, *mula*, *porco*, *rato*, *senisga*. Entre os animais de rapina *doninha*, *fuinha*, *gata*, *raposa*.

Alguns nomes de plantas, provavelmente por causa do seu efeito atordoador, figuram também entre as designações para embriaguez. Assim, por exemplo, *coca* e *troviscado*.

O número de nomes de fruta é relativamente pequeno: *cacho*, *marmelo*, *nabo* e *nêspira*.

Há também uma série de denominações de bebidas como *pinga*, *piteira* (God., *Calc.*, 87: o capataz da casa era... carregado de janeiros e *piteireiro* de arromba para mais), *vinagreira*, etc. que servem de substitutos para bebedeira, das quais *pinga* é a mais conhecida.

A falta de equilíbrio que produz a embriaguez, o cambaleio do bêbado, dá origem a expressões que velam um tanto jocosamente a bebedeira. Assim por exemplo: *anda aos ss e rr* (ou *aos tombos*), *anda aos zigue-zagues*, *anda carregado dos machinhos* (Id, ib., 58: *Estavam os machinhos carregados...*), *fica entre as dez e as onze* (Rodr., *Nus.*, 71: *Às vezes fico entre as dez e as onze*), *vai chumbado*, *vai que nem um andor*, *está tem-te não caias* (God., *Calc.*, 57: — Mentem, está visto! — esclareceu a Maia, *já tem-te não caias*).

Palavras que designam barulho, canto, música podem significar metonimicamente a bebedeira. Nesta ordem de ideias temos *cançoneta*, *chula*, *mazurca* (Talvez uma alteração de *zurca*), *ôrgão*, *rusga*, *zangurriana*, *zoeira*.

Entre as metáforas para embriaguez também há expressões que designam imundícies como por exemplo *berzunda*, *berzundela*, *cardina* (Rib., *Terras*, 13 — Estavas com uma *cardina* que nem te lambias).

Alguns nomes próprios de pessoas e nomes de povos encontram-se entre as designações para embriaguez, como *bernardina*, *catarina*, *chumberga*, *joaquina*, *Noé*, *silvaninha*, *tonha*. Muitíssimo frequente é *turca* com o sentido de bebedeira (God., *Calc.*, 234: — Ena, *a grandíssima turca* que eles trazem! —).

Ocasionalmente ocorrem nomes de lugar, como *andar das bandas de Vinhô*, *entrar na vinha do Senhor*, *ir a Montalegre e passar por Arcos* que eufemizam estar embriagado.

A maioria das expressões que designam a embriaguez são substantivos femininos. A partir de *estar com ela* (= *estar com a bebedeira*) explicam-se expressões como *estar com uma cachopa*, *com uma amiga*, *vai com uma esposa*, *leva uma prima*, *apanhou uma senhora*.

Entre os estrangeirismos aparece com a maior frequência a expressão *piela* que é de origem cigana (Rib., *Lap.*, 99: ...o guarda-nocturno, prestigiado como qualquer marechal dos exércitos, teria por missão, acima de tudo fornecer o pavio grátis a quem fosse deitar-se tarde e aos tropeções, depois duma *pielazinha* comedida).

O consumo de bebidas alcoólicas que produz no bebedor um certo calor e que pode provocar-lhe até excitação chega por metonímia a designar a própria embriaguez. *Estar quente*, *ter os faróis acesos*, *incandieirado*, *vai quente* ou *anda quente da orelha* exprimem, tal como *vai com uma furiosa*, o estado esquentado do bêbado.

Ao grande bebedor chama-se uma esponja, um *poço sem fundo*, um *seca-adegas* (Silva, *Fábr.*, 261: o Smith... é cá um *seca-adegas*!) ou um *emborca-latas* (God., *Calc.*, 87:... tio Terezo — assim se chama o *emborca-latas* —).

A expressão mais usual para a sede pós-embriaguez ou para aquela sensação característica de ter a garganta seca depois de uma grande bebedeira, é *sabe-me a boca a papel de música* ou *papelão*. Alves Redol, no seu romance *A barca dos sete lemes* (192) emprega uma expressão muito pitoresca para interpretar a mesma sensação: “O Ti João pregou-me ontem uma cega tão grande, que ainda agora *a boca me sabe a ferraduras de burro...*”.

IV / A SITUAÇÃO FINANCEIRA

1. *Pobreza*

Quem diz que pobreza não é vileza não tem siso na cabeça, como diz o provérbio. E já que a pobreza é considerada humilhante por muitas pessoas, torna-se necessário eufemizar expressões como *aperto*, *escassez*, *estreiteza*, *falta de dinheiro*, *míngua*, *penúria*, *pobreza* e outras semelhantes.

Há substitutos eufemísticos que não fazem senão vagamente alusão ao estado de pobreza de uma pessoa ou se referem à sua falta de sorte, como: é um *desvalido*, um *desfavorecido*, um *indigente*, que é um latinismo, um *desafortunado*, um *desditoso*, um *desgraçado*, um *infeliz*. O povo emprega *desinfeliz*, um *malfadado* ou quando se diz de alguém que *está atrapalhado*, que *está sem meios* (*sem recursos*), que *anda falho* (ou *desprovido*, *destituído*) *de recursos materiais*, que *está numa situação angustiosa* ou *em dificuldades monetárias*.

Há outros que na sua maioria são francamente jocosos ou depreciativos, como por exemplo: *andar a apitar*, *andar à piranga*, *andar a tinir* (Rib., *Escr.*, 148: O Melo era um mãos rotas que *andava sempre a tinir*); *andar esfalçado*, *andar na dependura* (ou *na pendura*) (Rodr., *Ins.*, 283:... continuava *na pendura*), expressão familiar correspondente

à ruína extrema; *estar em apuros, andar a cair da boca aos cães*, que significa estar na miséria (Rib., *Láp.*, 24: Meia dúzia de escritorecos, com quem se encontra às vezes, *andam a cair da boca aos cães*); *andar (estar) na estica*, que exprime além disso ser extremamente magro; *viver na lazeira* o que corresponde à miséria (derivado de Lázaro); *estar limpinho, estar nas lonas* (Nam., *Cland.*, 333: — Você não me arranja umas traduções? *estou nas lonas*), *estar liso* (N., 96), *estar de tanga* (N., 127: Rodr., *Ins.*, 267: — Querem ir ao Jardim Zoológico com os catraios, já que *estamos de tanga*), *estar tísico* (Corr., 645), *andar peneirento, não ter onde cair morto* (Fig., *Estr.*, 48: ... ficavam *sem ter onde cair morto*), *não ter com que mandar cantar um cego* (Torga, *DI*, 12: Mas ir para onde, se *não tenho com que mandar cantar um cego*...), *estar frito* (Nam., *Min.*, 36: — Tem um lugar nesta casa. Ajuda nas despesas e sempre lhe fica mais em conta. Se vomecê fica na casa da malta, *está frito*...), *estar teso* (Rib., *Láp.*, 60: Das vezes em que *ficava teso*, o que sucedia quase sempre, tirava as luvas dos bolsos com toda a fleuma, dependurava o chapéu no cabide e dava as boas noites) e *ter cotão nas algibeiras*.

Ficar pobre é muitas vezes expresso por designações de moedas de mínimo valor como, por exemplo, *ficar sem uma cheta* (pequena moeda de cobre), *ficar sem um ceitil furado* (uma moeda antiga) (Rib., *Bat.*, 42:... só ao fechar da caixa, vazia, *sem um ceitil furado*, abriu os lábios...), *ficar sem um vintém furado* (Rib., *Bat.*, 188: Não trago comigo um *vintém furado*...), *ficar sem uma de xis* (moeda de dez réis) (Fial., *Gat.* II, 46: — Diabo! fala baixo. O pior é eu não ter comigo *uma de xis*), *sem tusto* (= tostão) (N., 132).

O *mendigo*, que *não tem eira nem beira*, é frequentemente eufemizado por *pobre* ou *pobre de pedir*, *pobre de Cristo*, *pobre diabo*, mas também se fala de *miserável*, *pobreta(i)na*, *pedinte*, *pedincha*, que é alguém que mendiga com uma certa impertinência ou com lamúria.

Pelintra é uma expressão bastante depreciativa para pobre e *arrota pelintra*, *faz de fidalgo* aplica-se a um indivíduo pelintra e bem falante ou presunçoso. Um homem sujo e pobretão é um *côdeas* (Rib., *Estr.*, 86: Tu não passas do António Malhadinhas, um pobre de Cristo, um Zé-ninguém, um *Côdeas* que puxa macho de carga pelo rabeiro). O homem pobre do povo chama-se *pé-descalço*.

Ficar sempre pobre exprime-se na língua do povo por *não passar da cepa torta* ou *estar sempre na cepa torta*.

2. Riqueza

A *riqueza* é traduzida a nível linguístico por fórmulas semelhantes às anteriores na sua estrutura. Vejamos alguns exemplos: *ser abastado*, *estar cheio de dinheiro*, *ser dotado de bens de fortuna*, *estar livre de preocupações económicas*, *não ter problemas financeiros*. Mas é de notar que há muito menos eufemismos para velar a *riqueza*, a *abastança*, a *abundância*, a *opulência* do que para velar a pobreza.

Para *ser rico* ouve-se a expressão *ter lâmpada acesa no Banco de Portugal* (Red., *Barr.*, 38: Toda a gente sabe que *tens lâmpada acesa no [Banco] de Portugal!*...) Na língua falada e familiar emprega-se com o mesmo sentido *ter c'roas* ou então *estar alto* (N., 78), *andar ao alto* (God., *Calc.*, 57: — Então, homem, dizem que *andam "ao alto"*... —), *ter a algibeira quente* que significa ter bastante dinheiro (Rib., *Láp.*, 354: Lá lhe cheirou que eu *tinha a algibeira quente*). O *ricaço* que *está podre de rico*, chama-se na língua culta um *Creso*.

Com a expressão muito conhecida da *árvore das patacas* faz-se alusão, por vezes irónica, à facilidade de ganhar dinheiro, principalmente no Brasil, noutros tempos (Red., *Vind.*, 62: — Vossemecês julgam que a *árvore das patacas* é mesmo uma coisa de levantar a mão e pegar nas moedas

para o saco?!). Aquele que tem muito dinheiro *tem mundos e fundos* ou, como se diz na língua popular, *tem dinheirama*, *tem bago* (*bagalhoça*, *cheta*, *massa*, *massaroca*).

3. Dinheiro

Para o conceito geral *dinheiro* há muitos substitutos. As palavras mais usadas para exprimir este conceito na língua falada e popular são *massa* (Cort., *Lodo*, 6: — Não trago a *massa* na ponta da unha...; N., 99), *massaroca* (Rib., *Quando*, 105: Pois lá fomos os três de ruscata, por Bauru, até Campo Grande, onde se nos acabou a *massaroca*) e *bagalhoça* (derivado de *bago*) (Rib., *Láp.*, 62: ... entraram agora uns sujeitos que têm cara de boas pessoas, não falando na *bagalhoça*).

As expressões mais usadas na língua familiar e popular para ter dinheiro são *ter c'roas* (a coroa é uma moeda de 50 centavos) e, também na forma do plural, *ter cobres* (Fonseca, *Aldeia*, 147:... ia para Cerromaior. Viagem de negócio, ganhar uns *cobres*). Nitidamente eufemística é a expressão muito conhecida *aquilo com que se compram os melões*.

Maquia, palavra de proveniência árabe, ocorre sobretudo na língua culta (Eça, *Cap.*, 179:... o seu bom padrinho lhe deixou grossa *maquia*...) e *lã*, com o significado de dinheiro, que é da língua familiar.

Entre os substitutos eufemizantes para dinheiro há muitos que pertencem à língua popular ou à gíria como por exemplo *aramé* (Rib., *Láp.*, 119: — Vá pelo *aramé* e pague-se), *bago*, *baguinho*, *bagulho* (Rib., *Arc.*, 59: Eu devia ter-lhe exigido *bagulho*...), *balúrdio*, muito dinheiro (N., 51), *caroço* (God., *Não*, 109:... toca a interditar a velhota para apanhar-lhe o *caroço*!), *cascalho* (N., 62), *mosca* (Bessa, 212; Torga, *Sinf.*, 81: O POETA:

Aguardente, já te disse. CAMILA: *Mosca*, primeiro. O VELHO: Pago eu. Podes servir), *painço* (Cort., *Lá-Lás*, 44: Atira-lhe depressa com o *painço*, ou faz pior do que diz). O *painço* é o grão duma planta gramínea que também se chama milho *painço*, como bago é o grão sucoso do cacho de uvas e caroço a semente dura de vários frutos. Todas estas expressões e outras semelhantes servem de metáforas para coisas de pouco ou nenhum valor e exprimem a ideia de dinheiro.

Termos da gíria são *cacau* (Camilo, *Corja*, 115:... três contos ao ano, e talvez mais, pondo-se ele à frente do negócio, e doutros bicos-de-obra que podiam dar muito *cacau*; N., 57), *carcanhóis* (God., *Não*, 140:... ela... não teve tempo de deixar os *carcanhóis*; N., 61), *cebo*, *chinfres*, *ferros* (N., 83), *guita* (N., 89), *lecas* (Rodr., *Casa*, 79: Dá cá as *lecas*), *milho*, *naipe* (N., 103), *pasta* (N., 110; Rodr., *Casa*, 71: Andam cheios de *pasta*, não queiras saber!...), *pilim* (Bar., *Malta*, 152:... passou-lhe a palheta quando lhe cheirou que ele não tinha *pilim*...; N., 114), *taco* (N., 127).

Uma pequena quantia de dinheiro é chamada *chavo* (Rib., *Bat.*, 108: Por aquele rumo não colhia um *chavo*), na gíria *chelpa* (Eça, *Rel*, 267: — Oh Topsisius, que *chelpa* isto me vai render!), *cheta* (Eça, *Cap.*, 139: Vocês agora têm *cheta*, é gozar, é refocilar...). *Ter o seu vintém* ou *dois vinténs* emprega-se com o sentido de ter dinheiro.

Certas designações de moedas antigas, já não em curso, como *ceitil* e *pataco*, ainda ocorrem na língua literária para significar uma quantia de ínfimo valor (Rib., *Bat.*, 187:... não era aquele que arriscava um *ceitil*). *Dinheiro preto*, *dinheiro miúdo* ou *só miúdos* é dinheiro em moedas de cobre (N., 73).

Na gíria a moeda de um escudo é designada por *barrote* (derivado de *barra*, trave) (Rodr. *Casa*, 78:... emprestas-me cinco *barrotes*?), *malho* (Cort., *Lodo*, 6: — Quanto lhe pedi eu noutro dia? DOMINGAS — Quarenta mil réis. JÚLIA Quarenta *malhos*...), *mango*, *manguço* (Toj., *Putos*, 206:

Custa só cinquenta *manguços*), *palhaço* (Rib., *Arc.*, 62: — Trago comigo, quando muito meia dúzia de *palhaços*?...); por fim ainda *paus*, que é sempre usado no plural e constitui a expressão mais usada para escudo na língua falada e familiar (Alv., *Lareira*, 17: A propósito... Emprestas-me cem *paus*?...; N., 111). Em vez de *tostão* emprega-se *tusto* (Toj., *Viag.*, 57: Eu era um pelintra sem *tusto*, percebe?; N., 132). Tratando-se de moedas miúdas, fala-se em *níqueis* (Rib., *Láp.*, 95:... os *níqueis*, ainda na minha mão pelintra, voavam como se tivessem asas) ou, na gíria, em *chumbos*.

Nota de banco de qualquer espécie são *bilhestres* na gíria (Rib., *Láp.*, 5: Tens *bilhestres*?), ou *pápuas* (Red., *Muro*, 154:... havendo *pápuas* não se morre à fome). Uma nota de vinte escudos é *uma folha de alface* (N., 84). Notas bancárias de grande valor são chamadas *lençóis*. A nota de um conto é um *linguado*, um *pacote* (Correia, *Est.*, 19: Mal empregados setecentos *pacotes*...) ou um *quilo* (Paço, *Tons.* 7: Eu tenho o meu rico dinheirinho a arder; não é lá qualquer coisa, são novecentos *quilos*...). A nota de cem escudos, na gíria, é um *pintor* e a de cinquenta *meio pintor* (N., 114, 100). Na língua falada, uma *nota* são cem escudos e uma *nota grande* é um conto.

Como latinismo usa-se, sobretudo na língua literária, *cumquibus* para dinheiro (Rib., *Bat.*, 123: À força de onzena e ajudado do aro de ouro que lhe saiu na vessada e converteu em *cumquibus*, amassou um fortunão) que deve ser a base de *cunques*, usado em Trás-os-Montes.

Às vezes ouve-se o já antigo anglicismo *moni* (Bessa, 210; Bar., *Malta*, 130: — Máquina não havia, portanto só alugando. E isso implicava que houvesse com que pagar o alugar. — E o *moni*?... — questionámos).

Determinados pronomes ocorrem também como eufemismos para o conceito de dinheiro. Assim, por exemplo, o pronome oblíquo *o* é muito frequente na substituição desse conceito (Din., *Espólio*, 202: — Que vale tê-lo, se se não sabe aonde?); o pronome sujeito *ele*

(God., *Não*, 150: — É um patricio nosso, que tem estado na América, e voltou agora à terrinha... “cheio *dele*”); e, muitas vezes ligado com o gesto que indica dinheiro, o demonstrativo *isto* (Rib., *Quando*, 75: — Para fazer uma casa é preciso *disto*. O filho que continuava de bruços, não viu o gesto despiciando. — isto quê? — *Isto*... — e o pai voltou a rolar o grosso polegar sobre o Index, já o filho, havendo toscado o gesto, escusava bem de lhe ouvir: — *Isto*... bagalhoça. Tens?). Quem *anda a apitar* não tem dinheiro.

4. Dívidas

A palavra *dívida* pertence aos termos duros que se procuram evitar. Fala-se antes em *compromissos*, que podem ser dívidas a solver em determinado dia; *empenhos* ou em *obrigações* que são documentos escritos pelos quais alguém se obriga ao pagamento de uma dívida. Um negociante que se endividou e que *está em falência*, suspendendo os pagamentos, é um negociante *falido* ou *quebrado*. A *quebra* fraudulenta é chamada *bancarrota*, italianismo que entrou em uso. Uma pessoa que deve muito dinheiro *deve os cabelos da cabeça (os olhos da cara)*, ou *está endividado até aos ossos*. E quem não paga as suas dívidas, quem é um *caloteiro*, *ferra o cão* (Red., *Mar.*, 335: Vêm com lamúrias e depois *ferram o cão*) ou, na gíria, *o jeco* (Bessa, 144,), *o mono*. Contrair dívidas sem a intenção de as pagar é *ferrar calotes*. *Calote*, na língua familiar, é uma dívida que se contraiu sem possibilidade ou sem tenção de a pagar e o *caloteiro* é alguém que *faz* ou *prega calotes*.

A *casa de penhores* ou a *casa de empréstimos*, o *montepio*, é na língua popular a *casa do prego* ou simplesmente o *prego*, estabelecimento comercial que empresta dinheiro a juros, recebendo como garantia jóias,

objectos de valor ou mercadorias (Rib., *Láp.*, 116: Tantas vezes o pobre cordão andou em bolandas que o alma do diabo já nem sabia quando estava em casa ou no *prego*).

V / OFENSAS E CONSEQUÊNCIAS

1. *Roubo*

A impressão penosa, que a designação dura de um conceito causa, é atenuada por expressões mais brandas que substituem a palavra certa e rude. Assim também acontece com *furto*, *roubo*, *rapina* e palavras semelhantes. Prefere-se empregar *alcance*, *desvio*, *engano na escrituração* em vez de *desfalque*, *posse indevida* (Corr., 661), *descaminho de valores alheios*, *extravio*, *irregularidades*, *sumiço* que não significa senão desaparecimento. Contudo na língua popular fala-se de *palmanço*, quando se trata de furto, e na gíria de *bola*, de *corte* (N., 67), de *mosco* e de *surripio*.

Os ladrões, nos jornais, são muitas vezes chamados *amigos do alheio*, e a casa comercial, a firma, ou a repartição pública onde se cometem muitos roubos é o *Pinhal de Azambuja*. Um empregado ladrão é um *empregado infiel*.

A capacidade eufemística de palavras como *cleptomania*, *latrocínio*, *subtrair*, *usurpar* vem-lhes do facto de serem expressões cultas, enquanto que outras como *operação*, *serviço*, *trabalho*, *apanhar*, *apoderar-se de alguma coisa*, *catar* (Alentejo), *limpar*, *meter ao bolso*, *palmar*, *quitar*, *trabalhar* servem de eufemismos para roubo, roubar, por causa da sua imprecisão.

Muito frequentes são as perífrases que substituem o conceito de roubar como: *dar um sopapo na gaveta, escovar os bolsos, fazer mão baixa em* (God., *Não*, 63:... este *fazia mão baixa* na mulher do próximo...); *fazer esquerda rodar* (Corr., 661), *ferrar a unha, deitar-lhe o gatázio* (= os dedos), *pedir esmola de chapéu na cabeça* (Corr., 661), *contar-lhe o conto do vigário* (Corr., 661); *aqui o vejo além o pilho, as artes do venha a nós* (Rib., *Món.*, 102: É cirurgião dos hospitais, mas para o que ele tem dedo é para *as artes do venha a nós*); *meter a lança* que é introduzir dois dedos no bolso de alguém para furtar; *não ser seguro de mãos* (Rib., *Cinco*, 225: Segundo consta, *não é seguro de mãos*); *passar-lhe os cinco mandamentos* (= os dedos da mão) (Rib., *Láp.*, 240: Aquela chave era o meu martírio e foi com imenso refrigério que *lhe passei os cinco mandamentos...*), *varrer as mãos nas coisas, meter a unha* (= mão) (Rib., *Láp.*, 354:... averigui que *meteu a unha* em duas libras); *fazer quatro soldados e um cabo* (= os cinco dedos), expressão que acompanha o gesto de roubar, que se faz girando os dedos duma das mãos; *olho vê, mão pilha* (ou *tira*), ou *olho vê, mão pilha e pé ligeiro* é uma locução verbal que significa a presteza com que certos ratoneiros lançam mão do que lhes agrada (God., *Não*, 66:... o Tonho-Tonho... era *olho que vê mão que pilha* no dos mais, p'ra se alimentar...; N., 106). Dum ladrão diz-se que *é da companhia do olho-vivo* (olho-vivo = esperteza).

Verbos como *furtar, roubar* são expressões que, em regra, pedem um disfarce eufemístico. Na língua popular e na gíria existem muitas possibilidades de substituir esses verbos um tanto rudes como, por exemplo, *abafar, abarbar* (Cort., *Bâton*, 6: Isto não está bem. Dar as pedras e *abarbar* logo três “flores”), *afanar, alisar, aliviar, arrepanhar, bifar, bispar, cardar, faiar, fanagar, fanar, gamar, gualdripar, larapiar, limpar, palmar, picar, pilhar, rapinar* (N., 120), *ratonar, ripar, surripiar, unhar*.

No calão de caserna emprega-se *mobilizar* com o sentido de furtar.

Os ladrões não são todos da mesma categoria. Há os pequenos e os grandes e, além disso, os especializados em determinados trabalhos. Assim temos o *amostreiro* que é o ladrão de cortes de fazenda; o *bandoleiro* que anda roubando com outros; o *carteirista*, cuja especialidade é o roubo de carteiras, na gíria também designado por *busco*, é o roubo de carteiras, o *cavalheiro de indústria*, mais importante e mais fino, é um indivíduo que vive de embustes (Sousa, *Bairro*, 258:.... espatifou à pobre senhora o melhor de quarenta contos de réis que era toda a sua fortuna! Em suma: Um *cavalheiro de indústria*!); o *estradista* que é ladrão de estrada; o *espadista* que é um gatuno de mosco que abre as portas com chave falsa; o *fajardo* que é um gatuno muito hábil (Rib., *Món.*, 103:.... é um *fajardo* de alto bordo); o *livreiro* é o carteirista (N., 147), o *ostreiro* o gatuno que se dedica ao furto de montras (N., 149), o *picador* um gatuno de algibeiras, o *pilha-galinhas* um ladrão de capoeira, o *ratoneiro* um gatuno que furta coisas de pouca monta (N., 121); os *unhantes* são aqueles que deitam a unha ao que não é seu.

Muito frequentes são alguns nomes de animais como expressões metafóricas para ladrão como *gato* (*gatuno*) e *rato* (Fial., *Esq.*, 141: O estado de *rato* é o último, social, de que por via de regra lança mão todo o menino cuspidos dos outros modos de vida...). Os indivíduos que fazem pequenos furtos domésticos, tais como bolos, doces, etc., são chamados *ratos de armário*, os ladrões que actuam em feira livre *ratos de feira* e aqueles que exercem a sua actividade no interior de hotéis *ratos de hotel*.

O *vigarista* é o indivíduo que explora o conto do vigário e o *larápio*, expressão muito usada, é um termo geral para gatuno.

2. Fugir

As expressões para *fugir* implicam a ideia de ter medo ou de ser covarde. Este facto leva as pessoas a servirem-se de eufemismos como *abalar*, *debandar* (Rib., *Láp.*, Se acertamos com uma, duas bombas no meio do batalhão... *debandam* que é um regalo!), *desaparecer*, *despedir*, *escapar-se*, *escapulir-se*, *esgueirar-se* (sorrateiramente), *escamugir-se* (Rib., *Casa*, 19:... a caça facilmente se *escamugia*...), *escoar* (retirar-se cautelosamente), etc. Mas quase todos os substitutos para fugir pertencem ou à língua popular ou à gíria. Estas expressões são numerosas e constantemente renovadas. Assim temos *abrir* (N., 44), *alpinar*, *cavar* (Nor., *Alf.*, 172: — Toca a “*cavar*”!), *chalar*, *figar-se*, *largar*, *miscar-se* (Nor., *Alf.*, 71: — Os salamuraos *miscam-se*), *moscar*, *pildar*, *pirar-se* (Rodr., *Dias*, 107: — Tenho medo que o bicho entretanto apareça e se *pire* imediatamente) ⁽²⁵⁾, *pisgar-se* (Rib., *Láp.*, 64: De facto, ela *pisgava-se*, conhecedora dos meus repentis), *raspar-se* (Gal., *Mul.*, 134: — Se ela quer casa e massa e jóias, e o diabo, ele *raspa-se* com certeza; N., 120), *safar-se* (Paço, *Ausente*, 23: *Safem-se*, não vá o gasogéneo fazer-lhes partida; N., 123), *tingar*, *tisnar*.

A versão jocosa do presente do indicativo de fugir é a seguinte: eu *tingo-me* /, tu *pildras-te* /, ele *safa-se* /, nós *escapulimo-nos* /, vós *raspais-vos* / eles *esgueiram-se*.

Há muitas locuções formadas a partir do verbo *dar* que exprimem o conceito de fugir. Assim, por exemplo, *dar à canela*, *dar ao diabo cardada*, *dar às botas*, *dar aos butes* (Bessa, 99), *dar aos calcanhares*, *dar aos tamancos*, *dar às trancas* (Rib., *Quando*, 107:... o espanhol teve que *dar às trancas*...), *dar às gâmbias* (Rib., *Bat.*, 265:... nas sementeiras se distinguia grande açudada de gente, *dando às gâmbias*, direita a nós), *dar às palanganas*, *dar às pernas*, *dar com os calcanhares no rabo* (*no traseiro*, *na bunda*) (Rib., *Láp.*, 366:... toda a malta que *dava com os*

calcanhares na bunda...), *dar com a verruma em prego*, *dar costa*, *dar de frosque* (N., 69) especialmente fugir à polícia, *dar o fora* (N., 69), *dar na perna*, *dar o piro*, *dar sebo nas botas* (N., 68), *dar terra para feijões*, *dar uma pirisca*.

Um certo número de locuções verbais é construído com o verbo *pôr* conjugado reflexamente: *pôr-se a andar*, *pôr-se a mexer* (God., *Não*, 142: mas o mais certo é *pôr-me* outra vez *a mexer*); *pôr-se a milhas*, *pôr-se ao fresco* (Nem., *Mist.*, 64:... ao ouvirem o passo mais à toa, tremem da passarinha, dão duas guinadas de espreita e *põem-se ao fresco...*); *pôr-se na alheta* (Rib., *Quando*, 260:... em despeito da distância que os separava da malta, *foram-se pondo na alheta*); *pôr-se no mundo*, *pôr-se na pizeza* (Rib., *Láp.*, 104: Homem, o seguro morreu de velho, *põe-te na pizeza!*); *pôr-se na perna* (Junq., *Velh.*, 136:... tudo isso andou, *pôs-se na perna...*); *pôr-se no pirandó*, *pôr os pés em polvorosa*.

Outras perífrases mais ou menos jocosas são: *bater as asas* (Bessa, 50), *assobiar às botas*, *botar o pé no mundo* (Rib., *Quando*, 122: *Botou o pé no mundo* como cangaceiro...); *cair no mundo* (bras.), *dar (tomar) às de Vila Diogo* (Rib., *Láp.*, 213:... quando viessem trazer-me a magra pitaça... eu *teria dado às de vila-diogo*); *andar a monte* que significa andar fugido para escapar de ser preso; *andar nos pés*, *meter o arco*, *meter o pé na carreira*, *meter o pé pelo mundo*, *passar a perna*, *passar os butes*, *passar as palhetas*, *tomar o tole*.

Em português, como nas outras línguas, o conceito de fugir produziu uma série de expressões jocosas como por exemplo *evaporar-se* (Nor., *Alf.*, 350: O “Sovela” quisera *evaporar-se...*). Muito usado é a expressão interrogativa de quem trata de fugir a toda a pressa *pés para que te quero?* (Rib., *Láp.*, 240: E agora *pés para que vos quero!?*).

3. *Fazer gazeta*

O conceito de fugir leva-nos também ao de *fazer gazeta*, *gazear* ou *gazetear* que se emprega para faltar às aulas para vadiar, não ir à escola e ainda para faltar ao trabalho (Rib., *Cinco*, 130: E lá iamos *gazeando*, cada um mais estarola que os outros). Aquele que faz *gazeta* é chamado um *gazeteiro*.

O estudante que falta às aulas para mandriar é o *cábula*. Ao lado de *cabular* aparece também *raposar* ⁽²⁶⁾.

4. *Prisão*

Eufemismos e, sobretudo, disfemismos para *prisão*, *cadeia*, *cárcere*, etc., são numerosos. Mas predominam, sem dúvida, os disfemismos de que a maior parte pertence à língua popular ou à gíria.

A conhecida cadeia de Lisboa, o *Limoeiro*, chamava-se ainda há poucos anos o *Verde Limo* na gíria. Quando se fala da prisão como *casa de hóspedes*, como *pensão* ou como *Hotel do Pinho* (N., 146), casas destinadas a aluguer de compartimento para hospedagem temporária; ou da penitenciária como *casa amarela*, do cárcere como *colégio*, na gíria, trata-se de eufemismos. Mesmo a forma abreviada *prisa* que ocorre na gíria (N., 117) é eufemizante. Também expressões como *estar* (ou *pôr*) *à sombra* (God., *Calc.*, 262: ... tudo era inquirirem dos moços, “se o gajo estava à sombra”); *ir para as grades*, *ver o sol aos quadradinhos* (Torga, *Rua*, 167: Numa penitenciária! Cuidei que nunca mais deixava de *ver o sol aos quadradinhos*...; N., 134); ou, como na gíria brasileira, *trancafiar alguém no xadrez* (Amado, *Past.*, 113: ... era um charlatão a reclamar larga temporada no *xadrez*) se podem considerar como expressões eufemísticas um tanto jocosas.

Já não é o caso falando-se em *abafadoiro*, *arrecadação*, *baú*, *cafundó* (bras.) (Rib., *Escr.*, 261: O grande busílis era a fechadura, dado que pudesse saltar os muros que circulavam o *cafundó*); *cagarrão* (God., *Calc.*, 241: Declarou escoreitamente que antes *cagarrão*, que largar as duas notas e meia); *calabouço*, palavra de proveniência espanhola; *casa de cão* e *casa-do-jeco* que designam a penitenciária; *canastro*, *chácara* (bras.); das prisões políticas de Caxias e Peruche, respectivamente, como *hotel* (ou *estalagem*) *de Caxias* ou *de Peniche*; *chave* (bras.) (Amado, *Jub.*, 191: Ele pegou fez intriga, eu só vivia na *chave*...); *chelindró* (Rib., *Láp.*, 108:... há-de fazer tudo até nos aferrolhar no *xelindró*); *chena*, talvez do francês “chaîne”, *choça* (N., 64), *choldra* (N. 143), *enxovia* que, como *masmorra*, designa um cárcere térreo ou subterrâneo, escuro e húmido (Paço, *Corça*, 218:... ele receava, com a brincadeira, ir parar com os ossos à *enxovia*); *estarem*, palavra de origem cigana (Cort., *Lodo*, 19): E depois se te levassem de charola p’ró *estarem*?!); *gaiola* (N., 86), *gaveta*, *gavetão* (Paço, *Corça*, 319: — O teu primo no *gavetão*), *grelha*, *jaça*, *pildra*, *tronco*, *vagarosa*, *xelro*.

Em vez de ir preso emprega-se na gíria *filar* (Cort., *Lodo*, 4: Já *filaram* a russa e uma malta delas), *ir de cana* (N., 59), *cangar*, *ir no baú*, *ir no cambão*, *trancafiar*.

O carro da polícia, destinado ao transporte dos presos, também é eufemizado. Chama-se *ramona* (N., 150), no Rio de Janeiro *tintureiro* (Amado., *Past.*, 262:... foi levado por dois tiras para o *tintureiro*) e *viúva-alegre* (Coelho N., *Mistério*, 116: Uma *viúva-alegre* parou ao portão do palacete).

5. *Polícia*

As designações para *polícia* que também evocam associações desagradáveis, sobretudo da parte dos malfeitores, andam ligadas ao conceito de *prisão*. É assim

que, principalmente no meio dos criminosos, o agente de polícia tem muitos nomes. Chama-se *bófia* na gíria do Porto. À polícia secreta chama-se os *bufos* (Cort., *Lodo*, 13: Pois andam p'r'aí os *bufos* a dar caça às borboletas). O sinaleiro de capacete branco é um *cabeça de giz*. O simples agente de polícia é o *canga* (N., 60) ou o *chui* (Campos, *Gata*, 87:... não me venhas dizer que às vezes não fazem uns favorzinhos aos *chuis*).

Um tanto ou quanto depreciativo é *cívico* como designação para o guarda de polícia de segurança. Na gíria fala-se em *cuco* (Fons., *Porta*, 44: Em calão acadêmico os polícias eram conhecidos por “*cucos*” ...). Também *formiga* (Rib., *Arc.*, 38: Felipe a bater os queixais... com vontade de mandar o *formiga* pentear macacos...). A polícia de viação, por causa da cor dos uniformes, é o *feijão verde*. O polícia da GNR tem a designação eufemística e pejorativa de *cavalo a cavalo* ou até mesmo *besta a cavalo*. O guarda é o *guarda-esquadras* e os carros-patrolha desta polícia chamam-se *carros nivea* por causa da cor azul escura e branca de que estão pintados. Na gíria brasileira *Dona Justa* significa a polícia (Nasc., *Gíria*, 58). Os *gorilas* eram os polícias de choque. O *judite* é um agente da Polícia Judiciária (N., 92). O bufo, o espião chama-se *mosca* (Cort., *Lodo*, 19: Não sabes que a cabrada anda hoje co'a *mosca*?). Também *moscardo* (Nor., *Alf.*, 343: — Vá, dêem-me cabo desses *moscardos*...). Outras expressões para agente de polícia são: *pasmado* e *pasma* (Cort., *Lodo*, 20: Os *pasmados* andam sempre a meter o nariz na vida alheia), *tainha* (N., 127), *tira* (bras.), provavelmente de proveniência hispano-americana ⁽²⁷⁾ (Amado, *Past.*, 41: Não desejava senão viver em paz, mas não o deixavam, os *tiras* haviam tomado assinatura em cima dele...).

Ir preso pela PIDE entre os estudantes era *ir à ópera* ou *ir (estar) a cantar ópera*; ir (estar) preso em Caxias ou Peniche dizia-se *ir (estar) a tomar ares de mar em Caxias*

ou *Peniche*. Os polícias da PIDE chamavam-se os *cinzentos*, devido à cor do chapéu e das gabardinas que usavam.

6. *Bater, dar pancada*

Existe uma quantidade quase inesgotável de possibilidades expressivas para traduzir a ideia de *apanhar*, *bofetear*, *levar*, etc., sobretudo na língua falada e popular e na gíria. Devido aos limites de espaço do presente trabalho não vamos dar aqui uma longa lista destas expressões⁽²⁸⁾. Limitar-nos-emos a uma amostra das expressões eufemísticas que traduzem a ideia de bater e dar pancada em português moderno.

Estes eufemismos têm por fim reduzir ao mínimo a impressão desagradável que a evocação do castigo e da vergonha de ser castigado provoca nos outros. Também podem ser irónicos ou jocosos.

Muitas perífrases que significam bater são introduzidas pelos verbos *dar*, *apanhar*, *levar* e semelhantes seguidos de um nome. Alguns desses verbos chegam por si sós elipticamente a exprimir a ideia de bater: *chego-te!*, *apanhas!*, *levas!*, etc.

Com muita frequência empregam-se designações para bolos, pastéis e comestíveis eufemística e metaforicamente para pancada como, por exemplo: *biscoito*, nas escolas *bolo* e *bola*, expressões usadas também no Brasil (Rego, *Doid.*, 10: O Chico Vergara da Paraíba chega ter a mão azul de *bolo*...); *bolachas* (Eça, *Maias*, I, 294: Enfim ele não dizia que em certos casos duas boas *bolachas*... não fossem úteis...); *bolaria* (Coelho, *Amores*, 170:... vai tudo raso com *bolaria!*); *galheta* (Red., *Mar.*, 83: Levas uma *galheta*) que parece uma palavra importada do espanhol⁽²⁹⁾, ou *levas um pão*.

Outras metáforas para pancada são: *açorda*, *bifes*, *caldacha*, *caldo* (Fons., *Porta*, 35:... arreia-me um *caldo* com a pasta dobrada...). *Molho* emprega-se com o sentido coletivo de pancadaria (Houve *molho*). *Canja* é sempre acompanhado do verso comer (*Comeu da canja*). Muito frequente é a *comida* (ou a *sopa*) *de urso* (Botto, *Alfama*, 218:.. sempre me dás alguma coisa:... *comida de urso*, e da mais forte!). No Brasil usa-se *comer bacalhau* (= mão), *comer cipó*, *comer macarrão* com o sentido de apanhar pancada. *Arroz* talvez seja uma substituição por semelhança fonética com *arrocho*, segundo opinião de Silva Correia (475) (Torga, *Par.*, 79: — Eu dou-lhe o arroz!).

As designações para bebidas que servem como metáforas eufemísticas para pancada, não são tão frequentes. Temos *cerveja* (Bessa, 77; Gal., *Mulh.*, 179:... ele era muito capaz de lhe *arrumar uma cerveja*) e *chá*, na expressão brasileira *tomar chá de cipó*, *chá de moca* e *chá de marmeleiro*, usado na Madeira (Sousa, *Diz.*, 49).

Aqui juntam-se nomes de frutos que servem como designações para bofetada. Muito conhecidos são *ameixa*, *banano* (Rég., *Salv.*, 175: sou capaz de te ferrar dois *bananos*); *batatas* no sentido de soco usado na Madeira (Sousa, *Diz.*, 29); *castanha* (Bessa, 75), *coco* que significa pancada na cabeça (*comer* ou *beber do coco*), *pera* (N., 112), *pero* (God., *Calc.*, 59: ... olha que mamás um *pero* ...); *passas* (God., *Calc.*, 82: ... senão ele *daria passas*; id., ib., 297: “Astrevete” a tocar nos bicos, que eu te *darei passinhas*!...).

Também há nomes de animais que se empregam metaforicamente para pancada. Assim, *borracho* (Sousa, *Bairro*, 177:... que grande *borracho* que tu levas na tromba!); *faneca*, empregado no Minho; *moscardo* (Dant., *Severa*, 49: Mas porquê (que não vem), ó meu bandarra, que te viro um *moscardo* por essas ventas?), *narceja*, *sardinha*, *solha*.

Objectos planos são predestinados para servir de metáfora para bofetada como, por exemplo, *bilhete*, *chapada* (Nem., *Mist.*, 230:... Tiazé lhe chegava o cuspo ao nariz sem perigo de *chapada* no focinho), *estampa*, *estampilha*, *lamparina*, *lapa*, *latada*, *pastilha*, etc.

Expressões onomatopaicas que imitam o estampido da pancada, são muito frequentes como denominações para bofetada. Eis aqui alguns exemplos: *estalo*, *estalada* (Torga, *Vind.*, 118:... duas *estaladas* secas, rudas, zuniram na cara do Iládio), *lostra*, *mosquete*, *murro*, *zumba*, etc.

Uma certa ironia manifesta-se em expressões como *aquecedela*, *apanhar um calor*, *aquecer o lombo*, *pôr o rabo a arder*. Também *asas* (ou *aba*) *de pau*, *casaca de pau* são expressões irónicas para tarefa.

Outras expressões eufemizantes são: *dar* (*apanhar*) *umas calças*, *apalpar* (ou *medir*) *o costado*, *assentar as costuras*, *arranjar* (Braga, *Caminhos*, 64: — Deixa estar, meu malandro, que o teu pai te *arranja*); *caiar o frontespício*, na Madeira (28); *coçar* e *dar uma coça* (God., *Calc.*, 53:... se viessem encontrá-los em flagrante delito de vadiagem, *coçar-lhes-iam* deveras *os lombos* com verdascas de lódão); *dar os bons dias*, *ensinar*, *dar uma ensinadela*, *dar uma escovadela*, *dar uma esfrega* ou *uma esfregadela*, *sacudir a poeira* ou *as moscas*, *apanhar uma sacudidela*, *chegar a roupa ao pêlo* (ao corpo) (Dant., *Severa*, 106: És bruto, mas a Severa já te *chegou a roupa*); *fricções lombares de marmeleiro* (Rib., *Món.*, 80: Ali ou revulsivo de imprensa, visto tratar-se de dois nomes conhecidos, ou *fricções lombares de marmeleiro*); *festas de marmeleiro* (Braga, *Hist.*, 2: *festas de marmeleiro* é que ele precisava), *xarope de marmeleiro* (Red., *Barr.*, 226:... que lá de histerismos só os podia tratar com *xarope de marmeleiro*); *apanhar um enxugo* (Red., *Barr.*, 297: Nem se conseguiu voltar... tamanho *enxugo* de murro e porrete *lhe deram*...); *tocar* (ou *dar*) *uma pavana*, *tocar pandeiro*, *apanhar uma teoria*, *pagar em moeda de costela* (Camilo, *Novelas*, 41:... peça-

lhe que não demande o marido, visto que as custas já eu fui citado para as *pagar em moeda de costela*).

Outras expressões jocosas são *apanhar com os cinco mandamentos* (= os cinco dedos da mão), *dar cacholetas*, *dar-lhe com o lenço de cinco pontas*, *arrear*, *brochar*, *cascar-lhe uma bofetada* e *descascar*, *encher*, *ferrar*, *levar nas bitáculas*, *malhar* e *dar uma malha* (Red., Porto, 17:... um dia leva uma malha); *pegar*, *pregar*, *raspar*, *moer* (com pancadas), *levar para o tabaco* (Nem., Mist., 78:... no Pico do Celeiro levaram para o tabaco, cortidos à coronhada); *limpar-se a um guardanapo de cinco pontas* (Red., Barca, 414:... ainda te limpas a um guardanapo de cinco pontas).

7. Despedir, mandar embora

Uma boa parte das expressões que significam *despedir*, *mandar embora*, sobretudo de uma maneira pouco delicada e violenta, são introduzidas pelo verbo *mandar* ou *ir*. Algumas são eufemísticas, outras, que constituem a maior parte, disfemísticas.

Como atenuantes, pelo menos na origem, se podem considerar *mandar bugiar* que implica desprezo (Ferr., Ap., 216: Mas desta vez achou-se ao engano: a Aninha *mandou-o bugiar*); *mandar à fava* (Rib., Tombo, 32:... *mande-me os médicos à fava*), *mandar à outra banda*, expressão muito usada em Lisboa, *mandar abaixo de Braga* (Rib., Quando, 236: Era a mesma coisa que *mandá-lo abaixo de Braga*); *mandar àquela parte* (Fial., Gat. V, 216:... *mandar-nos-á desdenhosamente àquela parte*), *mandar passear* (Eça L., Nem, 136:... Quando eles me fazem olhos, penso que me querem pelo dinheiro... E *mando-os passear*); *mandar passear até Mérida* (Corr., 512), *mandar pentear macacos* (Curto, Dem., 136: Mulher que eu escolhesse e que eu distinguisse, acabava sempre por me *mandar pentear macacos*); *mandar à sirga* (Rib., Bta., 215: Agora,

mandou-nos à sirga...), *mandar à tabua* (Rib., *Quando*, 26: Esteve vai-não-vai para *mandá-lo à tabua*), *mandar à missa*, *mandar à mãe*. Algumas destas expressões que, num princípio, foram atenuantes, já não o são hoje em dia como, por exemplo, *mandar àquela parte*, *mandar à tabua* e outras.

Tomaz de Figueiredo, no seu romance *A má estrela* (153), emprega uma expressão que revela claramente um desvio eufemístico para exprimir a ideia de mandar alguém embora: “O responsável a sentir ondas de os *mandar a todos os sítios que na sessão não pode nomear...*”, ou no *Dicionário falado* (197): “... porque pode um gozador, depois de armar em tolo... *mandá-los a sítios aonde já custa mandar madamas...*).

Nitidamente cruas, disfemísticas, são expressões como *mandar à lixa* (Corr., 512), *mandar à merda* (Nam., *Trigo*, 65: Com uma cara dessas és um homem que pode *mandar à merda* um qualquer); *mandar lamber sabão* (Nasc., *Ant.* II, 188:... *mande elas lamber sabão*).

As expressões formadas com o verbo *ir* têm em parte os mesmos complementos, mas a forma do verbo está, de uma maneira geral, no imperativo: *vá bugiar!* *vá à erva!* (Corr., 472), *vá à mãe!* *vá à merda!* (Sales, *Afl.*, 212:... Saturnio levantou-se e disse: — *Vá à merda!*; *vá à missa!*, *vá a Palmela!* (Corr., 472); *Vá àquela parte!*, *Vá à tal parte!* (God., *Não*, 205:... um bilhete... no qual escrevera a lápis estas palavras ultrajantes: — “Ora *vá a tal parte!*...”); *vá àquele sítio!*, *vá lamber sabão!* (Torga, *Vind.*, 27: [no comboio] isto aqui é primeira! — *Vá lamber sabão*, ora o parvo!); *vá para a beira da merda* (ou *bardamerda*) (Nem., *Mau*, 446: — *Vá bardamerda!* — *Vá você, mal criado!*); *vá p’rá marela* (= amarela!); *vá para a puta que o pariu!* (Rego, *Fogo*, 47: Estou lhe dizendo que *vá pra puta que o pariu!*); *vá pentear macacos!* *Vá-se foder!* é um autêntico eufemismo, com desvio semântico *vá se fo...tografar!*, e em vez de *foda-se!* o atenuante *cosa-se!* (Card., *Balada*, 163:

“... eu quero que a liberdade *se foda*”. (*Se cosa*, disse a galinheira, perdoe-se a expressão).

As possibilidades expressivas para exprimir a ideia de mandar alguém embora parecem inesgotáveis. Aqui mais algumas expressões que se podem criar constantemente: *vai chatear outro!* (Sttau, *Ang.*, 111: — E quem és tu? — *Vai chatear outro!*); *vai-te despir!* (Botto, *Alfama*, 276: Ó filho, *vai-te despir*, que não tens planta nenhuma); *vai para o diabo!* (Nam., *Cland.*, 132: — *Vai para o diabo!* Nunca me aceitas coisa nenhuma); *vai-te encher de moscas* (Botto, *Alfama*, 208: ó filho, *vai-te encher de moscas*; N., 133); *vai-te matar* (Botto, *Alfama*, 209: Ó filho, *vai-te matar!*...).

Em determinados casos como *vá à missa!*, *vá à mãe!*, a consoante inicial chega para aludir à palavra eufemizada; noutros é a sílaba tónica que evoca o termo cru como *vá à erva!*, *mandar passear até Mérida!* (Corr., 512).

VI / DECÊNCIA: O CORPO

1. *Cheiros do corpo*

Entre os eufemismos de decência figuram também as expressões que designam os cheiros desagradáveis, provenientes do corpo humano e de alguns animais. Assim o mau cheiro, o fedor é substituído pelos diminutivos familiares *cheirete*, *cheirinho* (Toj., *N. Putos*, 188: — Que *cheirete* a chulé e a sovaco, João!). Muitas vezes aparecem substantivos em *um* para exprimir o mau cheiro como *bafum*, *bodum* que significa o cheiro muito activo e característico do bode não castrado e, em sentido figurado, o mau cheiro dos sovacos ou da transpiração dos negros e dos mulatos; *cheirum*, *fartum* (Fial., *Contos*, 6:.. eu sentia exalar-se dela um *fartum* de gorduras fundidas, que me perturbava), *zorrum* é o cheiro da zorra e de tudo o que se lhe possa comparar. A expressão *catinga* é sobretudo brasileira, significando o intenso cheiro desagradável que exalam índios e negros, alguns animais e plantas. *Chibo*, *chibarro* significa o indivíduo que exala mau cheiro das axilas e também a própria transpiração fétida ⁽³⁰⁾. *Raposinho* emprega-se com o sentido de cheiro fétido, nauseabundo, análogo ao da raposa (Rib., *Andam*, 311:... o mulherio que é virgem o menos que cheira é a *raposinhos*, e o experimentado, ao *bodum*). No Minho usa-se *malina*

para mau cheiro e no Brasil *morrinha*. Em Trás-os-Montes ocorre com o mesmo sentido *recachiço* e, de uso geral e depreciativo é *pivete*.

2. *Roupa de baixo*

Peças de vestuário, que cobrem determinadas partes do corpo, são frequentemente eufemizadas na linguagem dos bem-falantes ou das senhoras bem educadas.

Diz-se de alguém que se acha vestido unicamente com as roupas íntimas, que *está em roupas menores*. O decoro manda que se empregue em vez de *calcinhas*, *cuecas*, o estrangeirismo *slip*; em vez de *ampara-seios*, *porta-seios*, expressões que não se usam, o galicismo *soutien* (pronunciado e muitas vezes escrito *sutiã*) que, na linguagem popular, é o *colete* (Jorge, *Camilo*, 215:... *colete* de fustão com atacadores a sustentar os seios). Uma variante burlesca, *pára-quedas* (N., 22), deve ter o seu quê de depreciativo; o *soutien* sem alças é o *cai-cai*, no Brasil o *tomara-que-caia*.

3. *A barriga*

A *barriga*, ou seja, a proeminência exterior do abdómen, que também se emprega com o sentido de estômago, pertence àquelas partes do corpo de que se evita falar em boa sociedade. É esta a razão porque a palavra é normalmente substituída por um eufemismo. Assim se fala em vez de barriga em *ventre* e, sobretudo o médico, emprega o termo anatómico *abdómen*. Mas a maior parte dos substitutos pertence ou à linguagem popular ou à gíria.

Na linguagem popular usam-se expressões que, na sua maior parte, são disfemísticas e que, quase todas, significam barriga grande. Assim, por exemplo, *bandoga*

(Rib., *Casa*, 190: Depois picaram-lhe a *bandoga*); *bandulho* (Paço, *Tons*, 45:... lá fica a Senhora e ficam os outros todos sem terem que meter para o *bandulho*); *bojo* que é a barriga grande, bojuda; *mala* (Bessa, 193); na Beira, *morca* (Rib., *Quando*, 163: Abriram-lhe a *morca* [a um lobo]); *bucho*, *pança* também significa barriga grande, obesidade (N., 108) como *panturra* (N., 108). Uma pessoa gorda e baixa é uma *pipa*. A barriga ainda se chama *redanho* (Camilo, *Novelas*, 27:... ia anavalhar o *redanho* do cego) ou a *tripa*.

Na gíria empregam-se *baú* (Red., *Muro*, 60: Não, não fui andarilho, a não ser com esses bandidos a quem enchi o *baú* de tudo o que é bom; Corr., 658); *bânzera* (Bessa, 47), *bule* (Corr., 658), *bundra* (Bessa, 61), *búzera* (Rib., *Casa*, 48: Depois de beijar os seus cachorros, encher a *búzera*... deitava-se a dormir...; Bessa, 62); um *buzarate* é um indivíduo corpulento e barrigudo; *fole* ou *fole das migas* (Rib., *Quando*, 113: Passaram-lhe uma pouca [de ovelha] para o *fole* (trata-se de um lobo); Rib., *Hum.*, 243: Se não fora as contas que temo dar à justiça, já te tinha metido esta espada pelo *fole das migas*...). Nascentes cita para a gíria brasileira *guarda-comidas* (Gíria, 94) e Bessa (164) *guitarra*, *marmita* e *saco de broas* (275).

4. Os seios ⁽³¹⁾

Proscritas por razões de conveniência, as expressões que designam os *seios* da mulher fazem parte do número de partes do corpo de que, em linguagem delicada, não se fala. Os termos mais gerais e vagos ou então eufemismos surgem de uma maneira geral, quando nos vemos na necessidade de falar em tal parte do corpo feminino. *Peito* é uma expressão pouco concisa. Juntamente com *seio* e *colo*, *peito* é, devido a essa sua imprecisão semântica, o eufemismo mais usado para designar os seios femininos. O plural, *peitos*, é muito mais preciso como já nota Silva Correia (498). *Poma* que

significa bola, esfera e, na forma do plural, *peitos*, por analogia de forma, não é usado na linguagem falada (Camilo, *Corja*, 73:... decotada, com um sulco de sombra entre as duas *pomas* e um ramalhete de violetas).

Além das expressões que se referem à função dos seios e à ideia de sugar, há outras em que os seios são comparados a recipientes ou a objectos mais ou menos arredondados como, por exemplo: *almotrigas* que são pequenos vasos de bojo largo no Alto Douro; no Minho, ouve-se *almudes* (almude é uma antiga medida para líquidos); na linguagem popular emprega-se *bóias* e, em Trás-os-Montes, *pichorras*, designação para um pequeno cântaro. Até *arredondados* se encontra como eufemismo para seios, ancas e coxas (Toj., *Viag.*, 68:... a Brazona era magnífica: grandes olhos brilhantes, farta cabeleira negra, *arredondados* soberbos...), eufemismo para as *curvas* femininas.

A ideia de partes salientes está na base de expressões eufemísticas para seios, como *armários*, na Beira; de *prateleira* (*prateleiros*) que é de uso frequente, quando se trata de seios avantajados em excesso; de *altares*, também quando são grandes, de *calvário*, na Beira; de *cachorros da proa*, provavelmente uma expressão de marinheiros, e de *novelos*.

As expressões vulgares *pára-choques* e *buzina* (Lapa, 44) também pertencem a este grupo de expressões um tanto burlescas. Talvez as estátuas carnudas da República tenham sido a origem da expressão conhecidíssima na linguagem popular, *patriotismo*, para seios exageradamente grandes e *patriota* para a mulher que os possui.

Por analogia de forma servem determinados nomes de fruta, como designações metafóricas para seios. Por exemplo: *abóboras* (Rib., *Terras*, 115: Era uma mulheraça muito nutrida, rosada e ruiva, com duas mamóilas que nem duas *abóboras meninas*); *cabaças*, *gamboias* no Alentejo; *laranjas*, *lentriscas* para os seios da rapariga adolescente; *limalhas*, *limões* (Red., *Can.*, 90: Tens no seio dois *limões*);

maças, *marmelos* (Lapa, 141); *marmelosas* no Minho; *melancigas* (*belancigas*) na Beira; *melões* (Rodr., *Aves*, 117: [a cantar] “Ó Rosinha dos *melões*!...” E ela a erguer os seios...); *tangerinas*.

No Alentejo ouve-se *campainhas do céu* que é transparente como metáfora. *Margaridas*, talvez o nome da flor, designa em primeiro lugar seios pequenos. *Catrinhas*, *catarinhas* e *franciscas*, que ouvimos na Beira, são talvez formados a exemplo de *margaridas*. Juntem-se ainda algumas expressões para falta de seios ou seios que despontam. Uma mulher sem seios é chamada *tábua* ou *tábua das almas* (Rib., *Andam*, 13: a Ana Olaia... *seio de tábua*...), *tábua de engomar* e *lenço* ou diz-se que *sai ao pai*. Na Beira ouvimos de uma rapariga a quem os seios já despontavam: *ela já está picada das abelhas*.

5. O traseiro

Sob muitos aspectos a interdição que recai sobre o termo directo que exprime o *reverso corporal*, como diz Fialho d’Almeida nos “Gatos” (IV, 186), é semelhante à interdição sexual. A palavra *cu* é posta no índice. Por conseguinte inventou-se toda uma série de expressões substitutas, eufemísticas e disfemísticas.

Já que *nádegas* e *ânus* são constantemente confundidos, aqui também não vamos fazer uma distinção nítida entre os dois conceitos. O termo científico *ânus*, sendo bastante conhecido, serve de eufemismo. Também *podex* e *recto*, embora muito menos frequentes, são às vezes empregados como expressões atenuantes. Mas é muito mais frequente empregarem-se expressões como: *assento* (Corr., 590), *boca do corpo* (Corr., 592); *duas irmãs* para nádegas (Corr., 590), *extremidades das costas* (Silveira, 218), *lugar onde as costas perdem o nome* (Corr., 590); *posterior*, *reverso da medalha* (Corr., 590); *quartos* (Corr., 668);

saliência traseira (Rég., *Hist.*, 73: [trata-se de uma dança] e zumba!, com ou sem licença, bravamente chocam a *saliência traseira*); *sessô* (Fial., *Gat.* VI, 94:... quatro pontapés no *sessô* e rolhas nos trombones!); *sim-senhor* (Rib., *Tombo*, 57: Andei consigo ao colo e limpei-lhe muitas vezes o *sim-senhor*), *traseiro* (Corr., 590), *verso* (Bessa, 209). Muito usado é, sobretudo entre a gente do campo, falar na *via de trás*, como também se fala na *via da frente*. T. de Figueiredo serve-se, no seu *Dicionário falado* (128), da expressão o *sítio mais almofadado* do corpo (... beltrano, que um chibo entornou à cornada para riba duns ouriços, num souto, ficando uma pregadeira de picos no *sítio mais almofadado do corpo*). Ramalho Ortigão, nas “Farpas” (XI, 84), tem esta passagem: “... um rei... alongando um pontapé ao *fundo das costas* do seu primeiro ministro...” ou ainda (“Farpas” I, 91): “... a justaposição da abençoada sola e vira de uns bons sapatos paternos às *partes carnudas do seu organismo*...”).

Os autores servem-se também de eufemismos por elisão como, por exemplo, Fialho d’Almeida na *Vida irónica* (312): “tudo isto daria instabilidade febril ao pobre gabinete, cujos sebentos fundilhos ao cabo estalariam, deixando ver ao País o *c...olector*. Além disso falam no *tal* (ou *naquele*) *sítio*, aludindo desta maneira à palavra proibida (Fig., *Teatro* I, 86:... acertou-lhe um tal pontapé, *num tal sítio*, que me caiu a estrebuchar...; Fial., *Gat.*, IV, 158:... não gosta que lhe dêem beliscões *naquele sítio*). O advérbio de lugar *lá* também aparece como eufemismo para traseiro (Rodr., *Est.*, 120: “Carago! Nem lhe cabe *lá* um feijão frade [de medo]...”)

Para evitar o embaraço que a produção da palavra malsoante e indecente, *cu*, pode provocar, é muito frequente, sobretudo no povo, a fórmula salvatéria, desculpadora *salvo tal lugar* ou *salvo seja* (Camilo, *Amor*, 49:... partiu rente o jarrete por aqui, *salvo tal lugar*). Também se usa com a mesma função *com licença* que pode substituir o termo

inconveniente (Rodrigues, *Nat.*, 27: Coragem! Sim, mas não lhe cabia uma agulha no *com-licença* [de medo]).

Na linguagem das mães para com os filhos aparecem diminutivos atenuadores como *cusinho*, *rabinho* e *tutu* (Corr., 482). *Rabo* refere-se normalmente aos animais, mas é empregado na linguagem familiar e popular com o sentido de nádegas, assim como os seus derivados: *rabadilha* (Rib., *Tombo*, 60: Mulheres, diz o senhor Roxo, quanto menos melhor. Que lhes pesa muito a *rabadilha*); *rabiosque* (Nem., *Mau*, 328:... o Pedro tinha um grande *rabiosque*...); e *rabisteques* (Corr., 590).

No campo semântico de *traseiro*, *nádegas*, *ânus* há grande número de expressões que pertencem à linguagem popular ou à gíria. Estas expressões baseiam-se na ideia de alguma coisa de redondo, de alguma coisa de burlesco ou então referem-se à função desta parte do corpo. Assim temos *anilha*; *às de copas* (Corr., 592); Ram., *Farpas* VI, 282: Apresentou-se todo vestido, de cima abaixo, de cartas de jogar... Mas o fino da ideia... era o lugar que o mafarrico escolhera para coser o *às de copas*); *balaio*, espécie de cesta palhinha e, nesta acepção, termo brasileiro (Amado, *Dona*, 155: “Ó mulher do *balaio* grande..); *bilha* (N., 54), *bimbas* (N., 54), *bule*, talvez de origem cigana (Fial., *Gat.* IV, 37: — Então, santinha, ouve? Olhe que não posso aqui estar toda a vida, à espera que vossemecê deite cá p’ra fora as fundalhas do seu *bule*); *bunda*, muito usado no Brasil (Amado, *Mar.*, 58: Quitéria desequilibrou-se e caiu de *bunda* nas pedras); *cagote*, *cagueiro*, *caixa dos pirolitos* (Corr., 592), *calva*, *clavija*, *culatra* que, foneticamente, faz lembrar *cu*; *frasco* (Bessa, 150), *ilhó*, *marmita* (Bessa, 199), *mosqueiro* (Bessa, 213) *nêspira*, *olho (do cu)* (Corr., 590) ⁽³¹⁾, *pacote* (N., 107); *padaria* (Amado, *Mar.*, 55: Tem uma *padaria* que dá gosto); *pandeiro* (Amado, *Dona*, 415: Bota cada olho em teu *pandeiro*, aquele fistula...) ⁽³²⁾; *panela* (N., 108) *peida* (Nem., *Mist.*, 183: Mas a Retrós

quisera descansar um migalho e ensaiou um rebola-a-bola pândego, peneirando a *peida*; (N., 112); *pevide* (N., 113), *queijo* (Corr., 592), *quiosque* (N., 119).

6. *Os órgãos sexuais*

A frequência de uso dos termos que designam os órgãos sexuais, tanto femininos como masculinos, é relativamente baixa. Palavras que designam o sexo são normalmente banidas da conversação entre gente educada. E apesar disso a abundância de expressões eufemísticas e disfemísticas que denominam esses órgãos, é enorme e a sua vitalidade e capacidade de renovação são muitíssimo grandes. As expressões que se referem às partes genitais, constituem um campo do léxico fortemente tabuizado. É por isso que, em vez do termo directo, a simples alusão é muito mais frequente que noutras zonas do vocabulário. No âmbito deste trabalho apenas pode ser nosso intuito dar aqui uma ideia dos modos de substituição e de indicar as expressões mais conhecidas. Os exemplos que vamos citar a seguir não constituem senão uma limitada selecção.

A interdição linguística que recai sobre o vocabulário sexual, abrange mesmo termos como *pénis*, *testículos* e *vulva* que é considerado mais vulgar que *vagina*. A palavra *falo* é um termo culto de pouco uso. Mesmo termos científicos, usados principalmente em contextos médicos, são normalmente evitados na linguagem coloquial contemporânea. Mas quando o falante não pode deixar de falar em tais partes do corpo humano, serve-se por via de regra, de expressões vagas ou de carácter geral para substituir o termo directo e cru. Um pudor natural faz com que não se diga, por exemplo, *pénis*, mas que se sirva antes duma expressão genérica como *órgão* (*sexual*, ou *reprodutor*) (Fig., *Dic.*, 160:... ameaçava-o de lhe arrincar determinados *vitais órgãos*, habilitá-lo ao Coro da Capela

Sistina...); ou que fale em *aparelho* (*sexual*), em *membro* (*viril*), que é de uso culto e literário, ou simplesmente em *sexo*. Mais vagos ainda são os substantivos genéricos *partes* (*genitais*, *pudendas*, *secretas*, *vergonhosas*), a *natura*, a *natureza* (Nam., *Dom.*, 30: ainda hoje, na consulta, ao insistir com um aldeão para que me descrevesse o seu mal, ele, por fim, disse-me: — É a *natureza* comida) que, na linguagem popular, pode também significar os intestinos ou então as — “vergonhas”.

Quando se não quer ser vulgar, recorre-se, sobretudo na linguagem literária, a circunlocuções como, por exemplo, T. de Figueiredo, no seu romance *Nó cego* (395): “... Jacintinho... com uma voz assim, de, em pequeno, um porco lhe ter ido ao berço e roído certas *extremidades essenciais*, essenciais à própria voz). O substituto mais frequente, sobretudo na linguagem familiar, talvez seja a palavra *passe-partout*, *coisa* (Red., *Olhos*, 244: “Ah, meu malandro, que te agarro e te corto *uma coisa* que aí tens...”) (33). O pronome *aquilo* também serve muitas vezes de eufemismo (Nem., *Mist.*, 233: Um dia, eu e o Abílio achámos engraçado que *aquilo* que Deus nos deu ficasse arrepiado ao vir do banho).

Ao lado destas expressões há outras que são consideradas como mais ou menos vulgares e por isso sujeitas à interdição, sobretudo nas camadas mais elevadas da sociedade. A expressão obscena mais conhecida, mas evitada, *caralho*, é, de uma maneira geral, modificada, estropeada foneticamente e assim eufemisticamente encoberta na linguagem coloquial e popular (33). Na boa sociedade nem os eufemismos correspondentes à palavra grosseira e mal soante são usados. Ocorrem de preferência na fala da gente do povo. O termo pode evocar-se por uma palavra que rima com a expressão proibida. Assim, por exemplo: Disse uma palavra que rima com *frangalho* (Corr., 470); ou: Disse uma palavra que rima com *alho* (Corr., 494).

Os termos científicos e os estrangeirismos não têm o mesmo efeito que as palavras tomadas do vocabulário erótico da língua-mãe. É assim que *carago!*, como expressão exclamativa, provindo do espanhol *carajo*, e adaptado às circunstâncias particulares da fonética portuguesa, aparece mesmo na boca de mulheres.

Todas as palavras que começam com *ca(r)* — tendem a servir de eufemismos para a expressão nefanda. Aqui alguns exemplos para esta substituição e deformação frequente: *cacete*, *camandro*, *camano*, *camasio*, *canhão*, *cano*, *caracho*, *caramba(s)*, *caraças*, *careca*, *catano*, *catatau*, *catrino*, *carvalho*, *canêlo*, *canastro*, etc.

Encontram-se nomes de animais, de frutos, instrumentos musicais e de trabalho que, por analogia de forma, designam metaforicamente os órgãos sexuais masculinos como, por exemplo, *besugo*, *bicha* (Corr., 587), *bichana*, *bicho* (Bar., *Malta*, 139:... folheando revistas de mulheres nuas... pondo-se a tocar ao *bicho*, demasiadamente); *bichoca*, pênis de criancinha: *grilo*, *lagarto*, *macaco* ⁽³⁴⁾, *minhoca* (Corr., 503), *passarinha*. Algumas dessas experiências designam tanto o órgão sexual feminino como o masculino: *besugo* e *passarinha*.

Em nomes de frutos, temos *banana* (N., 51), *nabo* (N., 102), *pepino*.

Também se podem citar instrumentos musicais: *berimbau* (Corr., 503), *flauta lisa* (N., 84), *gaita* ⁽³⁵⁾. Nas mesmas circunstâncias se encontram nomes de instrumentos de trabalho e também designações para pau e objectos parecidos. Assim: *ferramenta* (Corr., 587; Buarque, *Malandro*, 62: Já besuntou a *ferramenta*, Tião?); *instrumento*, *mango* (Corr., 587), *mangalho*, *martelo*, *mastro* ⁽³⁶⁾; *pau* que é uma das designações mais frequentes (N., 111) assim como *porra*, *verga* (N., 134) e *vergalho* (N., 134).

Além disso empregam-se designações de objectos pontiagudos como metáforas para a palavra grosseira.

Assim temos *aguço* ⁽³⁸⁾, *pica* (N., 113), *pico* (Corr., 498), *ponta* (Corr., 587).

Alguns nomes próprios servem de substitutos para a palavra obscena como *bernardo*, *gregório* (Bessa, 162), *vicente*, *zé* e *zé alves* (Corr., 502), *zezinho* (N., 136).

Também não faltam designações um tanto ou quanto burlescas como *abono de família* (N., 44), *às de paus* (Corr., 587), *chicote da barriga*, *dedo sem unha*, *pai de todos* (Corr., 587), *sinais d'homem* (Red., Muro, 56: — E a mim o senhor não me corta os *sinais d'homem*, como o seu avô fez àquele que gozou a sua tia...).

Outras expressões metafóricas são *estrovenga* que é uma correia ou cadeia (Amado, *Dona*, 348:... de cobri-la o doutor, sob o abrigo dos lençóis mas com desejo firme e *estrovenga* em riste); *grosso* (N., 89), *marzápio* (N., 99, regista a forma *marsapo*); *pechota* (N., 111), *pila*, membro de criança (Toj., *Viag.*, 151: — A rainha só nos dá filhas! Só rachas! Em tantos anos de casados, nem um *pilas*...; Toj., *N. Putos*, 17:... já ele corria para mim, de *pilita* a oscilar...); *pipi*, expressão da linguagem infantil; *pirilau*, especialmente de criança (Lopes, *Flag.*, 236: Tens o pirilau à mostra), *piroca*, *pissa*, *pixa*, *serventia* (Corr., 587); *totó*, membro das crianças, *traste* (Bessa, 292), *trouxa* (Castro, 177).

A mesma interdição linguística recai sobre as designações para *testículos* e a palavra evitada *colhões*, em que a analogia de forma é a base das expressões metafóricas. Aqui temos: *bolas*, *bolsas* (Corr., 589), *companhões* (Corr., 589) ⁽³⁹⁾, *guisos* (Corr., 589; Rib., *Terras*, 219: — Vá pegar nos *guisos* do Padre-Santo); *novelos* (Corr., 589), *odres* (Corr., 589), *ovos* (Rod. *Pão*, 250: Nem que os matem, nem que lhes cortem os *ovos*); *quilhos* (Corr., 533), *rins* (Corr., 589) ⁽³⁹⁾ *tangerinas*, *testemunhos*, *os tomates* (Red., Muro, 20: Aí é que se vê quem tem unhas e *tomates* para um volante) ⁽³⁹⁾, *os vizinhos* (Corr., 590).

Com grande frequência testículos é substituído pelo pronome *os* em expressões que significam não se deixar dominar por ninguém (Nam., *Noite*, 147: Aqui, só vejo maricas que não *os* têm no sítio; Ribeiro, *Quando*, 129: Ia-se ver quem *os* tinha no seu lugar).

Os eufemismos que indicam o órgão sexual feminino como os que indicam o órgão masculino, podem dividir-se, grosso modo, em dois grupos: os de carácter científico e culto e os que se podem qualificar de vulgares e que, por decoro, são interditos. Entre os primeiros temos em grande parte as mesmas expressões já citadas para os órgãos masculinos. É assim que se encontram *órgão* (*sexual*, *genital* ou *reprodutor*), *partes*, (*genitais*, *pudendas*, *secretas*, *vergonhosas*), *sexo*, *vergonhas* e, mais especificamente, *vagina* (Rodr., *Nus*, 108:... é uma *vagina* ambulante...) Todas essas expressões se encontram unicamente na língua escrita.

Ao nível familiar, quando se quer sublinhar o carácter sério da expressão, longe de todo o termo vulgar, emprega-se *coisa*, *coisinha* (Toj., *Putos*, 118: — Mamã, o macaco fez-me um careta... Logo a velhota dos recados: — Acautele as meninas, minha senhora! Inda há migalho o vi meter a mão pelo vestidinho de Mizi. Queria-lhe bulir na *cousinha* o safado!) ⁽⁴⁰⁾, *natureza*, *natura*. As mulheres do povo falam da *via da frente* ou *de diante*. *Báinha* é de uso pouco frequente. Na linguagem literária encontram-se outras expressões eufemizantes como, por exemplo, a *região secreta* (Rib., *Andam*, 8: Se bem que trigueirinha de rosto, a carne era branca, com leves tons de rosa nas conjunturas, doirada de velo loiro nas axilas e na *região secreta*). A palavra *cona*, obscena e rascante, é interdita. Mas pode ser evocada por uma palavra que rima com ela como, por exemplo: Disse uma palavra que rimava com azeitona. *Conho!*, com função exclamativa, representa o espanhol, (*coño!* ⁴¹).

Tal como para os órgãos masculinos, o pronome demonstrativo *aquilo* serve também eufemisticamente para designar as partes pudendas da mulher.

Entre o segundo grupo encontram-se metáforas que são designações de frutos ou de animais como, por exemplo, *bêbera* que designa o figo temporão (Corr., 587; Rib., Terras, 61: vá, coma da *bêbera* da mulher); *figa* (Corr., 587) ⁽⁴²⁾, *grelo* (N., 89), *nêspira*, *pera* (*mandar a pera* significa copular), *pêssega* (Toj., Putos, 22:... evita que a filha do Cabenco acabe tristemente pelos palheiros a dar a *pêssega* aos vagabundos). Nomes de animais são: *besugo*, *bicha* (Corr., 587), *bichana*, *bichinha* (Amado, Dona, 463: Estou morto de saudades da *bichinha*...); *crica* que é um molusco (N., 67); *gato* (Corr., 503), *melrinho*, na Madeira (Sousa, Diz., 95); *pardal*, *pássaro*, *passarinho*, *pássara*, *passarinha* (N., 110), *passaroca*, *passarola*, *pito* que deve ser uma corruptela de pinto (N., 115); *pomba*, *pombinha* (Bessa, 249), *rata* (Corr., 503), *senisga*, *vespeiro* (Corr., 587).

Expressões metafóricas que designam recipientes, servem também como eufemismos para a vagina da mulher como, por exemplo, *boceta*, pequena caixa cilíndrica ou oval (Amado, Dona, 403: — Tem gosto de *boceta*... É muito bom!); *caixinha*, *chafarica* que significa loja de mau aspecto (N., 63); e *gaveta* ⁽⁴²⁾

Além disso temos expressões que designam uma abertura pequena e estreita como metáforas para a vulva da mulher: *fenda*, *fisga*, *greta* (Amado, Dona, 300:... não podia bancar a viúva fiel até à morte, de luto eterno e obstruída *greta*, chibio enterrado no carrego do falecido...); *racha* (Toj., Viag., 151: — A rainha só nos dá filhas! — lamentou-se — Só *rachas*); *rachada* (Nem., Mist., 114: — Antes lhe faça um filho, um malhadinho, que *rachada* é já ela!...).

Outras expressões metafóricas são *badalhoca* que significa pele mole, flácida, pendente (N., 51); *bebas*, *bibi*

que é da linguagem infantil: *chibio*, expressão brasileira (Amado, *Mar.*, 199:... é verdade que as mulheres de lá são peladas, só têm cabelo na cabeça, no resto nem fio, e que o *chibio* delas é atravessado?); *chocha*, *chochota* (Amado, *Dona*, 140:... tua *chochota* é meu favo de mel), *cochicho* devem ser formações onomatopaicas; *culatra* faz lembrar cu; *faneco* (Madeira), *febra* (N., 82), *nódoa* que significa mancha e estigma, mácula no sentido figurado (Corr., 587); *pachacha*, muito provavelmente uma formação onomatopaica; *parrameira* (Bessa, 231), *patamecos*, *patuno*, termo de gíria; *pechincho* (Corr., 587), *peladinha*, expressão brasileira significando que não tem pelo (Amado, *Dona*, 463: — Deixa eu ver a *peladinha*, meu bem...); *pinta* (Corr., 587), *serventia*, *tarracha*, *veio*, *xarifa* (N., 136) e, por fim, tirado de Brísida, *Brisda* (Corr., 502) e do nome próprio José, *zé da vestia* (N., 136) e *zézinho* (Bessa, 306).

7. O desfloramento

No campo do léxico sexual o estado da virgindade também é sujeito a eufemização. *Donzelia*, derivado de donzela, traduz como termo literário a virgindade. *Himen* também pertence à linguagem culta (Fial., *Gat.*, IV, 200: “Mais vale um *himen* na mão, do que dois a voar”). Muito mais usado, sobretudo na linguagem falada, é a *honra* ou a *pureza*. Parece-nos curioso que um latinismo como *virgo* seja um termo chulo. Na literatura ocorrem diversas expressões eufemísticas. A título de exemplo citamos aqui algumas delas: Dant, *Vir.*, 32: Sei de uma outra, que dá por Tareja Longa... Ainda *horta cerradinha*...; Lisb., *Pouco*, 119: Aquele, foi aquele que *me tirou o melhor*...; *perdeu a flor de laranjeira*; Rod, *Pão*, 163: Viu logo que a Leonildazinha *tinha perdido aquilo que a menina sabe*!; Nem., *Var.*, 110: — Então o sr. Venâncio arrasta a asa à Elisinha? Pois olhe, é aproveitar! Se me não engana o meu

olho, aquilo é *pote partido*...; Red., *Fenda*, 78: O Tó Soisa, que é uma língua danosa, já quis adivinhar a rebeldia da rapariga, atirando-lhe com maldade: — *Aquilo já é guitarra tocada*...

Diz-se de uma rapariga ainda virgem que *ainda não conheceu homem*. E quando está *desflorada*, que também é eufemismo, *está desonrada* ou *desgraçada*; na linguagem familiar, *já não está inteira* (Red., *barca*, 303: O velho não desconfia que a rapariga *já não está inteira*).

Outras expressões metafóricas e eufemísticas, entre as quais há muitos verbos com o prefixo *des-*, são *arrancar* (*estostrar, tirar*) *o cabaço, comer o cabaço* (Amado, *Dona*, 127:... ele tinha lhe tirado os tampos, *comido o cabaço*, necessitavam casar) ou *descabaçar* (Amado, *Mar.*, 178: Tentava explicar tê-la encontrado já *descabaçada*); *arrombar* (*comer, rebentar*) *os tampos* (Amado, *Dona*, 107:... logo se via qual o seu desiderato: *comer os tampos* de Dona Flor...), *meter os tampos dentro* (N., 100); *desmoçar* (Rib., *Andam*, 164:... os homens que hajam de as levar, as levem *desmoçadas*...); *despucelar, desfolhar a flor* (Amado, *Dona*, 255: Sem licença do juiz... não *desfolha* a flor da viuvinha), *desvirgar* e a forma jocosa *desvirgular, desvirtuar* (Freire, *Talvez*, 87:... o lugar-tenente do bandoleiro quisera *desvirtuar* uma das meninas).

Encontram-se a cada passo expressões atenuadoras para o acto da desvirginação como: *enganar* (Corr., 610), *deitar a perder* (Corr., 610), *escorregar* (Corr., 611), *ser furada* (Amado, *Mar.*, 177: Quando encontrei ela, já *era furada*...); *fraudar* (God., *Calc.*, 249: Calcule-se o seu desapontamento quando se inteirou de que a princezinha *fora fraudada* como qualquer serva do campo...). Muito conhecida é a expressão *já não tem os três (vinténs)* que Silva Correia (612) explica como provindo do “antigo uso de pendurar ao pescoço das solteiras, como símbolo da virgindade, moedas de três vinténs em prata” (Rod., *Pão*, 163:... a filha tinha deixado ir

os *três-vinténs* no balão...); e, para terminar, *já ter ido ao castigo*, que é uma expressão tauromáquica (Corr., 612).

8. *Excreções do corpo*

Todos nós, na medida do possível, evitamos mencionar as necessidades do corpo e, no caso de sermos obrigados a falar dessas necessidades, vemo-nos obrigados a falar delas com palavras encobertas. Empregamos, na maior parte das vezes, expressões vagas ou termos atenuantes para não ofender a sensibilidade das outras pessoas e a nossa própria. Seria um atentado contra os preceitos da cortesia servirmo-nos de expressões indecorosas para nos referirmos às necessidades do corpo. Escondemo-nos nos momentos críticos por detrás de uma cortina eufemística. É claro que as palavras se gastam, como as medalhas, pelo uso e logo que um novo eufemismo se torna corrente, sobretudo numa camada linguística mais baixa, associar-se-á rapidamente com um conceito eufemizado e será contaminado por ele. Este processo traz consigo uma longa série de eufemismos sucessivos para exprimir por exemplo o lugar destinado a dejectões como *instalações sanitárias* ou *privadas* (Fig., *Cego* 133: “E lembrava-se de ter sido quem lhe dera o primeiro cigarro? Fumado na “*privada*”...”, que o autor põe entre aspas) ou *necessária*; *sanita* (Card., *Balada*, 145: ... no cimo ergue-se uma *sanita* modesta de tampo de madeira), *sentina*, também *casinha* (Amado, *Past.*, 17: Eu tava apertada, querendo ir na *casinha*...). Hoje em dia usam-se os eufemismos *lavatório*, *casa de banho*, o galicismo *retrete*, que deve ser a designação mais frequente, e a abreviatura *W.C.* (= water-closed). Eça de Queirós ainda empregava *conveniências* (*Cap.*, 51: ouça lá, as *conveniências* são ao fundo do corredor) e Fialho d’Almeida, a falar dos urinóis públicos, empregava a expressão *quiosque de verter água* (*Gat.*, VI, 146).

É muito vulgar dizer-se sem determinar o sentido da frase, *vou ali, venho já* ou *vou ali (fazer uma coisa), vou lá dentro*, quando a retrete fica dentro de casa (Fig., *Estr.*, 136: ensinados, logo de pequenos... a pedir licença de *irem lá dentro*, se lhes apetecia fazer cocó ou chichi...). Pouco usado é *mictório* em vez de urinol (Toj., *Viag.*, 95: — Onde é o *mictório*?). Alguém que pede para *lavar as mãos* quer que lhe mostrem o W.C.

O verbo vulgar e grosseiro *cagar* é eufemizado com muita frequência. Termos eruditos como *defecar*, *dejectar*, *eclodir* (Corr., 597), *evacuar*, *exonerar* (*o corpo* ou *o ventre*) podem servir para velar o acto da evacuação.

Na linguagem familiar e popular, no entanto, usam-se expressões como *abaixar-se* (Red., *Fanga*, 26: — Não lhe digas (a teu pai) que estiveste comigo. É capaz de te bater. Diz que vieste *abaixar*; No., 43); *aliviar* (*o corpo, a natureza, a tripa*) (Fig., *Estr.*, 164:... lá com os seus usos e costumes, os seus hábitos, só ali *se aliviava*...; Rodrigues, *Léah*, 347: Foi *aliviar a natureza* atrás dum muro...); *borrar* (Rib., *Quando*, 117: *Borrais* nas calças quando sentis lobo...); *obrar* (Rego, *Mol.* 166: Uma filha pequena não parava de *obrar verde*); *sujar* (Corr., 597). Além disso temos ainda: *armar à lebre*, *arrear o calhau* (*a carga, a giga, o preso*) (Nem., *Mist.*, 244: para não perdermos conversa, *arriou* ali mesmo, numa cova ao pé do cedro); *baixar as calças*, *cair das calças abaixo* (Red., *Muro*, 112: De suspensórios bem apertados, o homenzinho *cai das calças abaixo*...); *ciscar-se* (Corr., 598), *ir abaixo de Braga* (Corr., 600).

Ir a campo, *ir ao curral*, *ir arrear as calças*, *ir arriba dos pés*, *ir atrás da casa*, *ir dar de corpo*, *fazer águas maiores*, *fazer de corpo* (Fig., *Estr.*, 164: Empregando expressões camponesas, Luís, o Loiro *ia ali a campo*, ali *ia dar de corpo*, ali a fazer a vida) são expressões sobretudo empregadas pelos camponeses. De uso geral são os eufemismos *fazer uma necessidade* ou *fazer (as suas)*

necessidades (Toj. *Viag.*, 55: — *Estive a fazer necessidades*. Olhei-o com firmeza: A cagar, quer você dizer); *fazer o que os outros não fazem por nós* (Corr., 596); *ir ao escritório, ir aonde o rei vai sózinho, ir fazer o serviço, ir poisar, livrar-se de uma carga inútil, mandar uma carta ao Afonso Costa*.

Outras expressões que são em parte burlescas ou pertencem à gíria, são os seguintes: *descomer* (Corr., 596), *desistir do corpo* (Corr., 596), *desovar* (Corr., 596; Card., *Balada*, 145: Elias imagina a glória dum cidadão sentado ao alto das escadas, com as calças ao fundo dos pés, a *desovar* cá para baixo); *despejar a tripa, escrever uma carta ao Lopes, fazer cacau* (Corr., 596), *lascar* (N., 94) *pôr um ovo (sem casca), puxar o autoclismo*.

Quando o acto da evacuação se manifesta de forma precipitada e involuntária, fala-se em *diarreia* que é um termo erudito e muito empregado. Também se fala em *disenteria*, que é um termo médico, e em *fluxo de ventre*.

No campo evita-se falar na diarreia, chama-se-lhe *soltura (de ventre)*, ou diz-se *não andar bem dos intestinos* (Corr., 634), *andar co'a ligeira* (Corr., 634). Na Madeira fala-se em *estar ca doença do curso* ⁽⁴³⁾; na linguagem popular ocorre *cambras* ou *câmaras* para diarreia; no Brasil, quando se fala do gado vacuno, *corredeira*. Além disso temos *desarranjo, destempero, esfoira, esfoirar-se*, na Beira, *forrica, esforricar-se*, no Minho; e *andar de esguicho*, que já são expressões disfemísticas como também *andar com a caganeira*.

A palavra de Cambronne é normalmente atenuada, a não ser que apareça em momentos de cólera, em que, para injuriar o próximo, o homem se torna primitivo. Trata-se de uma daquelas palavras chamadas vernáculos de que Tomaz de Figueiredo dizia “que também ajudam à sanidade física, aliviando a tensão, porque aliviam” (*Dic.*, 153).

O termo erudito *excremento* é pouco usado com exceção de contextos médicos. O mesmo acontece com a palavra *fezes*.

Na língua escrita leva-se a redução da palavra *merda* ao máximo, suprimindo todas as letras do vocábulo, com exceção da inicial (Fial., *Gat.* I, 163: — O senhor é um m...). No caso citado trata-se evidentemente de uma injúria que outros autores, hoje em dia, não têm receio de citar com todas as letras, isto é com *as cinco letras*.

Com muita frequência a palavra *merda* é substituída por outras que rimam com ela ou mesmo por palavras que aliteram unicamente, em fórmulas que servem para mandar embora alguém de uma maneira rude e com uma certa violência como *vá bardamerda!*, *vá à fava!*, *vá àquela* (ou *a tal parte!*) (Corr., 715), *vá a Palmela* (Corr., 472), *vá àquele sítio!*, *vá à mãe!* *vá à missa*, *vá pr'à marela!*, *vá à erva!* (Corr., 472).

Na linguagem popular e na gíria temos substitutos como *cebo de grilo* (N., 63), *cera de milho* (N., 63), *grelas*, *lastro* ⁽⁴⁴⁾; na gíria académica, *monte* (Corr., 599), *ovo* (*sem casca*), *poio* (Corr., 599), *pombo* (*sem asas*) (N., 115), *presente* (Corr., 712), *respo* (Lop., *Termos*), *sujidade* (Corr., 597), *trampa*, uma das palavras mais conhecidas, e *troço*.

O diminutivo *caquinha*, que tem função atenuante, é empregado a cada passo pelas mães com as crianças. Na boca destas aparece a forma *tata*, com substituição do *c* por *t* que pertence à linguagem infantil.

Outras palavras, como *bosta*, *esterco*, por exemplo, referem-se a animais.

Quem tem dificuldades na defecação, tem uma *constipação intestinal*, está constipado, e quem está achacado de oclusão intestinal, quem sofre de *prisão de ventre*, é chamado *dureiro* (Corr., 634) ou então, na linguagem popular, *empedernido* ou *encerrado*, e a oclusão mesma é o *encalhe* (Corr., 634).

A *ventosidade*, causada pelos gases intestinais, não fere só o olfacto do ouvinte, mas também a sua sensibilidade, quando se proferem termos que a designam. Os literatos abundam em eufemismos para designarem essas coisas sujas. Assim por exemplo, Fialho d'Almeida fala nos *Gatos* (IV, 35) em *solfejo*: "...vinha subindo as escadas ...e de repente um *solfejo*... — ...*solfejo* que (nem sei como conte) desconfio me saiu das entranhas da barriga...", e, um pouco mais adiante (IV, 38) emprega *escapular* e *pregar um vento*: — "*Escapuli*, sim senhor, *escapuli*, e mesmo com os olhos em Deus, *preguei um vento*". Na *Vida irónica* (310) encontramos o seguinte passo: "Trata-se dum bêbado gastrálgico, que o outro dia no Chiado *deixou escapar da tripa um som suspeito*". V. Nemésio, em *Mistério do Paço do Milhafre* (273) designa o acto por *vazar*: "E, como a Segunda se deixasse *vazar* — malcriado! — O Venâncio ferrou-lhe uma chapada no focinho". Rodrigues Miguéis, no seu romance *O pão não cai do céu* designa o mesmo acto por *borborigmas*: "Os *borborigmas* da tripa e o hálito avinhado eram nele todos os sinais de vida.

Mas palavras como *bufo*, *peido*, *peidar-se*, *traque* (Fial., *Gat.*, IV, 42: ...ei-la se volta, e ejacula do posterior um *traque* apocalíptico) são evitados normalmente. Na Beira emprega-se a metáfora *amarelo*, *escapuliu-lhe um amarelo* (Corr., 507) que atenua a palavra rascante designando a ventosidade. Outras expressões metafóricas e eufemísticas são: *bomba* (Corr., 599), *descuido*, *espirro da natureza* (Corr., 599), *estalo*, *farpa*, *marmelo* no Algarve, *suspiro do corpo* (Corr., 599). Eufemisticamente anuncia-se o aroma sulfídrico da ventosidade por meio da expressão *aqui está um a mais* (Corr., 598). *Peidar-se* é a cada passo eufemizado por *ciscar* (Corr., 598), *dar pus* (Corr., 481), *deixar cair nozes (castanhas)* (Corr., 598), *descuidar-se* (Corr., 598), *deixar escapular flatulências* (Corr., 598) *esfoeirar-se*, *largar*, *pregar ventos*, *sentar-se*, *soltar-se o ventre* (Corr., 598) e *ventejar*.

O verbo *mijar* e o derivado *mijo* comportam a mesma interdição que o verbo *cagar* e são substituídos da mesma maneira pelos termos cultos *urinar*, *urina* que, como nos diz Silva Correia (590): “anda na boca do vulgo, embora sob a forma *ourina*, que é uma falsa etimologia devida à cor amarela do líquido — cor que lembra a do ouro”.

As expressões gerais e vagas que servem para substituir *cagar* como *aliviar-se*, *ir a campo*, *ir ao curral*, *ir atrás da casa*, *fazer (as suas) necessidades*, *ir ali fazer uma coisa*, *vou ali*, *venho já* e outras semelhantes são também empregadas para velar a acção de urinar.

Outras expressões familiares e populares que eufemizam o verbo *urinar* são *abrir o dique* (Corr., 596), *desbeber*, *deitar abaixo uma parede* (Corr., 596), *escorrer a água das azeitonas* (ou *das batatas*) ⁽⁴⁵⁾; *escoar o caldo às castanhas* (Corr., 596), *escorrer o caldo à carne* (Red., Muro, 35: ...encaminha-se de vagar para trás de uma das guaritas da água... E grita de lá: — Estou a *escorrer o caldo à carne*, não se vai embora); *mictar* e o derivado *mictório*, que designa o *urinol*; *verter águas* (Nam., Noite, 179: — Vou ali fora *verter águas*).

Na linguagem infantil usam-se *fazer chichi* ou ainda *fazer pipi*.

O *vaso de noite*, também chamado *vaso de câmara* ou *bacio*, na linguagem popular *penico*, é eufemizado pelo anglicismo *bispote*. Outros eufemismos são *comadre* que é para os doentes deitados na cama; na gíria *cuitó*, *doutor*, *leão* ⁽⁴⁶⁾; e *servidor* na Província.

O *vómito* que é alguma coisa de repugnante, de nauseabundo, e *vomitare* são palavras que se evitam. Assim, Eça de Queirós, emprega na *Capital* (137), por exemplo, a expressão *embrulhou-se-me o estômago* para exprimir que vomitou.

Ao lado de vomitar temos *arrevessar*, *borcar*, *deitar fora*, *lançar fora*. E *golfar*, que é expelir com ímpeto, usa-se muito em relação a bebês.

Na linguagem familiar e popular aparecem expressões metafóricas como: *arrear* (ou *deitar*) *a carga ao mar*, *cabritar* ou *andar aos cabritos*, *deitar o cabrito fora* ⁽⁴⁷⁾ (Junq., *Velh.*, 199: E às vezes, do alto infinito, / Talvez depois dum mau jantar, / O Padre Eterno *faz cabrito*, / E enche o bacio a transbordar). Na gíria náutica temos *cantar a lupa* e, imitando o ruído sombrio, gutural e rolado do vômito *chamar pelo Gregório* (Corr., 482) e, por fim *levar uma lagosta*. O povo diz *estar agoniado* ou *estar com náusea*.

Ainda, sobretudo, numa situação ao ar livre: *ir apanhar* (*colher*) *flores*, *ir regar a horta*.

VII / DECÊNCIA: AMOR

Tudo o que diz respeito às relações amorosas requer alusões veladas, na maior parte das vezes eufemismos, para protegê-las de indiscrições. As expressões mais comuns são *enamorar-se*, *prender-se*, *apaixonar-se* ao lado de outras como *cortejar*, *dar a vida por alguém*, *fazer a corte*, *galantear*, *requestar* e alguns estrangeirismos como *coquetear*, *flirtar* e o substantivo muito usado *flirt*. O verbo *amar*, na sua expressão corrente do amor, é evitado ⁽⁴⁸⁾. O que se emprega é *gostar de* ou *querer (bem) a*.

Na linguagem popular usam-se antes *conversar* (o rapaz chama *conversada* à rapariga a quem namora), *falar* ou *estar no derriço*; *gargarejar*, dito do rapaz que namora da rua para qualquer janela, também *tomar gargarejos*; *arrastar a asa a alguém*, expressão que provém do galo que anda em volta da galinha (Rib., *Láp.*, 331:... estudantinhos do sétimo ano que *arrastavam a asa às sopeiras*); *dar o cavaco por alguém*, *fazer o pé-de-alferes* (Rib., *Tombo*, 65: Ia jurar que anda até mal-intencionado a *fazer o pé-de-alferes* à Branquinha...); *olhar com olhos de carneiro mal morto*, *babar-se todo por alguém*, *beber os ares (os olhos, os ventos) por alguém* (Corrêa, *Raça*, 13: e olhe que ele *bebe os olhos pela menina Guidinha ...*); ou *comer alguém com os olhos*, *ser de se comer* (Torga, *Bichos*, 99: A rapariga *era toda ela de se comer*).

Outras expressões muito usadas na linguagem familiar são *andar todo derretido* (Paço, *Ausente*, 14: Mas *andas tão derretido* pela mulher que nem das por nada...); *estar apaixonado (doido, louco, perdido) por alguém*, *gramar aos molhos*, *morrer* ou *estar (andar) morto por alguém* (Beck., *Longe*, 103: ...*está mortinho por ela*), *ter (trazer) pelo beijo* (ou *pelo beicinho*), *andar preso pelo beicinho*, *ter um fraco por alguém*. *Namorar* e *namorico* designam um namoro passageiro, um galanteio por distração.

No Brasil usam-se expressões como *andar de olho em*, *derramar azeite*, *azeitar*, *derretimento*, *enrabichar-se*, *fazer cera* ⁽⁴⁹⁾. Por influência das telenovelas brasileiras na TV ouve-se *curtir o moço* ou *a moça*.

1. *Concubina*

A mulher que vive com um homem, não sendo casada com ele, é designada eufemisticamente por um termo erudito. Chama-se-lhe *concubina*. Menos frequente são *barregã* (Eça *Cap.*, 94: se simplesmente uma *Magdalena* ou, como diziam os nossos honrados avós, uma *barregã*... dirija-se a qualquer das repartições públicas), e *manceba* que se se desligou completamente de *mancebo*. *Estar amancebado* significa *viver em concubinato*. O povo prefere dizer *ela vive na companhia dele*, *foi para a companhia dele* ou ainda *juntaram-se*. O termo geral *moça* pode ter acepção pejorativa e ser empregado com o sentido de prostituta ou de concubina, como no Brasil. *Rapariga* também ocorre com o sentido de concubina.

Na linguagem literária aparece *contubérnio* significando concubinato (Rib., *Láp.*, 59: Aquele *contubérnio* com a moça da vida airada tinha mais de dois dias). *Amiga* e *amante* precisam hoje em dia de tapume eufemístico (Corr., 619) e são atenuadas por palavras neutras como *rapariga* e *governanta*. Também os verbos *amigar-se* e *amantizar-se*

tomaram o sentido de amancebar-se. O latinismo *amásia*, empregado com sentido pejorativo, significa concubina (Nam., *Dom.*, 149: Os fiscais, agora, até se fazem acompanhar das *amásias*). Ao facto de viver em mancebia chama-se, por atenuação, *casamento da mão esquerda* ou *faux-ménage* (Corr., 620).

O homem que faz unicamente pequenas visitas à mulher com quem vive, é chamado um *marido do cabide*. O cabide feminino é o *biscato*. Diz-se que uma mulher *está por conta* de um homem, quando este lhe pôs casa onde vai viver com ela, onde tem uma *mulher por conta* (Rib., *Láp.*, 206: O Malhão tinha... casa própria às Pedras Negras com *mulher por conta*). Um simples namoro de ocasião chama-se um *arranjinho*.

Na gíria *agá*, *agachim*, *agachis* (Lop., *Termos*) significa amante, como também *gaja*, palavra de origem cigana.

Na Beira usa-se *favelca* para concubina, amásia (Rib., *Volf.*, 227: Metia-ta (= a bagalhoça) na unha, que és honrado, para ires funfiar nas tabernas com os compadres ou fazeres bodeganas com as *favelcas*). Muito frequente é a palavra popular *pega* para amante ou qualquer mulher fácil (Rodrigues, *Pão*, 37: O que o irritava no primo era aquele hábito de julgar todas as mulheres pela mesma bitola, como “*pegas*” ou éguas de remonta, desumanizadas).

Na gíria emprega-se *pente* para amásia (Rib., *Cam.*, 343: Para uns é a minha menina; para outros, os maloios, minha esposa; para os invejosos, irreverentes e desvergonzados, o bom *pente* do velhote).

2. Prostituta ⁽⁵⁰⁾

Os eufemismos para as mulheres que praticam as artes da Madalena antes do arrependimento, as *prostitutas* ou *meretrizes*, como se lhes chama com um termo erudito, merecem ser destacados pela enorme riqueza lexical e, ao

mesmo tempo, a pouca estabilidade semântica que os caracteriza. Os termos gerais perdem depressa o seu valor eufemístico. Quase todas as palavras que designam uma rapariga, são empregadas para atenuar as expressões que significam prostituta. Perderam assim o seu significado primitivo absolutamente puro e quase neutro. É o caso de *donzela* (Corr., 613), *menina* (Corr., 613; Rib., *Ald.*, 138: ... antes vender tudo e ir gastá-lo para Lisboa, de bengala na mão e cartola, pelos teatros, com *meninas da trama*...); *moça* (Rib., *Láp.*, 59: Aquele contubérnio com a *moça da vida airada* tinha mais de dois dias); *pupila* (Rib., *Láp.*, 62: As *pupilas* devem a estas horas estar a cear...) e *raparigas* ⁽⁵¹⁾. Também *fêmeas* (Corr., 613) e até *fêmeas omnibus* (Fial., *Gat.* V, 186: ... os seus desejos d'amor varava-os o escárnio até das *fêmeas omnibus*...).

Sobretudo na literatura aparecem estrangeirismos como *cocotte* (Rib., *Láp.*, 352: Abundam por essas ruas fora o mecânico, o engenheiro, o operário hábil, e *cocotes* em barda, *cocote* francesa, *cocote* espanhola, a marafona de casa); *cortesã*, prostituta de viver luxuoso, *grisette* (Corr., 613), *hetaira* (Fial., *Gat.* II, 259: ... não nos poderia... organizar a *régie das hetairas*, com uma zona de protecção...?); *huri* (Fial., *Gat.* II, 258: A polícia tem andado a remover das ruas concorridas todas as casas de amor onde não tem provavelmente *huri* marcada); *peripatética*, a prostituta que anda passeando na rua em busca de cliente; *vestais* (Corr., 613). Ainda outras expressões eufemísticas ocorrem na literatura como *sílfides* (Mont. *Contos*, 15: ... a casa enche-se do falatório rouco das *sílfides das ruas*...); ou *Vénus de "trottoir"* (Mont., *Contos*, 17: ... as pernas caprinas das *Vénus de "trottoir"* ...).

Bastante frequente e conhecida é a metáfora *horizontal* ⁽⁵²⁾. Fialho d'Almeida fala mesmo de *horizontais de ambos os sexos* (*Gatos*, II, 240) e criou a palavra *horizontalismo* ao lado da expressão já existente da *profissão horizontal*

(Fial., *Vida*, 115: Os gentlemen vão de casaca, para a plateia, tratar por tu o alto *horizontalismo*...).

Entre os termos gerais temos as *arroladas*, as *irregulares* (Fial., *Gat.* II, 259:... a polícia não tem cidadela ainda em que fechar as *irregulares* que por aí andavam desgarradas); as *matriculadas*, as meretrizes que estão registadas e que têm que sujeitar-se à visita sanitária, com intuito profilático (Rodrigues, *Esc.*, 307: ...contemplava... as *matriculas* que rodavam a distância, nas travessas vizinhas); e o termo vulgar as *tipas* (Corr., 616).

Como substitutos eufemísticos para prostituta ocorrem pronomes como *aquilo* (Vent., *Sombra*, 201: Mas ela era, sem dúvida alguma, *aquilo* que procuravam, facto suficientemente picante para dispensarem outros atributos), *as* (Camilo, *Corja*, 38: Má mês para o mafarrico da mulher!, parece mesmo da viela! — As inocentes meninas achavam que sim, que se parecia com *as da viela*); ou *essas* (Sttau, *Hom.*, 118: não me sujeito a viver à tua custa como se fosse... como se fosse *uma dessas* que andam nas ruas).

Termos correntes, eufemísticos para prostituta são *mulher de porta aberta* (Nem., *Mist.*, 84:... de rumo ao Brasil fora arribar a Brest, com um motim a bordo, carregado de soldados e de *mulheres de porta aberta*); *mulher da rua*, *mulher da vida*, *mulher de rótula*, *mulher de trama*, *mulher do beco*, *mulher-dama*, *mulher de má nota* (ou *de má vida*), *mulher de vida airada*, *mulher de vida fácil*, *mulher do fado*, *mulher do mundo*, *mulher errada*, *mulher perdida*, *mulher pública* (Ram., *Farpas* VII, 175: Faz-se sustentar de ordinário por uma *mulher pública*, que ele espanca sistematicamente); *mulher que fuma* (em Lisboa, a Rua do Capelão, perto da Rua da Palma, é chamada a *rua das mulheres que fumam*); *mulheres toleradas* (Ram., *Farpas* IX, 49:... perdendo quanto tinha numa casa privilegiada pelo Governo, com *mulheres toleradas* pelo Governo...) ou simplesmente *toleradas* ⁽⁵³⁾ que são prostitutas, que têm o nome inscrito nos registos

administrativos e estão sujeitas a inspecção e a regulamentação policial (Rib., *Láp.*, 238: Do terceiro turno... faziam parte duas caras de facínoras, desses que na corporação exploram as *toleradas*...).

Alguns nomes próprios servem de eufemismos para prostituta. Assim por exemplo *Estefana* (Corr., 502), *Inês-de-Castro* (Corr., 502), *Madalena* (Corr., 613), *Messalina* (Corr., 613), *Michelena*, *Michela* (Camilo, *Corja*, 36: ...ela tinha o desplante impúdico de lhe dizer numa languidez de *michela*: “Mi rêpete fãdinhos, meu dengue!”). *Ir às Marias* ou *visitar as Marias* diz-se para entrar nos bordéis (Corr., 502). No Porto, a prostituta muito nova é chamada *Roberto*.

Alguns nomes de animais que fazem de certo modo lembrar o modo de vida das meretrizes, servem como eufemismos para prostituta. Assim temos *borboleta* que designa uma meretriz de luxo (Cort., *Lodo*, 13: — ...andam p’r’aí os bufos a dar caça às *borboletas*); *cabra* (Eça, *Prim.*, 97: (Juliana) estava furiosa. — Todas o mesmo! (refere-se à Luísa). Uma récu de *cabras*!); *cação* que é um peixe matítimo e se usa para designar uma mulher desavergonhada, uma rameira; também *cachorra*, *cadela*, *cadelona* significam metaforicamente uma mulher de mau porte (Camilo, *Eus.*, 17: Chamaram-lhe perdida... que era como a do Coxo e a Carrasqueira, uma *cadela* sem vergonha); *galinha* designa uma mulher devassa, que se entrega facilmente; *gansa* significa em sentido figurado a amásia, a barregã (Fial., *Cid.*, 185: A mãe era *gansa* de príncipe... (o grifo é do autor).

Na Madeira, a mulher leviana chama-se *garça* (Sousa, *Diz.*, 81); *gata* aplica-se à meretriz (Fial., *Gat.* IV, 17: Duas inclinações que o levaram, mal lhe sombreava inda no beíço uma lanugem, primeiro a se inscrever por sócio numa das filarmónicas da terra, e seguidamente a se atirar às *gatas*, como um doido). Na gíria brasileira emprega-se *paloma* para prostituta (Nasc., *Gíria*, 128). *Pegas do vício* (Fial., *Gat.* II, 258: Foram já mandadas sair da rua do

Arsenal, todas as *pegas do vício...*): *rata* ou *rateira* é uma marafona velha; *treca*, que significa porco ou porca, designa no sentido figurado uma prostituta, como *serigaita* e também *zorra* e *vaca* empregam-se com o sentido de mulher desavergonhada, meretriz.

O colectivo *gado* ⁽⁵⁴⁾ designa de uma maneira bastante grosseira e desumanizada as prostitutas (Paço, *Mem.*, 32: O advogado trocou impressões com a espanhola e esta, no gesto repetido, mandou avançar o “*gado*”).

A palavra ofensiva *puta* que, sobretudo na boa sociedade, se procura evitar, esquivam-se normalmente, deforma-se ou substitui-se por outras eufemizantes. Na literatura aparecem com frequência os famosos três pontos que graficamente velam palavras tidas como indecentes, grosseiras e obscenas (Fig., *Cão* 90: ...chama-lhe baixo os piores nomes, até com licença *p...*); sobretudo nas expressões injuriosas *puta* é substituída por deformações eufemizantes ⁽⁵⁵⁾ como *filho da púcara*, *filho da puxa*, *filho da curta*, *filho de quem o pariu*, *filho das quatro letras*, *filho de com-perdão-da-palavra*, *filho da po...lícia*; ou então por eufemismos como *filho desta e daquela*, *filho duma grandessíssima reca*, *filho duma vaca*, etc. — até *filho da pátria* (Fial., *Vida*, 53: O Porto vestiu-se de pompas para receber condignamente o ministro Arroio, o grande filho do Porto, que é ao mesmo tempo um *grande filho da Pátria*.).

Outros termos eufemizantes que, na maior parte, já perderam o seu poder atenuador, são *bagaça*, palavra muito espalhada e muito provavelmente de origem árabe (bras. *bagaço*); *baldona* (N., 51), *balhastreira* (Alentejo), *bandarra*, *bruaca* (bras.) (Amado, *Jub.*, 92: — Você tá com ciúme dela! — Eu? Vê lá... Daquele couro... Uma *bruaca* velha, caíndo de podre...); *bucho* (bras.), prostituta reles e feia; *calatra*, *calatrão* (Beira), rameira reles (Rib, *Via*, 27: *Calatra!* tão novinha para o cio que tem!); *canhão* (N. 60), prostituta gorda e feia, *careca*, prostituta nova; *chantra* (N.,

63), prostituta ordinária; *china* (bras.), mulher pública; *chunga*, palavra de origem cigana; *coira*, *coirão* (N., 65; Rib., *Bat.*, 66: ...dou a jorna mai-la *coira* da minha senhora); *comborça* (Per., *Marc.*, 154: ...de marido exemplar passara a devasso, montando casa para *comborça* às barbas de uma população tão recatada); *croia* (Nor., *Alf.*, 205: — Isto é que são umas *croias*, estas fidalgas!); *culatra*, *culatrona* (Nem., *Mist.*, 136: À saída dos toiros... atirei um cravo a ua *culatrona* de mantilha... mulher da vida, sim mãis desimbaraçada e escorreita...); *curta e comprida* (Corr., 475; Ribeiro, *Plan.*, 282: Daquela boca p'ra fora rezanadas saem, o amaldiçoado, que na porca da sua língua são todas *curtas e compridas*, nem que houvesse mulheres honradas senão das portas p'a dentro!); *galdéria* (N., 86; Rib., *Láp.*, 52: um indivíduo mal encarado, que dava o braço a uma *galdéria*, apostrofou-me num palavrório chulo...); *galdeirona* (Red., *Muro*, 128: trocando uma mulher desenxovalhada e poeta por uma *galdeirona* de pássara arreganhada para todos os homens); *galdrana*, *galdrapinha*, meretriz muito reles (Nor., *Alf.*, 128: — ue tal me saiu a *galdrapinha*, hein?!); *magana* (Corr., 615; Fial., *Gat.* I, 72: ...houve lá uma abadessa cavaqueadora e emérita *magana*, que convidava os altos funcionários civis a alegres merendas...); *malote*, prostituta de baixa condição (Bessa, 194); *manesa* (gir.), *marafona* (Rib., *Arc.*, 12: Esta vida de advogado é pior que a das *marafonas de porta aberta*); *mundana* (Ram., *Farpas* VIII, 265: Achamo-nos por acaso na presença de uma pobre rapariga, de uma filha do século e do palco, de uma *mundana*...), *pinóia* (Freire, *Talvez*, 78: — É uma *pinóia*, e nem sei como o senhor Doutor Huguinho casou com ela); *rameira*, prostituta que punha um ramo à porta da sua casa para indicar que o era; *rascôa* (Sousa, *Bairro*, 58: Bairro Alto... bairro de *rascôas* que se estendiam, como em alas de ambos os lados da maior das artérias, debruçadas sobre os *aventais de pau* (o grifo é do autor...); *samarrão* que, como coirão, designa a pele de

qualquer animal e, metaforicamente, a prostituta (Lop., *Termos*); *surrão* é a meretriz ordinária, de maus costumes; *zabaneira* (Rib., *Manto*, 308: Constou aqui que vive também com uma *zabaneira*, a bêbada duma mulata que lhe suga tudo quanto ganha...); *zoína*, *zoupeira* (Ribeiro, *Plan.*, 138: ... uma (bruxa) se conhecera, tão *zoupeira*, tão zorra, tão encegueirada no mal e com tal pacta com o diabo, que houve que ferrar-lhe um tiro...).

Fazer vida de prostituta é eufemizado por expressões como *andar na vida* (Paço, *Mem.*, 190: A segunda (filha) abalara, e, apesar de novita, diziam que *andava já na vida*); *andar no engate* ou *andar ao fanico* significa mostrar-se a prostituta pelas ruas para atrair os homens (Men., *Ronda*, 62: Agora compreendia-o: tinha de *ir para o fanico*); *atacar* (N., 50), ou seja, praticar a prostituição; *estar com avental de pau* (Corr. 506), sendo avental, aqui, a meia porta de madeira das meretrizes de rez-do-chão; *andar (estar) no fado* (N., 80: Rib., *Láp.*, 322: O *fado* é uma matação. Mas ouviu uma coisa, aquele sujeito com quem o Velhinha uma vez bulhou... aquele... hem? quer *tirar-me da vida*...); *pôr-se à meia porta* (God., *Cru.*, 74: Desprezada por toda a parentela, teve de *pôr-se à meia porta* e acabou comidinha de venéreos...); *perder-se* (Rego, *Doid.*, 83: — *Se perdeu, caiu no mundo*); *andar ao ponto* (Men., *Ronda*, 96: De repente tive esta ideia: que as estrêlas eram moças da vida que *andam ao ponto* lá por cima!).

3. *Alcoviteira, alcoviteiro*

A mulher que explora o lenicínio, que é medianeira em relações amorosas, é chamada eufemisticamente *intermediária*, *medianeira*, *mulher de leva e traz* (Corr., 633). A *alcoviteira* ou *alcaiota* (Rib., *Casa*, 404: Ah, que melhor *alcaiota* que a noite!), palavras de origem árabe, designam mulheres que fazem vida de alcovitar. Estes vocábulos são

eufemizados por outros que têm a mesma sequência de fonemas iniciais e que sugerem o termo interdito como *alcaguete* (bras.) *alcarroteira* (trasm.) *alcocheta*, *alcofa* (Curto, *Fera*, 89: MATIAS — pelos modos, a Leocádia é *alcofa...*), *alcofeira*, *alcofinha*, *alcoveta*.

Outros termos são *ajoujo* (alent.), união ilícita ou mesmo qualquer combinação com fins pouco confessáveis; *casquilheira* (alent.), *cogiteira* (beir.); a expressão muito usada *comadre*, *engatadeira* (Lop., *Termos*); *entregadora* (alent.). A alcoviteira também é chamada *onze-letras* ou *dez-e-um* (Corr., 529 s.), até *onzeneira* e *seis-e-cinco*; no Brasil, *caftina*.

Ao *proxeneta*, o profissional intermediário em amores, chama-se no Minho *achegador*. Aquele que encobre ou patrocina entendimentos de namorados ou amantes é o *pau de cabeleira* (Corr., 633). O homem que vive à custa de mulheres chama-se *azeiteiro* (Lop., *Termos*), *cáften* (bras.), *caftinizar* (Amado, Jorge, 197: A casa onde *caftinizava* as raparigas era frequentada pelos exportadores, pelos coronéis ricos), *chulo*, *cricas*, *rufião* (Rib., *Láp.*, 66: “— Julgávamos encontrar uma casa decente e caímos num coio de *rufiões!*”).

O chulo é eufemizado por *Júlio* (Red., *An.*, 138: Não seria mais um chulo — ou um “*Júlio*” — como diziam as raparigas por gracejo).

4. *Prostíbulo*

As casas onde se exerce a prostituição denominam-se eufemisticamente com um termo erudito *lupanar* ou *prostíbulo* (Gal., *Mul.*, 72: Em verdade a Ana não veio servir, mas sim para um *prostíbulo...*); ou então com o galicismo *bordel* (B. Luís *Meninos*, 41: Convidavam as moças do *bordel* e pagavam-lhes com uma corrida nos carros de aluguer...). A palavra de origem árabe, *alcoice*, é

pouco usada hoje em dia. Também *alcoceifa* é raro (Rodr., *Est.*, 56:... nas *alcoceifas* do Bairro Alto). O termo muito vago e genérico, *estabelecimento*, serve de eufemismo velador para casa de prostituição (Corr., 486). Fialho d'Almeida emprega a expressão *capoeira* (*Gatos*, II, 258: Foram já mandadas sair da Rua do Arsenal, todas as pegas do vício que ali chamavam os transeuntes; mandados fechar as *capoeiras* da Rua Augusta e da Rua da Prata...).

No Brasil emprega-se o eufemismo *castelo* para casa de mulheres públicas (Amado, *Mar.*, 59: As portas dos *castelos* voltavam a abrir-se, as mulheres surgiam nas janelas e nas calçadas). Além disso *conventilho* (Nasc., *Gíria*, 49), *cortume*, casa de prostitutas que convivem com gatunos (Nasc., *Gíria*, 50), *curral* ou *curro* (Ped., *Ger.*, 26), *tambo* (Nasc., *Gíria*, 162).

Outros eufemismos muito frequentes no uso são formados com o termo geral *casa* precisado por uma determinante como *casa de amor* (Fial., *Gat.* II, 258: — A polícia tem andado a remover das ruas concorridas, todas as *casas de amor*...); *casa de passe*, casa em que, por indústria, e mais ou menos ocultamente, se faculta a prostituição de mulheres que não estão sujeitas à fiscalização policial; *casa-da-tia* ou *casa-de-tias*, casa dirigida por uma mulher e destinada a entrevistas ilícitas; *casa de mundanas*, *casa de meninas* (Corr., 618), *casa de senhoras honestas* (Corr., 508), *casa de toleradas* (ou de *tolerância*). Graciliano Ramos (*Angústia*, 180) fala em *casa de recurso*.

5. Efeminação

Maricas, derivado de Maria, e o aumentativo *maricão* são as expressões mais frequentes, mais usadas para designar um homem efeminado e covarde. Ao lado destes termos há uma série de palavras sinônimas formadas sobre

a base de Maria como *maricocas*, *maricola* ou *maricolas*, *maricoquinhas*, *maricotes* (alg.), *marinelo*, também eufemismo para homossexual, *mariquinhas*, *marocas* (Sá, *Conf.*, 105: Este Lúcio sempre tem cada esquisitice... Não vês! parece uma noiva lirial... uma pombinha sem fel... Que *marocas!*...). E Veríssimo emprega *maria-mole* com o sentido de homem efeminado (*Lugar*, 348: O marido era um *maria-mole*).

Como *maricas* há outros nomes ou adjectivos derivados de nomes femininos e que significam efeminado. Assim temos *adelaide* (N., 139), *adelaidinha* (Red., *Muro*, 302: garantiu que o *adelaidinha* lhe fizera olhos bonitos); *amélia*, *aninhas* (alent.), que se emprega também com o sentido de homossexual; *choninha* ou *choninhas* de Joaquina (Minho) (Toj., *Viag.*, 176: É que me desagradara em extremo a voz de Sua Excelência — uma voz efeminada, de *choninhas*); *dona-maria-pé-de-salsa* (Lop. *Termos*), *joão-da-amora*. No Brasil o nome masculino *alcides* é empregado com o mesmo significado (Nas., *Gíria*, 3). A masculinização de um conceito feminino é muito frequente no domínio das palavras que designam o homem efeminado, mulhereço.

Expressando diminuição do carácter viril empregam-se *adamado*, termo sobretudo de uso literário, *alcovista*, homem que anda metido por alcovas, *cunhanhas* (pop.), *fonas* (Rib., *Quando*, 32: Sabes, sabes, que és um *fonas* e onzeneiro), *fraldeiro* e *fraldiqueiro*, *ginga* de gingar, pessoa que tem o andar afectado e daí *maricas* (Minho); *mulhericas*, *panga* (alg.), *piteiro* (beir.), *salsinhas*, *tetas*, *varunca*, marido frouxo, que é dominado pela mulher.

Também palavras que designam a vulva aparecem com o significado de homem efeminado como, por exemplo, *conanas*.

6. *Coito* ⁽⁵⁷⁾

O próprio acto sexual é eufemizado em muitas expressões e metáforas porque um pudor natural impede o emprego do termo exacto. Seria considerado como um atentado contra os preceitos da cortesia servir-se neste domínio de palavras mal soantes. Algumas expressões cultas como *coito* (*coire* significa *andar com*), *cópula*, e *copular*, *fornicar* (Toj., *Viag.*, 57: — Você nunca *fornicou*?) servem de eufemismos para o acto genésico. Fala-se em *congresso marital* ou em *consumar o acto matrimonial*, quando se trata de relações sexuais entre casados e simplesmente em *relações*, quando se trata de amor fora do matrimónio.

A noção das *relações sexuais* está sujeita a uma forte interdição linguística que faz com que palavras de um conteúdo muito geral como *acto* (*consumar o acto*; *acto sexual*), *assunto*, *coisa* possam substituir esta noção (Braga, *Caminhos*, 58: São todas umas cabras; em lhe faltando a *coisa*, vão procurá-la aonde calha). Na maior parte das vezes são expressões de um sentido muito vasto que servem de eufemismos para exprimir a união carnal como *andar (a cama) com alguém*, *cair* (dito da mulher), *dar-se a um homem*, *deitar-se com alguém*, *dormir com alguém*, *entregar-se a um homem*, *estar com alguém*, *fazê-lo com alguém*, *ir para a cama com alguém*, *pertencer a um homem*, *possuir* (dito exclusivamente do homem), *ser de um homem*, *ter intimidades com alguém*, etc.

De proveniência religiosa são *conhecer*, que é já da Bíblia (Ora Adão conheceu a sua mulher Eva), e *pecar* (*contra o sexto mandamento*) significando praticar o acto sexual.

O acto sexual é velado de mil maneiras, principalmente por perífrases e metáforas. Expressões como *bresundela*, *chinha* (bras.), *faisqueira* (Bras.), *penachada* (N., 112), *pingolada* (Rasm., 121), *pirocada* (N., 115), *pranchada*

(N., 117), *safadeza* (bras.) (Rego, *Mol.*, 31: Procuravam os lugares de bem longe, no meio da mata, aonde ficavam nus na *safadeza*); *trabalhinho* (Card., *Delfim*, 348: E ficaram os dois pegados, como os cães no *trabalhinho*), *traulitada* (N., 130) exprimem a união carnal.

Os verbos *dar* e *fazer* aparecem em muitas expressões verbais que designam o acto sexual. Assim por exemplo *dar à cabeça de alguém*, diz-se da mulher que tem relações sexuais com alguém (alent.); *dar a cabeçada* (Rodrigues, *Léah*, 220: — Enfim, *dei a cabeçada*, homem! E ela consentiu); *dar ao bandejo*, realizar a cópula, mas em demasia (alent.); *dar-lhe duas* (Corr., 467), *dar nela* (dito da mulher), *dar o conico* (Madeira), *dar o pito*, *dar o ponto* (dito da mulher), *dar-se ao amor*, *dar uma cambalhota* (N., 59), *dar um furo*, *dar um tirinho*, *dar uma pelotada* (Viotti, 271); *fazer amor*, *fazer forninhos* (Corr., 605), *fazer lama à porta de alguém*, *fazer néném* (Corr., 605); Amado, *Gabr.*, 377: Vamos, dengosa, *fazer neném*); *fazer o benefício* (bras.) (Amado, *Past.*, 214: Com as outras, mesmo as cabaçudas, as carícias iam num crescendo até o derradeiro fim, até ele lhes *fazer o benefício*); *fazer o gosto ao dedo* (Rodrigues, *Léah*, 226: Velho como estou, com sessenta e quatro anos, ainda vou gozar o meu migalho, *fazer o gosto ao dedo*); *fazer rabado*, dito da mulher, *fazer sexo* (Corr., 607); Fial., *Gat.* VI, 156: Primeiro, ela [= a ordem d'expulsão] retirou de Cascais a alegria das noites, quando depois da ceia e antes da batota, à rapaziada ocorre *fazer* sobre a areia da praia, um pouco de *sexo*); *fazer um jeito* (Red., *Muro*, 113: Se lhe *fizerem um jeito* do que ele gosta, dá-lhe dez mil réis por semana do serviço especial...); *fazer o(s) seu(s) favor(es)*, *fazer um servicinho*, etc.

Há uma série de verbos que exprimem o acto sexual que, na sua maior parte, são disfemísticos e tidos como obscenos, pertencendo a um vocabulário tabu na boa sociedade. Assim, por exemplo, *cachimbar* (Corr., 710), *chapar* (Coelho, *Ciganos*), *chiçar*, *empatar*, *engatar*,

espetar e o substantivo *espetanço*; *finfar* (ou *afinfar*) ter cópula (o homem), *foder*, *furalhar*, *fornicar*, que se diz apenas da mulher, ao lado de *furo*, cópula (N., 85), *galar*, (Toj., *Viag.*, 124: — Aquele nunca s’astreberá a *galar* a Nastácia...); *gozar* (*uma mulher*), ter relações sexuais, *lascar*, *lixar*, *montar* (N., 102); *nicar* (Bessa, 219), daí os substantivos *nica* e *nicola*; *picar*, *pinar* (N., 114) e *pinocada* (N., 114), *porquear* (Corr., 487), *quilhar* (Lop., *Termos*), *trepas* (Nas., *Gíria*, 169), *trombicar* (beir.); *vadiar* (bras.) (Amado, *Dona*, 130: — Não sei *vadiar* nem coberto de lençol quanto mais vestido com roupa), aplica-se particularmente a mulheres casadas ou solteiras, de má fama.

No campo das expressões designativas da vida amorosa, os desenvolvimentos pejorativos para o disfemismo são particularmente frequentes. Muitas palavras que de início eram veladoras já não o são. É por isso que é muito difícil fazer uma distinção rigorosa entre eufemismos e disfemismos neste campo. Há uma série de locuções de que a maior parte é disfemística e pertence à gíria ou à linguagem popular como *amolar a ferramenta* (ou *o canivete*) (N., 46), *estudar anatomia* (Amado, *Gabr.*, 313: Onde vossa senhoria está arranjando essas olheiras — No estudo e no trabalho... — *Estudando anatomia*...); *andar ao ponto*, dito da mulher; *chamar na chinha* (bras.) (Nas., *Gíria*, 43); *comer a peladinha* (bras.) (Amado, *Dona*, 434:... eu estou doido que chegue a hora de *comer a peladinha*...); *deitar uma facha de palha* (Rib., *Láp.*, 65: “... já não te lembras da última *facha de palha que te deitei*?”); *levá-la ao calvário* (Rib., *Estr.*, 189:... chegou-me aos ouvidos que o badameco se gabava de ter logrado a Luísa e jurar e trejurar que palpar-lhe o amôjo e *levá-la ao calvário*); *limpar as ideias* (Corr., 605), *mandar a pera* (Corr., 504), *calão lisboeta*; *mandar o Bernardo às compras*, *mandar os troços*, *molhar o pincel* (N., 101), *mudar de óleos* (N., 102), *passar à letra f* (Corr., 493) onde

f vela o verbo obsceno que designa o acto sexual; *satisfazer os seus gostinhos* (Rib., *Andam*, 164:... pois não via, nos telhados, pardais e pardalocas a *satisfazer os seus gostinhos*?!), *ver o padeiro* (N., 134).

7. Onanismo

Masturbação é um termo culto e científico de origem latina como também *onanismo*, ambos pouco usados. Mas há expressões que estão mais em uso como *fazer uma* que se emprega com elisão do nome cru do acto onanístico.

Metaforicamente e pertecendo à linguagem vulgar, temos *agarrar-se ao pau*, *contar as tábuas do tecto* (Corr., 633), *tocar a furriéis* (Corr., 633), *tocar a Marselhesa*, *tocar uma punheta*, uma das expressões mais frequentes para designar o onanismo (Corr., 688), *tocar uma rosca*, *ter amores com a mana da Canha* [= mão esquerda], ou mais frequente *estar amigado com a irmã da canhota* ou seja, com a mão direita (Corr., 533; Red., *Barca*, 397:... já havia semanas que não topava outro namoro se não a *irmã da Canhota*). Jorge Amado emprega uma expressão semelhante; *só ter a mão direita para o amor* (Amado, Jorge, 119: São poucos os que têm mulher, os outros *só têm a mão direita para o amor*). Na linguagem popular emprega-se *gaiola de cinco arames* para masturbação e na gíria *pívia*, *sarambia* e *segóvia*. O *sacana* é o indivíduo que masturba outro.

8. Pederastia

Pederasta, palavra culta, refere-se unicamente aos homens, e como tal, não é vulgar. Do mesmo modo que *homossexual*, que designa homens ou mulheres que só têm afinidade sexual para os indivíduos do próprio sexo, está longe de ser de uso geral. Assim acontece com *fanchono*.

Também o termo *sodomita* que se refere unicamente ao homossexualismo masculino, não é uma palavra geralmente conhecida. Já mais usado é *invertido*.

Maricas (Corr., 632), *maricão* (Lop., *Termos*), *maricafedes* e mais derivados, que designam um homem efeminado, têm também o sentido de pederasta. Outros antropónimos como *aninhas*, *barbosa* (Corr., 714), *gregório* (bras.) (Nov., *Pass.*, 17), *horácio* (Lop., *Termos*), etc. servem de eufemismos para pederasta.

A maior parte das expressões designativas das relações carnavais com outro homem são nitidamente disfemísticas como *abafar* (*afagar*) *a costela* (ou *a palhinha*) (N., 43, 45), *apanhar cavacas* (N., 48), *ir ao cu* (*ao ilhó*, *ao pacote*, etc.), *levar na anilha* (*no pacote*, *na padieira*, *no pailho*, *na peida*, *no cu*, *na tampa*) (N., 127); *jogar na CUF*, *engolir cobras vivas* (Corr., 632), *esconder a palheira*.

O mesmo acontece com as palavras que designam o pederasta como *bicha* (N., 53), *bichona* (N., 53); Rodr., *Casa*, 72: As *bichonas* querem todas é corte moderno, à Marlon...); *borboleta*, já um pouco fora de uso; *gunda* (bras.) (Nas., *Gíria*, 95), *larilas* (N., 94; Rodr., *Casa*, 70: Tenho que gramar daqui a nada os dois *larilas* gadelhudos); *lelé* e *loló* (Bras.) (Nas., *Gíria*, 106); *menina* (Corr., 632), *panasca* (N., 108) que é como *paneleiro* (Toj., *Viag.*, 59: “És *paneleiro*?”), disse ele) uma das expressões mais conhecidas e usadas para designar o pederasta passivo; *pé-de-salsa* (N., 112), *puto*, *quebra-bilhas* (N., 118), *rabeta* e *rabicho* (N., 120), *rodízio* (Coimbra), *roto*, também é uma das designações mais frequentes, e *tricas*.

9. Gravidez

A palavra *gravidez*, termo culto, é de emprego geral, tal como *estar* (*ficar*) *grávida*. Mas usam-se com mais frequência expressões eufemísticas como *estar em estado*

interessante (Per., *Marc.*, 48: Mal soube a mulher *em estado interessante* e já começou a faltar com as obrigações); *estar de promessas* (Corr., 626), *estar para ter um presente de França* (Corr., 626), *andar magoada de amor* (Corr., 628), etc.

Há uma série de expressões com o verbo andar que exprimem o estado de gravidez como *andar embaraçada*, *andar embarrada*, *andar pejada*, *andar de proveito*, *andar* (ou *trazer*) *de ganho* (Corr., 626), dito de animais; como também *andar de barriga* (Corr., 627), *andar com a barriga à boca* (Rib., *Cinco*, 88: A gente queria averiguar do sexo do nascituro de tal e tal mulher, que *andasse com a barriga à boca*); também *pôr a barriga à boca* (Ribeiro, *Plan.*, 241: Se houvesse um traste que fizesse pouco da minha filha e *lhe pusesse a barriga à boca*... certo que pateava deante do cano da minha espingarda...).

Falando-se de mulher ou de outra fêmea usa-se também o termo *prenhez* e *estar prenhe*, *emprenhar* ou *estar pejada* (Corr., 627; Rib., *Terras*, 103: E baixinho, a desafiar a realidade, murmurou: — Sempre *estás pejada?*), o que se diz exclusivamente da mulher grávida; *estar ocupada* (Corr., 626; Nam., *Min.*, 202: — A cachopa lá me apareceu *ocupada* outra vez); *ter barriga* (beir.) (Corr., 627). Na linguagem popular e na gíria ocorrem expressões como *estar com o benfica* (N., 31), *levar um valente pontapé* (*nas costas*) (N., 85). Num passo da *Estrada de Santiago* de Aquilino Ribeiro o moleiro diz da sua mulher que *está outra vez a peça carregada* (278). Na *Vida Irónica* de Fialho d'Almeida há outro passo eufemizador da gravidez, em que a expressão respectiva parte do aspecto exterior da mulher: “Uma mulher do campo, solteira, apareceu *rotunda*, meses depois de haver quebrado relações com um namoro” (298).

Na Beira Alta a gravidez é chamada *vésperas* (Corr., 628). No Minho é designada por *barrigada*.

10. *Parto*

O acto de parir é com frequência eufemizado. Prefere-se substituir o verbo *parir* pela expressão atenuadora *dar à luz*, *deitar* (*botar*, *trazer*) *ao mundo*, *ter um filho* e nascer por *vir à luz*, *vir ao mundo*, *aparecer no mundo* ou simplesmente *vir*. Os bebés *vêm* de Paris como *presente de Franca*.

O povo emprega *aliviar-se* (Corr., 629) e na Beira diz-se *averiguar* (Corr., 629) em vez de parir. O parto normal e feliz é chamado *bom-sucesso* (Tav., *Div.*, 127:... chegou há pouco de Paris de passagem para o Algarve, mas que só para lá irá depois de... do *bom sucesso* da mulher). No Brasil emprega-se *descansar* para dar à luz (Nasc., *Ant.*, 107: — Coronel, a Mundica *descansou* hoje... — Menino?) e *estar esperando* para estar para dar à luz (Amado, *Gabr.*, 57: D. Elisabeth *está esperando* a qualquer momento, até já passou o dia).

Outras expressões, quase todas disfemísticas, são *desemborrachar* (alent.), *desencabeçar* (bras.), *desencabrestar*, *desovar*, *esbarrigar* (alent.), *esbarrondar-se* e *vazar* (Madeira). Tratando-se de animais diz-se *dar cria* para parir.

11. *Marido enganado* ⁽⁵⁷⁾

Os *cornos* são o símbolo do marido enganado. *Corno* como designação da substância do chifre é por isso normalmente evitado e substituído por palavras menos capciosas como *aspas*, *chifres*, *hastes*, *pontas*, etc. Mas mesmo *chavelho*, *chifre*, *haste*, *ponta* são já eufemismos (Corr., 671). Objectos fabricados com chifre são por isso designados com outros termos menos perigosos, sobretudo na presença de senhoras. Assim, por exemplo, Brito

Camacho fala em “...colheres (que) eram de *pau-do-ar*...” (*Gente rústica*, 105).

Uma mulher que engana o marido *põe-lhe os cornos*. É muito frequente, no entanto, não falar em cornos por razões de decência e fazer unicamente alusão aos cornos com outros meios de expressão eufemística. Não é raro ouvir-se a forma de complemento directo da terceira pessoa do plural do pronome pessoal *os* como substituto (Sttau, *Ang.*, 225: — Vais saber: *pus-tos*. Com a Alexandra (diz António ao seu amigo Gonçalo). Os escritores são muito engenhosos no que diz respeito à invenção de novas expressões eufemísticas (Rib., *Bat.*, 280: Por um sentimento de respeito com a antiga amada... não lhe rogava a praga tradicional em esbulho de amor: “Tantos *paus do ar* lhe nascessem na cabeça que houvessem de o confundir com um galheiro das panelas” ou Rib., *Estr.*, 163: “Pegamos nas cartas e o ladrão com a felicidade toda, o sortalhão que dizem próprio daqueles a quem sobra *o que falta às cabras mochas*”; God, *Cru.*, 210: “Rachei dúzias de toros, mal secos, cheios de serno, rijos como *atributos frontais*...”; Camilo, *Corja*, 39: Eles, pasmados da mudança, feridos na honra comum da súcia, chamavam-lhe *nomes de substância muito dura*...; Red., *Porto*, 121: Por isso os marinheiros do Saraiva lhe perguntaram, quando o rabelo chegara, se *não lhe doía a cabeça*).

Outros eufemismos para cornos são *armação*, *armadura*, (Corr., 623 s.). Também *antenas* e às vezes *armas*. Em Évora o *armado* é o marido enganado e o *armador* o amante que corneia.

É fácil de compreender que os cornos sejam considerados como atributos ornamentais. Assim é que *enfeitar* é empregado para atraiçoar o marido (Red., *Porto*, 31: A Isaura é que te *enfeitou* bem a testa). *Está enfeitado* ou *tem a cabeça enfeitada* emprega-se como eufemismo para o corneado. Do mesmo modo ouve-se *ornamentar* (Paço, *Car.*, 139: Mas não ignorava a fama de que

beneficiava D. Clarissa e que, reflexivamente, *ornamentava* o dr. Barreiros). A. Nascentes cita como expressão brasileira *embandeirado em arco*.

Chavelho é muito frequente com o sentido de corno (*Corr.*, 472). Designa-se como *chavelhudo*, *chaveco* e *chaveiro* o marido enganado (*God.*, *Calc.*, 200: O meu homem não é *chavelhudo*...).

Em vez de corno prefere-se antes uma palavra menos forte como *chifre* (*Fial.*, *Vida*, 56: O *chifre*, pois, que humilha o homem à face da moral, vai dentro em pouco fazer a fortuna política da mulher). Também no Brasil *chifre* é muito usado com o sentido de corno (*Amado*, *Dona*, 392: ...só colegas da polícia, eram cinco a se revezarem na tarefa de *decorar a testa* do distinto. Sem falar no delegado de costumes. *Se lhe pusessem lâmpada em cada chifre, dava para iluminar meia cidade*...)!

Muito usado com o sentido de cornos é *gaitas*. No Porto ouvi *gaiteiro* para marido enganado e talvez haja uma relação entre *gaiteiro* e *músico* que se emprega com o mesmo sentido na Beira Alta. Também *galhos* é frequente (*Pereira*, *Engr.* 109: Sou coxo, mas ainda tenho dois braços para lhe partir os *galhos*!).

Com uma certa frequência ouve-se *pôr os palitos* para cornear. O *paliteiro* é, na mesma ordem de ideias, o marido enganado (*Rib.*, *Estr.*, 218: O Bisagra, cabeça de *paliteiro*, é que não pode compreender esta arrumação da casa, em vésperas de largar).

O título *coronel* eufemiza corno, *coronel à paisana* ou simplesmente *cornel*. Ao lado de *coronel* encontra-se *tenente*, (*senhor*) *alferes* e, no Algarve, *capitão*.

Os nomes de animais cornígeros são muito frequentes como eufemismos para o marido enganado. Assim temos *veado* e, como eufemização de *veado*, *aviador*. *Boi* é de uso comum (*Red.*, *Porto*, 36: estás pior dessa cabeça que o maldito. Desgraçado! — Desgraçado é *boi*). Ao lado de *boi*

temos *boi* (ou *corno*) *manso* (Eça, *Primo*, 434: ... não lhe hei-de dar esse gosto, ao *boi manso*!) que designa o marido consentidor.

O nome *cabrão*, como nos diz Silva Correia (669), é evitado formalmente, porque é ainda mais duro que o próprio *corno*. Os dois termos são excluídos da conversação polida. Para ciúmes emprega-se *dor de cotovelo* ao lado da expressão mais crua *dor de corno* (Amado, *Dona*, 147: Era aquela anarquia sem cabimento, ele na rua todas as noites sem lhe dar notícia, ela no leito de ferro roendo a *dor de cotovelo*, *aguda dor de corno*...). A simples palavra *dor* já chega para exprimir o conceito de ciúmes (Cort., *Lodo*, 9: ...ainda por cima lhe atirarem à cara o que a senhora tem é *dor*...).

O antropónimo *Cornélio* aparece também como eufemismo de marido enganado (Fig., *Cego*, 177: *Cornélio* é nome patricio, nome de romanos muito ilustres pelo sangue e pelas *armas*, sobretudo pelas *armas*, e tu és um *predestinado*. Um *predestinado*, sim, felicito-me pela expressão, pois que hás-de vencer gloriosas batalhas com as *armas da cabeça*). *Predestinado* é aquele que *nasceu no signo de Capricórnio* (Cort., 512). Os maridos enganados pertencem à *confraria de São Cornélio* (Amado, *Gabr.*, 103: O marido parece *ser da confraria*... — Que confraria? — A de *São Cornélio*, a ilustre *confraria dos maridos conformados*, os naturais de bom génio...). Derivado de *corno* é *cornambana* (Rib., *Bat.*, 250: Joaquim Bica — em tudo o bom *cornambana*) e *cornança* com o sentido de marido a quem a mulher é infiel (Camilo, *Corja*, 10: ...o *cornança* do Eusébio, aquela besta...). Muito frequente é *cornudo*, também no Brasil (Amado, *Mar.*, 108: Vou-lhe contar a sujeira do desembargador Pitanga, aquele que a mulher pariu sete filhos, de sete pais diferentes. Esse *rei dos cornudos*...). *Cornear*, *ser corneado* para enganar o marido e *ter cornos* são de uso geral.

O marido enganado também é chamado de *onze* porque os algarismos fazem lembrar vagamente os cornos. E daí a expressão *assentar praça em infantaria onze* (Corr.: 506).

Uma das expressões mais conhecidas para marido enganado é *coitadinho* (Corr., 711; “*Coitadinho é corno na minha terra!*”; Rib., *Estr.*, 152: Tão *coitadinho*, que seria caridade dizer-lhe ao passar um portal: *Baixa que marras!*). Como *coitadinho* emprega-se *desgraçado*. Jorge Amado no seu romance *Gabriela, cravo e canela* (156) emprega a expressão *iluminar a testa*: “Eu, se fosse casado e minha mulher me *iluminasse a testa*, ah!, comigo era na lei séria...”.

Uma expressão da língua escrita é *minotauro* e *minotaurizar* (Camilo, *Mulheres*, 112: Eu tenho visto a felicidade dos *minotauros*; Rib., *Arc.*, 34: ...*minotaurizava-o* com um sapateiro).

Designações para chapéu servem de metáforas eufemísticas como *chapéu de dois bicos* (Alto Alentejo) ou simplesmente *dois bicos* (Sttau, *Crón.*, 101: Não tenho bic nenhuma. Quem tem *dois bicos* és tu, no alto da testa) e ainda *ter um grande chapéu*. Um amigo nosso do Alentejo comunicou-nos as expressões *chapéu de veado* e *chapéu de desorvalhar mato*.

O gesto de dois dedos espetados na testa representa simbolicamente o marido enganado (Car., *Delfim*, 112: “Mas isto...” *espeta dois dedos na testa*: “...não há teoria no mundo que o justifique”; Amado, *Dona*, 466: ...por detrás da cadeira do doutor a lhe *pôr chifres na testa com os dois dedos*, o pervertido!).

NOTAS

- ¹ Cf. Mansur Guérios, *Tabus linguísticos*, Rio de Janeiro, 1956.
- ² Cf. Silveira Bueno, *Tratado de semântica brasileira*, São Paulo, 1965, p. 202s.
- ³ Cf. J.M. Piel in «Revista Portuguesa de Filologia» XIII, p. 23.
- ⁴ Cf. M.J. de Moura Santos, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, Sep. da “Revista Portuguesa de Filologia” (1967), p. 295, onde se encontram outras designações s.v. *demonho*.
- ⁵ Cf. Fryklund, *Les changements de signification des expressions de droite et de gauche*, Upsala, 1907.
- ⁶ Cf. Moura, *Falares*, p. 334.
- ⁷ Cf. Corr., p. 581; Migl., *Nome*, p. 119; Montero, *Euf.*
- ⁸ Cf. Pest., *Ilha*, p. 34.
- ⁹ Cf. Montero, *Euf.*, 16.
- ¹⁰ Vejam-se os sinónimos que Cândido de Figueiredo aduz no seu *Dicionário da Língua Portuguesa* s.v. *sífilis*.
- ¹¹ Cf. Charles E. Kany, *American-Spanish Euphemisms*, Berkeley and Los Angeles 1960, p. 17 ss.; Guér., *Tabus*, p. 199 e 201.
- ¹² Cf. Moura, *Falares*, p. 287, onde se encontram mais exemplos.
- ¹³ Cf. Kröll, *Ort.*, p. 91.
- ¹⁴ Cf. Id., *Anr.*,

- ¹⁵ Cf. Id., *Anr.*, p. 140.
- ¹⁶ Cf. Id., *Anr.*, p. 135 e 140.
- ¹⁷ Cf. Lapa *Dic.*, p. 154; Montero, *Euf.*, p. 168.
- ¹⁸ Cf. Corr., 638ss.
- ¹⁹ Cf. Kröll, *Des.*, p. 137.
- ²⁰ Cf. Idem, *Expr.*
- ²¹ Cf. J. M. Piel, in “Revista de Portugal” (1949).
- ²² Cf. Maças, in “Revista Portuguesa de Filologia,” XIV, p. 93.
- ²³ Cf. Maças *Des.*, p. 17.
- ²⁴ Cf. Nov., *Pass.*, p. 14.
- ²⁵ Cf. Kany, p. 111.
- ²⁶ Cf. Maças, p. 222.
- ²⁷ Cf. Kany, p. 120.
- ²⁸ Cf. Eduardo Antonino Pestana in *Língua Portuguesa*, V, p. 296.
- ²⁹ Cf. Maças, *An.*, p. 215.
- ³⁰ Cf. Kröll, *Termes.*
- ³¹ Cf. Kany, p. 129.
- ³² Cf. Id., p. 139.
- ³³ Cf. Kröll, *Contr.*, p. 17 s.
- ³⁴ Cf. Kany, p. 145.
- ³⁵ Cf. Maças, *An.*, p. 215.
- ³⁶ Cf. Kröll, *Euf.*, p. 114 s.
- ³⁷ Cf. Castro, p. 157.
- ³⁸ Cf. Pest., *Ilha*, II, p. 18
- ³⁹ Cf. Kany, p. 147.
- ^{39a} O fruto é o tomate ou mesmo a tomata.
- ⁴⁰ Cf. Id., p. 149.
- ⁴¹ Cf. Kröll, *Euf.*, p. 116.
- ⁴² Cf. Maças in «Boletim de Filologia», IX, p. 360.
- ⁴³ Cf. Eduardo Antonino Pestana in *Língua Portuguesa*, V, p. 346.
- ⁴⁴ Cf. Maças in “Boletim de Filologia”, IX, p. 361.

- ⁴⁵ Cf. Kany, p. 157.
- ⁴⁶ Cf. Maças, *An.*, p. 148.
- ⁴⁷ Cf. Kröll, *Des.*, p. 81-84.
- ⁴⁸ Cf. Agostinho de Campos, *Língua e má língua*, Lisboa, 1944, p. 79.
- ⁴⁹ Cf. Silveira, p. 222.
- ⁵⁰ Cf. Edgar Radtke, *Typologie des sexuell-erotischen Vokabulars des heutigen Italienisch: Studien zur Bestimmung der Wortfelder prostituta und membro virile unter besonderer Berücksichtigung der übrigen romanischen Sprachen*. Tübingen, 1980. Especialmente p. 142: *Portugiesisch PROSTITUTA* (unter Berücksichtigung des brasilianischen Portugiesisch).
- ⁵¹ Cf. Kany, p. 167.
- ⁵² Cf. O. de Pratt, in “Revista Lusitana”, 16, p. 245.
- ⁵³ Para outros exemplos ver Edgar Radtke, p. 147-49.
- ⁵⁴ Cf. Kany, p. 168.
- ⁵⁵ Cf. Kröll, *Euf.*, p. 109 ss.
- ⁵⁶ Cf. Cláudio Basto in “Revista Lusitana”, 18, p. 172.
- ⁵⁷ Cf. Kröll, *Bez.*, p. 293-308.

ÍNDICE DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

- a, (pron.), 24
aba de pau, 70
abadessa, 32
abafadoiro, 66
abafar, 61
abafar a costela (palhinha), 112
abaixar-se, 90
abalar, 63
abananado, 37
abandonar a vida, 21
abaratar, 61
abastado, 54
abastança, 54
abdómen, 75
abóbora (s), 32, 77
abono de família, 84
aborrecimento, 41
abrir, 63
abrir o dique, 94
abundância, 54
acabar-lhe com o pio, 25
acabar (os seus dias), 21
acabar o pavio da vida, 23, 24
acanhado, 38
achegador, 105
acidente, 16
açorda, 69
acto (sexual), 108
adamado, 107
adelaide, 107
adelaidinha, 107
administradora do lar, 29
adormecer (no Senhor), 21
adubar a horta do senhor prior, 22
afagar a costela (palhinha), 112
afanar, 61
afinlar, 110
Afonso, 15
agá, 98
agachim, 98
agachis, 98
agarrado, 45
agarrar-se ao pau, 111
agricultor, 29
aguço, 84
ajoujo (alent.), 105
alanternado, 47
alarve, 40
albano, 39
alcaguete (bras.), 105
alcance, 60
alcaiota, 104
alcarroteira (trasm.), 105
alcides (bras.), 107
alcoceifa, 106
alcocheta, 105
alcofa, 105
alcofeira, 105
alcofinha, 105
alcoice, 105

alcoolizado, 47
 alcoveta, 105
 alcovista, 107
 alcoviteira, alcoviteiro, 104
 aldrabão, 44
 aldrabice, 44
 alegre, 46
 alferes, 116
 alho, 82
 alienação, 35, 40
 alienado, 40
 alisar, 61
 aliviar (o corpo, a natureza, a tripa), 61, 90
 aliviar-se, 94, 114
 armários, 77
 almotrigas, 77
 almudes, 77
 alonso, 39
 alpinar, 63
 altares, 77
 alvarinho, 39
 amante, 97
 amantizar-se, 97
 amar, 96
 amarelo, 93
 amarruado, 18
 amásia, 98, 101
 ambrósio, 39
 ameixa, 69
 amélia, 40, 107
 amiga, 97
 amigar-se, 97
 amigos do alheio, 60
 amolar a ferramenta (o canivete), 110
 amor, 96
 amostreiro, 62
 ampara-seios, 75
 ancião, 30
 andar a apitar, 52, 58
 andar a cair da boca aos cães, 53
 andar (a cama) com alg., 108
 andar a monte, 64
 andar ao alto, 54
 andar ao fanico, 104
 andar ao ponto, 104, 110
 andar aos cabritos, 95
 andar aos ss e rr (aos tombos), 49
 andar aos tropeções à morte, 21
 andar à piranga, 52
 andar a tinir, 52
 andar carregado dos machinhos, 49
 andar cercando frango (bras.), 49
 andar chateado, 42
 andar co'a ligeira, 91
 andar com a barriga à boca, 113
 andar com a caganeira, 91
 andar com ela, 46
 andar com zerpelão, 48
 andar das bandas de Vinho, 50
 andar de barriga, 113
 andar de esguicho, 91
 andar de ganho, 113
 andar de olho em (bras.), 97
 andar de proveito, 113
 andar embaraçada, 113
 andar embaraçada, 113
 andar esfalçado, 52
 andar esquentado, 42
 andar fulo, 42
 andar magoada de amor, 113
 andar mal cuidado, 38
 andar mal trajado, 32
 andar morto por alg., 97
 andar na dependura (na pendura), 52
 andar na estica, 53
 andar na vida, 104
 andar no engate, 104
 andar no fado, 104
 andar nos pés, 64
 andar nos trinques, 34
 andar pejada, 113
 andar peneirento, 53
 andar preso pelo beicinho, 97
 andar roto, 32
 andar todo derretido, 97
 andar turbado, 48

anemia, 16
 anilha, 80
 animal, 37
 aninhas, 107, 112
 anjo decaído, 12
 anjo mau, 12
 anjo pé de cabrão, 12
 anjo rebelde, 12
 anormal, 40
 antenas, 115
 ânus, 78, 80
 apagar a candelada da vida, 24
 apagar-se a lamparina da vida, 24
 apaixonado, 97
 apaixonar-se, 96
 apalpar o costado, 70
 apanhar, 60, 68
 apanhar cavacas, 112
 apanhar com os cinco mandamentos, 71
 apanhar uma (bebedeira), 46
 apanhar uma sacudidela, 70
 apanhar umas calças, 70
 apanhar uma senhora, 50
 apanhar uma teoria, 70
 apanhar um calor, 70
 apanhar um enxugo, 70
 aparecer no mundo, 114
 aparelho (sexual), 82
 apertadinho, 45
 apertado (da unha), 45
 aperto, 52
 apoderar-se de a.c., 60
 aquecedela, 70
 aquecer o lombo, 70
 aquela doença, 15
 aquela santa, 27
 aquele sítio, 79
 aqui está um a mais, 93
 aquilo, 82, 86, 88, 100
 aquilo com que se compram os melões, 55
 aqui o vejo além o pilho, 61
 arame, 55
 arcabuzar, 25
 arejo, 18
 armação, 115
 armado, 115
 armador, 115
 armadura, 115
 armar à lebre, 90
 armas, 115, 117
 arquiburro, 37
 arrancar o cabaço, 88
 arranjar, 70
 arranjar umas calças, 70
 arranjinho, 98
 arrastar a asa a alg., 96
 arrear, 71
 arrear a carga (ao mar), 90, 95
 arrear a giga, 90
 arrear o calhau, 90
 arrear o preso, 90
 arrebentar, 22, 25
 arrecadação, 66
 arredondados, 77
 arrefeceu-lhe o céu da boca, 22
 arrenegado (bras.), 12
 arrelia, 41
 arrepanhado, 45
 arrepanhar, 61
 arrevessar, 94
 arrocho, 69
 arroladas, 100
 arrombar os tampos, 88
 arroz, 69
 arrumar uma cerveja, 69
 artes do venha a nós, 61
 artifice, 30
 artista, 30
 árvore das patacas, 54
 asas de pau, 70
 as da viela, 100
 ás de copas, 80
 ás de paus, 84
 asno, 37
 aspas, 114
 assentar as costuras, 70
 assentar praça em infantaria onze, 118

assento, 78
 assobiar às botas, 64
 assunto, 108
 atacar, 104
 atrapalhado, 52
 atar as botas, 22
 atardado, 41
 atar-lhe os pés, 23
 ataúde, 24
 atender ao chamado de Deus, 22
 atrasado mental, 40
 atributos frontais, 115
 aurélio, 39
 avançado em anos, 30
 avarento, 45
 avareza, 45
 avariado, 38
 avariose, 17
 avaro, 45
 avental de pau, 104
 averiguar, 114
 aviador, 116
 azarotado, 41
 azeitar (bras.), 97
 azeiteiro, 105
 azul, 48
 azuladinha (bras.), 48

 babar-se todo por alg., 96
 baboso, 36
 bacio, 94
 badalhoca, 86
 bafum, 74
 bagaça, 102
 bagaço (bras.), 102
 bagalhoça, 55, 56
 bago, 55
 baguinho, 55
 bagulho, 55
 bainha, 85
 baixar as calças, 90
 balaio, 80
 baldona, 102
 balhastreira, 102
 balúrdio, 55

 banana, 37, 83
 bananeira, 37
 banano, 69
 bancarrota, 58
 bandarra, 102
 bandoga, 75
 bandoleiro, 62
 bandulho, 76
 bânzera, 76
 barbeiro, 29
 barbosa, 112
 barnabé, 39
 Barrabás, 13
 barregã, 97
 barriga, 75
 barrigada, 113
 barrote, 56
 barzabum, 13
 basilinha, 40
 batata, 69
 bate-orelha, 37
 bater, 68
 bater a bota, 22
 bater as asas, 64
 bater a sua hora, 24
 bater com a cola (o rabo) na cerca
 (bras.), 22
 batota, 44
 baú, 66, 76
 beauty-shop, 29
 bebas, 86
 bêbado, 46, 47
 bêbera, 86
 beber do coco, 69
 beber os ares por alg., 96
 beber os olhos por alg., 96
 beber os ventos por alg., 96
 beber uma contita a mais, 46
 belancigas, 78
 Belzebu, 13
 berimbau, 83
 bernardino, 50
 bernardo, 39, 84
 bertoldinho, 32, 37
 bertoldo, 39

berzunda, 50	bola de bilhar, 32
berzundela, 50	bolaria, 68
besta, 37	bolas, 84
besta a cavalo, 67	bolo, 68
besta chapada (quadrada), 37	bolena, 45
bestunto, 37	boleno, 45
besugo, 83, 86	bolsas, 84
besuntado, 31	bomba, 93
bezerra, 49	bom-serás, 39
bibi, 86	bom-sucesso, 114
bicha, 15, 83, 86, 112	bonita, 15
bichana, 86	borboleta, 14, 101, 112
bichinha, 83, 86	borborigmas, 93
bicho, 83	borrar, 94
bichoca, 83	bordel, 106
bicho negro, 12	borracho, 47, 49, 70
bicho feio, 12	borrar, 90
bichona, 112	bosta, 92
bifar, 61	bota, 44
bifes, 69	botar ao mundo, 114
bilha, 80	botar o pé no mundo, 64
bilhestres, 57	boticário, 29
bilhete, 70	botocudo, 40
bimbas, 80	Brazabu, 13
birra, 41	breca, 13
bisarma, 32	bresundela, 108
biscato, 98	Brisda, 87
biscoito, 68	brochar, 71
bispar, 61	broeira, 18
bispote, 94	bruaca (bras.), 102
bluff, 44	bucho, 76, 102
boa-nova, 14	bufo, 67, 93
bobo, 36	bulas, s.f.pl., 44
boca do corpo, 78	bule, 76, 80
boceta, 86	bunda, 80
bode, 15, 49	bundra, 76
bodum, 74	burcego, 15
bofetear, 68	burro, 37, 49
bófia, 67	burro cego, 15
bogango, 37	busco, 62
bóias, 77	buzarate, 76
boi (manso), 117	búzera, 76
bojo, 76	buzina, 77
bola, 60, 68	
bolacha, 68	cabaças, 77

cabeça de abóbora, 37
 cabeça de burro, 37
 cabeça de alho chocho, 37
 cabeça de avelã, 37
 cabeça de giz, 67
 cabeça de grilo, 38
 cabeça de vento, 38
 cabeleira, 48
 cabeleireiro, 29
 cabra, 49, 101
 cabrão, 117
 cabrita, 49
 cabritar, 95
 cábula, 65
 cabular, 65
 cação, 101
 cacau, 56
 cacete, 83
 cachimbar, 109
 cacho, 49
 cachopa, cachopo, 30
 cachorra, 49, 101
 cachorros da proa, 77
 cadela, cadelona, 49, 101
 cáften, 105
 caftina, 105
 cafundó, 66
 cagar, 90, 94
 cagarrão, 66
 cagote, 80
 cagueiro, 80
 caiar o frontispício, 70
 cai-cai, 75
 caipira, 33
 cair, 108
 cair das calças abaixo, 90
 cair no mundo, 64, 104
 caixinha, 86
 caixa dos pirolitos, 80
 calabouço, 66
 calatra, 102
 calatrão, 102
 calcinhas, 75
 caldaça, 69
 caldeira de Pêro Botelho, 13
 caldo, 69
 calhamaço, 31
 calino, 39
 calista, 29
 calote, 58
 caloteiro, 58
 calva, 32, 80
 calvário, 77
 calvície, 31
 cama à francesa, 24
 camandro, 83
 camano, 83
 câmaras, 91
 camasio, 83
 cambado, 19
 cambaio, 19
 cambeiro, 19
 cambeta, 19
 cambras, 91
 camelídeo, 37
 camelo, 37
 camelório, 37
 campa, 23
 campainhas do céu, 78
 campo santo, 23
 canastro, 66, 83
 cançoneta, 49
 caneco, 47
 canêlo, 83
 caneta, 22
 canga, 67
 cangalheiro, 24
 cangar, 66
 canhão, 31, 83, 102
 canhenho, 14
 canhestro, 14
 canho, 14
 canhoto, 13, 14
 canja, 69
 cano, 83
 cantar a lupa, 95
 cantigas, 44
 cão tihoso, 12
 capenga, 19
 capitão, 116

capoeira, 106	cascalho, 55
caquinha, 92	cascar-lhe uma bofetada, 71
caracho, 83	casinha, 89
cara de asno, 37	casquilheira (alent.), 105
carago!, 83	casquilho, 33
caralho, 82	castanha, 69
caramba(s), 83	castelo (bras.), 106
carapuça, 48	catano, 83
carcanhóis, 56	catar, 60
cardar, 61	catarina(s), 50, 78
cardina, 50	catatáu, 83
careca, 32, 83, 102	catinga, 74
carga de ossos, 32	catraia, catraio, 30
carneira, 49	catrinas, 78
caroço, 55	catrino, 83
carpinteiro, 29	cavalgadura, 37
caraças, 83	cavalheiro de indústria, 62
carraspana, 48	cavalo, 17
carregado dos machinhos, 49	cavalo a cavalo, 67
carro nivea, 67	cavalo-duro, 17
carteirista, 62	cavalo mole, 17
cartola, 48	cavar, 63
carvalho, 83	cebo, 56
casa amarela, 65	cebo de grilo, 92
casaca de pau, 70	cego, cega, 48, 49
casa da tia, 106	cegonha, 48
casa de amor, 106	ceítíl, 56
casa de banho, 89	censura, 43
casa de cão, 66	censurar, 43
casa de empréstimos, 58	cepa torta, 54
casa de hóspedes, 65	cera de milho, 92
casa de meninas, 106	certidão de óbito, 20
casa de mundanas, 106	cerveja, 69
casa de passe, 106	chá, 69
casa de penhores, 58	chácara, 66
casa de prego, 58	chacinar, 25
casa de recurso (bras.), 106	chá de Carcavelos, 47
casa de saúde, 41	chá de marmeleiro, 69
casa de senhoras honestas, 106	chá de moca, 69
casa-de-tias, 106	chá de parreira, 47
casa de toleradas, 106	chá do Cartaxo, 47
casa de tolerância, 106	chá do Lavradio, 47
casa-do-jeco, 66	chafarica, 86
casa do prego, 58	chá frio, 47
casamento da mão esquerda, 98	chalar, 41, 63

chalupa, 41	chinha (bras.), 108
chamar na chinha (bras.), 108	chinfres, 56
chamar pelo Gregório, 95	choça, 66
chanqueta, 19	chocha, 87
chantra, 102	chochinhas, 37
chapada, 70	chochota, 87
chapar, 109	choldra, 66
chapéu de desorvalhar mato, 118,	choné, 41
chapéu de dois bicos, 118	choninha(s), 107
chapéu de veados, 118	chui, 67
chatear-se, 42	chula, 49
chatice, 42	chulo, 105
chave, 66	chumbado, 49
chavenco, 116	chumberga, 50
chavelho, 114, 116	chumbos, 57
chavelhudo, 13, 116	chunga, 103
chaveiro, 116	cidade dos mortos, 23
chavo, 56	cinco letras, 92
chefe, 28	cinzentos, 68
chegar, 68	ciscar (-se), 90, 93
chegar a mostarda ao nariz, 43	cívico, 67
chegar a roupa ao pêlo (ao	clavija, 80
corpo), 70	cleptomania, 60
chegar a sua hora, 21	clínica de sapatos, 29
chegar a última hora, 21	clínica pedicuro, 29
chegar a última jornada, 21	clíper, 33
chegar o último dia, 21	cobres, 55
cheio de dinheiro, 54	coca, 49
cheirar-lhe a cabeça, 25	coçar, 70
cheirete, 74	cochicho, 87
cheirinho, 74	coco, 69
cheirum, 74	cocote, 99
chelindró, 66	côdeas, 54
chelpa, 56	coexelas, 19
chena, 66	cogiteira (alent.), 105
cheta, 55, 56	coiffeur, 29
chiba, 49	coira, 103
chibarro, 74	coirão, 103
chibio, 87	coisa, 13, 82, 85, 108
chibo, 74	coisa má, 13
chiçar, 109	coisa ruim, 13
chicote da barriga, 84	coisinha, 85
chifres, 114, 118	coitadinho, 118
chifruído, 13	coito, 108
china (bras.), 103	colaboradora, 29

colégio, 65
 cólera, 41
 colete, 75
 colhões, 84
 colo, 76
 com a breca!, 13
 comadre, 94, 105
 comborça, 103
 comer alg. com os olhos, 96
 comer a peladinha (bras.), 110
 comer a terra fria, 22
 comer bacalhau (bras.), 69
 comer cipó (bras.), 69
 comer da canja, 69
 comer do coco, 69
 comer macarrão, 69
 comer o cabaço, 88
 comer os tampos, 88
 comida de urso, 69
 com licença, 79
 compadre galhudo, 13
 companhia de olho vivo, 61
 companhões, 84
 compromissos, 58
 com seiscentos nabos!, 13
 cona, 85
 conanas, 107
 concubina, 97
 confraria (de São Cornélio), 117
 congresso marital, 108
 conhecer (homem), 80, 108
 conho!, 85
 constipação, 48
 constipação intestinal, 92
 constipado, 92
 consumir o acto (matrimonial), 108
 contar as tábuas do tecto, 111
 contar bulas, 44
 contar-lhe o conto do vigário, 61
 contrário à verdade, 43
 contubérnio, 97
 conveniências, 89
 conventilho, 106
 conversada, 96
 conversar, 96
 copo, 47
 cópula, 108
 copular, 108
 coquetear, 96
 cornaça, 117
 cornambana, 117
 cornear, 117
 cornel, 116
 Cornélio, 117
 corno (manso), 114, 116
 cornudo, 13, 117
 coronel (à paisana), 116
 corpo, 23
 corredeira, 91
 corte, 60
 cortejar, 96
 cortejo funerário, 24
 cortesã, 99
 cortume, 106
 coruja, 14
 cosa-se!, 72
 cova, 23
 coxambeta, 19
 coxanga, 19
 coxo, 13
 cozê-la, 46
 Creso, 54
 cretino, 40
 criada, 29
 crica(s), 86, 105
 croia, 103
 cruze, canhoto!, 13
 cu, 78, 79, 80, 87, 112
 cuba, 47
 cuco, 67
 cuecas, 75
 cuitó, 94
 culatra, 80, 87, 103
 culatrona, 103
 cunhanhas, 107
 cunques, 57
 cumquibus, 57
 curral (bras.), 106
 curro (bras.), 106

curta e comprida, 103
 curti-la, 46, 97
 curtume (bras.), 106
 curvas, 77
 cusinho, 80

 danado, 12
 dândi (dandy), 33
 dar, 68, 109
 dar a alma ao Criador (a Deus), 22
 dar à cabeça de alg., 109
 dar a cabeçada, 109
 dar à canela, 63
 dar à casca, 22
 dar à luz, 114
 dar ao bandejo, 109
 dar ao diabo cardada, 63
 dar aos butes, 63
 dar aos calcanhares, 63
 dar aos tamancos, 63
 dar às botas, 63
 dar às de Vila Diogo, 64
 dar às gâmbias, 63
 dar às palanganas, 63
 dar às pernas, 63
 dar às trancas, 63
 dar a vida por alg., 96
 dar cabo do canastro, 22, 25
 dar cacholetas, 71
 dar cavaco por alg., 96
 dar com a cola (o rabo) na cerca (bras.), 22
 dar com a verruma em prego, 64
 dar com o juízo em pantanas, 38
 dar com os calcanhares no rabo (na bunda), 64
 dar costa, 64
 dar cria, 114
 dar de frosque, 64
 dar-lhe com o lenço de cinco pontas, 71
 dar-lhe duas, 109
 dar-lhe volta ao miolo, 38
 dar na perna, 64

 dar nele, 109
 dar o berro, 22
 dar o cavaco por alg., 96
 dar o conico, 109
 dar o espírito, 21
 dar o fora, 64
 dar o peido mestre (o triste peido), 22
 dar o piro, 64
 dar o pito, 109
 dar o ponto, 109
 dar o ré, 22
 dar os bons dias, 70
 dar o último pio, 22
 dar o último suspiro, 21, 24
 dar pancada, 68
 dar pus, 93
 dar-se ao amor, 109
 dar-se a um homem, 108
 dar sebo nas botas, 64
 dar terra para feijões, 64
 dar uma cambalhotas, 109
 dar uma coça, 70
 dar uma descompostura, 43
 dar uma ensaboadela, 43
 dar uma ensinadela, 70
 dar uma escovadela, 70
 dar uma esfrega (esfregadela), 70
 dar uma malha, 71
 dar uma pavana, 70
 dar uma pelotada (bras.), 109
 dar uma pirisca, 64
 dar umas calças, 70
 dar um furo, 109
 dar um sabão (sabonete), 43
 dar um sopapo na gaveta, 61
 dar um tirinho, 109
 debandar, 63
 debilitado, 32
 débil mental, 40
 decilitreiro, 47
 decorar a testa, 116
 dedo sem unha, 84
 defecar, 90
 defunção, 20

defunto, 23
 deitar abaixo uma parede, 94
 deitar a carga ao mar, 95
 deitar ao mundo, 114
 deitar a perder, 88
 deitar fora, 94
 deitar-lhe o gatázio, 61
 deitar o cabrito fora, 95
 deitar-se com alg., 108
 deitar uma facha de palha, 110
 deixar cair nozes (castanhas), 93
 deixar de ser (do número dos vivos), 21
 deixar de sofrer, 21
 deixar escapular flatulências, 93
 deixar esta vida, 24
 deixar o mundo, 21, 24
 dejectar, 90
 demência, 35, 40
 demente, 40
 demo, 12
 democho, 12
 demoncho, 12
 demónio, 12
 dentista, 30
 derradeira (última) morada, 23
 derramar azeite (bras.), 97
 derretimento (bras.), 97
 desafinado, 38
 desafortunado, 52
 desanda, 43
 desaparafusado, 38
 desaparecer (da vida), 21, 63
 desapareição, 20
 desarranjado (do miolo), 38
 desarranjo (mental), 40, 91
 desasseado, 32
 desatinado, 38
 desbeber, 94
 descabaçar, 88
 descaminho de valores alheios, 60
 descansar, 21, 41, (para o Júlio de Matos), 114
 descascar, 71
 descer à tumba, 21
 descomer, 91
 descompor, 43
 descompostura, 43
 desconcertado, 38
 descuidar-se, 93
 descuido, 93
 desdentada, 21
 desditoso, 52
 desemborrachar, 114
 desencabeçar (bras.), 114
 desencabrestar, 114
 desequilibrado, 38
 desenlace, 20
 desfalque, 60
 desfavorecido, 52
 desflorada, 88
 desfolhar a flor, 88
 desgosto, 41
 desgraçado, 52, 88, 118
 desonrada, 88
 desinfeliz, 52
 desistir do corpo, 91
 desmoçar, 88
 desovar, 91, 114
 despachar, 25
 despedir, 21, 63, 71
 despejar a tripa, 91
 despojos fúnebres, 23
 desprovido de recursos materiais, 52
 despucelar, 88
 destempero, 91
 destituído de recursos materiais, 52
 destravado, 38
 desvalido, 52
 desvio, 60
 desvirgar, 88
 desvirgular, 88
 desvirtuar, 88
 deu-lhe a mosca, 42
 deve muita obrigação à pele (por lhe não ter deixado cair os ossos), 32

dever os cabelos da cabeça, 58
 dever os olhos da cara, 58
 dez-e-um, 105
 diá, 12
 diabinho, 12
 diabito, 12
 diabo, 12
 diabrete, 12
 diabro, 12
 diacho, 12
 diaço, 12
 dialho, 12
 dianho, 12
 diarreia, 91
 dificuldades monetárias, 52
 Diogo, 13
 disenteria, 91
 dinheirama, 55
 dinheiro (preto), 55, 56
 dívida, 58
 dizer adeus ao mundo, 21
 doença, 15, 16, 17
 doença da vida, 17
 doença de homens, 17
 doença de mulheres, 17
 doença do mundo (bras.), 17
 doença do peito, 16
 doença feia, 17
 doença galante, 17
 doença mental, 40
 doença secreta, 17
 doença venérea, 17
 doença vergonhosa, 17
 doente dos pulmões, 16
 doente mental, 40
 doidivas, 41
 doido (varrido), 40, 97
 dois bicos, 118
 Dona Justa, 67
 dona-maria-pé-de-salsa, 107
 Dona Morte, 21
 doninha, 15, 49
 donzela, 99
 donzelia, 87
 dor, 117
 dor de corno, 117
 dor de cotovelo, 117
 dormir com alg., 108
 dormir em Deus (no Senhor), 22
 dormir o sono eterno, 22
 dormitório, 23
 dotado de bens de fortuna, 54
 doutor, 28, 94
 dureiro, 92
 duas irmãs, 78
 ébrio, 46, 47
 eclodir, 90
 efeminação, 106
 égua, 49
 eliminar, 25
 embandeirado em arco (bras.), 116
 embarcar (bras.), 22
 embezerrar, 42
 emborca-latas, 50
 embriagado, 46
 embrulhar-se o estômago, 94
 empandeirar, 24
 empatar, 109
 empedernido, 92
 empenhos, 58
 emplastro de sete palmos (bras.), 23, 24
 emporcalhado, 31
 empregada de casa, 29
 empregada doméstica, 29
 empregado infiel, 60
 emprenhar, 113
 enamorar-se, 96
 encadernado, 23
 encadernador, 23
 encalhe, 92
 encavacar, 42
 encerrado, 92
 encher, 71
 endrómina, 44
 enfado, 41
 enfeitar, 115
 enforcar, 25

enfrascado, 47
 enganar, 88
 engano na escrituração, 60
 engarrafado, 47
 engatadeira, 105
 engatar, 109
 engenheiro, 28
 engolir cobras vivas, 112
 engrácia, 40
 enguiço, 18
 enrabichar-se (bras.), 97
 enrelhado, 19
 ensaboada, 43
 ensinar, 70
 enterrar, 23
 entrado, 30, 46
 entrar na vinha do Senhor, 50
 entrar nos anos (na idade), 30
 entre as dez e as onze, 49
 entregadora (alent.), 105
 entregar a alma ao Criador (a Deus), 22
 entregar-se a um homem, 108
 entrombar-se, 42
 enxovia, 66
 enxuto de carnes, 32
 epilepsia, 15, 16
 era do rei que rabiou, 31
 esbarrigar, 114
 esbarrondar-se, 114
 escamugir-se, 63
 escapar-se, 63
 escapulir-se, 63
 escapulir um vento, 93
 escarramanado, 19
 escassez, 52
 escoar (o caldo às castanhas), 63, 94
 esconder a palheira, 112
 escorregar, 88
 escorrer a água das azeitonas (das batatas), 94
 escorrer o caldo à carne, 94
 escovar os bolsos, 61
 escrever uma carta ao Lopes, 91
 escutar a cavalaria, 22
 esfoeirar-se, 93
 esfoira, 91
 esfoirar-se, 91
 esfolia-gato, 43
 esforricar-se, 91
 esfriar, 22, 25
 esganado, 45
 esgotamento, 16
 esgueirar-se, 63
 espadista, 62
 especialista de cosmética, 29
 especialista em partos, 30
 espetanço, 110
 espetar, 110
 espetar dois dedos na testa, 118
 espichar a canela (a caneta, as gâmbias, o pernil), 22
 espinafre, 32
 espírito das trevas, 12
 espírito imundo, 12
 espírito maligno, 12
 espirra-canivetes, 32
 espirro da natureza, 93
 esponjas, 17, 50
 esposa, 27
 esquecidinho, 36
 esquerda, 14
 esquife, 24
 essas, 100
 estabelecimento, 106
 estafar, 25
 estafermo desmazelado, 31
 estalada, 70
 estalagem de Caxias (Peniche), 66
 estalo, 70, 93
 estampa, 70
 estampilha, 70
 estar a cantar ópera, 67
 estar a dar contas a Deus, 22, 23
 estar agoniado, 95
 estar a gozar a vida eterna, 22
 estar alegre, 46
 estar alto, 54

estar amancebado, 97
 estar amigado com a irmã da
 canhota, 111
 estar a peça carregada, 113
 estar à sombra, 65
 estar às portas da morte, 21
 estar a tomar ares de mar em
 Caxias (Peniche), 67
 estar avariado, 38
 estar com a doença do curso, 91
 estar com alg., 108
 estar com a mosca, 42
 estar com avental de pau, 104
 estar com Deus, 23
 estar com ela, 46, 50
 estar com ferro, 42
 estar com náusea, 95
 estar como benfica, 113
 estar com os pés para a cova (na
 tumba), 21
 estar com uma cachopa (amiga),
 50
 estar com um grão (grãozinho) na
 asa, 49
 estar de mãos atadas, 23
 estar de monco de peru, 43
 estar de promessas, 113
 estar de sentinela, 22
 estar de tanga, 53
 estar em artigo(s) de morte, 21
 estar em apuros, 53
 estar em estado interessante, 113
 estar em Rilhafoles, 41
 estar enfeitado, 115
 estar entrado, 46
 estar entre a vida e a morte, 21
 estar esperando, 114
 estar frito, 53
 estar fulo, 42
 estar furada, 88
 estar grávida, 112
 estarim, 66
 estar limpinho, 53
 estar liso, 53
 estar montado na ema, 49
 estar morto por alg., 97
 estar na agonia, 21
 estar na espinha, 32
 estar na estica, 53
 estar nas embiras (bras.), 21
 estar nas lonas, 53
 estar nas últimas, 21
 estar nas vascas da morte, 21
 estar na terra (no reino) da
 verdade, 20, 22, 23, 24
 estar na tumba, 21
 estar no derriço, 96
 estar no fado, 104
 estar nos trinquês, 34
 estar ocupada, 113
 estar para alquinar, 21
 estar para ter um presente de
 França, 113
 estar pejada, 113
 estar por conta, 98
 estar por um fio (triz), 21
 estar prenha, 113
 estar quente, 50
 estar sonhando, 44
 estar tem-te não caias, 49
 estar teso, 53
 estar tísico, 53
 estar tocado, 46
 estar toldado, 48
 Estefana, 101
 esterco, 92
 esteticista, 29
 esticar a canela (a caneta, as
 gâmbias, o pernil), 22
 estoirar (o cabaço), 22, 88
 estoirar os miolos, 25
 estradista, 62
 estrangular, 25
 estreiteza, 52
 estrovenga (bras.), 84
 estudar anatomia, 110
 estupidez, 35
 estúpido, 35, 36, 40
 estupor, 31

eterno descanso, (repouso, sono), 20
 etilizado, 47
 evacuar (o corpo, o ventre), 90
 evaporar-se, 64
 exalar a alma (a vida), 21
 excremento, 92
 exonerar (o corpo, o ventre), 90
 expedir, 21
 expirar, 21
 extinguir-se, 21
 extinto, 23
 extravio, 60
 extremidade da costa, 78
 extremidades essenciais, 82

 fábrica de tijolo, 23
 fábula, 44
 fado, 104
 faiar, 61
 faisqueira (bras.), 108
 fajardo, 62
 falar, 43, 96
 falecer, 21
 falecido, s.m., 23
 falecimento, 20
 falência, 58
 falho de recursos materiais, 52
 falido, 58
 falo, s.m., 81
 falta de dinheiro, 52
 falta de forças, 16
 faltar à verdade, 44
 faltar-lhe um parafuso, 38
 fanagar, 61
 fanar, 61
 fanchono, 111
 faneca, faneco, 69, 87
 fanico, 16, 104
 farmacêutico, 29
 farpa, 93
 farricocos, 24
 fartum, 74
 fato de madeira (de pau), 24
 faux-ménage, 98

 favelca, 98
 fazê-lo com alg., 108
 fazer a corte, 96
 fazer águas (maiores) menores, 90
 fazer a mala, 21
 fazer amor, 109
 fazer (as suas) necessidades, 91, 94
 fazer a trouxa, 22
 fazer a viagem de que não se volta, 22
 fazer cacau, 91
 fazer cera (bras.), 97
 fazer chichi, 94
 fazer de corpo, 90
 fazer esquerda rodar, 61
 fazer forminhos, 109
 fazer gazeta, 65
 fazer lama à porta de alg., 109
 fazer mão baixa em, 61
 fazer nené(m), 109
 fazer o benefício (bras.), 109
 fazer o gosto ao dedo, 109
 fazer o pé de alferes, 96
 fazer o que os outros não fazem por nós, 91
 fazer o(s) seu(s) favor(es), 109
 fazer pipi, 94
 fazer quatro soldados e um cabo, 61
 fazer rabado, 109
 fazer tijolo (barro no cemitério), 22
 fazer uma, 111
 fazer uma longa viagem, 22
 fazer uma necessidade, 90
 fazer um jeito, 109
 fazer um servicinho, 109
 fazer sexo, 109
 fealdade, 31
 febra, 87
 fechar (cerrar) os olhos (as pálpebras), 21
 fedúncias, 33

feijão verde, 67	filho das quatro letras, 102
feio, 31	filho da com-perdão-da-palavra, 102
feio como as necessidades, 31	filho desta e daquela, 102
feio como o diabo, 31	filho de quem o pariu, 102
feio como um bode, 31	filho do mosco, 67
feio como um chibo, 31	filho duma cabra, 102
feio como um corno, 31	filho duma grandessíssima reca, 102
feio como uma noite de trovoadas, 31	filho duma magana, 102
feixe de ossos, 32	filho duma vaca, 102
fêmeas (omnibus), 99	fim dos seus dias, 20
fenda, 86	finado, s.m., 23
féretro, 23	finamento, 20
ferramenta, 83	finar-se, 21
ferrar, 71	findar (os seus dias), 25
ferrar a unha, 61	finfar, 110
ferrar calotes, 58	fisga, 86
ferrar o cão, 58	fisgar-se, 63
ferrar o jeco, 58	flauta lisa, 83
ferrar o mono, 58	flipar, 23
ferros, 42, 56	flirt, 96
festas de marmeleiro, 70	flirtear, 96
fezes, 92	fluxo de ventre, 91
ficar de trombas, 42	foda-se!, 72
ficar entre as dez e as onze, 49	foder, 110
ficar fora de si, 42	fole (das migas), 76
ficar fulo, 42	folha de alface, 57
ficar grávida, 112	fona(s), 45, 107
ficar para tia, 31	formiga, 67
ficar-se, 21	fornicar, 108, 110
ficar sem uma cheta, 53	forra-gaitas, 45
ficar sem uma de xis, 53	forreta, 45
ficar sem um ceítil furado, 53	forrica, 91
ficar sem um vintém furado, 53	forte, 32
fifi, 33	fraco, 32
figa, 86	fraco da cabeça (do siso), 41
figurino, 33	fraco de ideias, 36
filar, 66	fragata, 32
filha, filho, 30	fraldeiro, 107
filho da curta, 102	fraldiqueiro, 107
filho da mãe, 102	franciscas, 78
filho da pátria, 102	frangalho, 82
filho da po...lícia, 102	fraqueza (de peito), 16
filho da púcara, 102	frasco, 80
filho da puxa, 102	

fraudar, 88	gaveta, 86
fricções lombares de marmeleiro, 70	gavetão, 66
fúfia, 33	gazear (gazetear), 65
fuinha, 45, 49	gazeta, 65
fundo das costas, 79	gazeteiro, 65
furado, 53	ginga, 107
furalhar, 110	ginja, 32
furo, 110	golfar, 94
furtar, 61	gordo, 32
furto, 60	gorila, 67
futre, 45	gostar, 96
	gota, 16
gado, 102	governanta, 97
gafaria, 15	gozar (uma mulher), 110
gafeira, 15	gramar aos molhos, 97
gafo, 15	grande dona, 21
gá-gá, 40	grande garça, 21
gaiola (de cinco arames), 66, 111	gravidez, 112
gaita(s), 83, 116	gregório, 84, 112
gaiteiro, 116	grelha, 66
gaja, 98, gajo, 28	grelo, 86
galantear, 96	grelhos, 92
galar, 110	greta, 86
galdéria, 103	grilo, 83
galdeirona, 103	grisette, 99
galdrana, 103	grosso, 84
galdrapinha, 103	gualdripar, 61
galga, 44	guarda-comidas, 76
galheta, 68	guarda-esquadras, 67
galhos, 116	guardanapo de cinco pontas, 71
galhudo, s.m., 13	guardar os pitos do Senhor
gálico, 17	Abade, 23
galinha, 18, 101	guedes, 40
galiqueira, 17	guisos, 84
gamar, 61	guita, 56
gambeta, 19	guitarra, 76
gamboia, 77	guitarra tocada, 88
gansa, 101	gunda (bras.), 112
garça, 48, 101	
gargarejar, 96	hair-dresser, 29
garrana, 49	hair-styling, 29
gata, gato, 49, 62, 86, 101	hastes, 114
gato-pingado, 24	hético, 16
gatuno, 62	hetaira, 99
	hímen, 87

histórias da carochinha, 43
 homem avançado em anos, 30
 homem da limpeza, 31
 homem das botas, 44
 homem do lixo, 29
 homossexual, 111
 honra, 87
 horácio, 112
 hora derradeira, 20
 hora suprema, 20
 horizontal, 99
 horizontalismo, 99
 horta cerradinha, 87
 hospital de alienados, 41
 hospital psiquiátrico, 41
 Hotel de Caxias (Peniche), 66
 Hotel do Pinho, 65
 huri, 99

 idade, 30
 idade avançada, 30
 idade das almotolias de barro, 31
 idiota, 41
 idoso, 30
 ilhó, 80
 iluminar a testa, 118
 imaginar (inventar) coisas
 (histórias), 43
 imbecil, 36
 imundo, 31
 inacinho, 39
 incandieirado, 50
 indigente, 52
 indisposição, 15
 indisposto, 15
 indrômina, 44
 inépcia, 35
 Inês-de-Castro, 101
 infeliz, 52
 ingénuo, 36
 inimigo, 12
 inocente, 36
 insânia, 35, 40
 insano, 40
 instalações sanitárias, 89

 institut de beauté, 29
 instrumento, 83
 interesseiro, 45
 intermediária, 104
 inumação, 24
 inumar, 23
 invenção, 44
 inverdade, 44
 invertido, 112
 ir abaixo de Braga, 90
 ir a campo, 90, 94
 ir a cantar ópera, 67
 ir ali fazer uma coisa, 94
 ir amassar barro com as costas,
 23
 ir a Montalegre e passar por
 Arcos, 50
 ir ao cu, 112
 ir ao curral, 90, 94
 ir ao escritório, 91
 ir ao ilhó, 112
 ir aonde o rei vai sózinho, 91
 ir ao pacote, 112
 ir à ópera, 67
 ir aos arames, 42
 ir apanhar flores, 95
 ir arrear as calças, 90
 ir arriba dos pés, 90
 ir à serra, 42
 ir às Marias, 101
 ir a tomar ares de mar em Caxias
 (Peniche), 67
 ir atrás da casa, 90, 94
 ir bonito, 46
 ir chumbado, 49
 ir colher flores, 95
 ir com uma esposa, 50
 ir com uma furiosa, 50
 ir dar de corpo, 90
 ir de cana, 66
 ir de charola, 23
 ir desta para melhor, 22
 ir fazer a vida, 104
 ir fazer o serviço, 91
 ir guardar os ciprestes, 23

ir no baú, 66	Jardim (Quinta) das Tabuletas, 23
ir no cambão, 66	jarrear, 47
ir para a banda de lá, 22, 23	já ter ido ao castigo, 89
ir para a cama com alg., 108	jazida, 23
ir para a cidade dos pés juntos, 23	jazigo, 23
ir para a companhia de, 97	jerico, 37
ir para a companhia dos pés	joão-da-amora, 107
juntos, 23	joão-da-horta, 39
ir para a quinta dos pés juntos, 23	joaquina, 50
ir para as grades, 65	jogar na CUF, 112
ir para as malvas, 23	judite, 67
ir para a terra (dos pés juntos, do	júlio, 105
salvamento, da verdade), 23	jumento, 37
ir para o céu, 22	juntar-se, 97
ir para (o) Conde Ferreira, 41	
ir para o fânico, 104	lá, 20, 56, 79
ir para o ginjal, 23	lã, 55
ir para o major, 23	labrego, 39
ir para o maneta, 23	lagarto, 83
ir para o outro mundo, 22, 23	lampana, 44
ir poisar, 91	lamparina, 70
ir que nem um andor, 49	lançar fora, 94
ir regar a horta, 95	lanterna, 47
irregulares, 100	lapa, 70
irregularidades, 60	lapantana, 36
irritação, 41	lapão, 36
ir-se (embora), 21	lapardão, 36
ir-se para Deus, 21	lapardas, 36
ir-se para os anjinhos, 23	lapardeiro, 36
ir veranejar para Belas, 41	laparoto, 36
isto, 58	lapónio, 36
	lapouço, 36
jaça, 66	lapuz, 36
já está picada das abelhas, 78	laranjas, 77
jagodes, 39	larapiar, 61
já lá está (donde se não torna), 23	laráprio, 62
já lá está (no reino da verdade),	largar, 63, 93
20, 23	larilas, 112
já não comer mais broa, 23	lascar, 91, 110
já não é novo, 30	lastro, 92
já não está inteira, 88	latada, 70
já não lhe doi nada, 22	latrocínio, 60
já não tem cabelos, 31	lavar as mãos, 90
já não tem os três(-vinténs), 88	lavatório, 89
janota, 33	lavrador, 29

leão, 94	lopes, 39
lebre, 49	lorde, 33
lecas, 56	lorpa, 38
lelé (bras.), 112	lostra, 70
lembrete, 43	louco, 39, 40, 97
lenço de cinco pontas, 71	loucura, 36, 40
lençóis, 57	lucas, 39
lentriscas, 77	Lúcifer, 13
lepra, 15	lugar onde as costas perdem o
lérias, 44	nome, 78
levado da breca, 13	lunático, 40
levar, 68	lupanar, 105
levar ao calvário, 110	
levar na anilha, 112	macaco, 83
levar na padieira, 112	maças, 78
levar na peida, 112	má catadura, 41
levar na tampa, 112	Madalena, 101
levar nas bitáculas, 71	maduro, 41
levar no cu, 112	mãe, 28
levar no pacote, 112	mafarrico, 13
levar no pailho, 112	magana, 103
levar para o tabaco, 71	magra, s.f., 21
levar uma lagosta, 95	magro, 32
levar uma prima, 50	mais feio que a morte negra, 31
levar um pão, 68	mal, 15, 16
levar um valente pontapé, 113	mala, 76
limalhas, 77	mal burdigalense, 17
limões, 77	mal caduco, 16
Limoeiro, 65	mal canadense (canadiano), 17
limpar, 60, 61	mal da Baía de São Paulo, 17
limpar as ideias, 110	mal d'ava-maria, 16
linchar, 25	mal de barraca, 17
linguado, 57	mal de coito, 17
liquidar, 25	mal de cuia, 17
liró, 34	mal de Fiúme, 17
liru, 41	mal de franga (frega), 17
livrar de uma carga inútil, 91	mal de gota, 16
livre de preocupações	mal de Hansen, 15
económicas, 54	mal de Lázaro, 15
livreiro, 62	mal de mulheres, 17
livro de óbitos, 20	mal de secar, 17
lixar, 110	mal de São Jó, 17
loló (bras.), 112	mal de são Mévio, 17
lona, 44	mal de São Semento, 17
longa viagem, 22	mal de Sta Eufêmia, 17

mal de terra, 16
 maldita, maldito, 14
 mal divino, 16
 mal dos cristãos, 17
 malfadado, 52
 mal francês, 17
 mal germânico, 17
 malhar, 71
 malho, 56
 mal ilírico, 17
 malina, 74
 mal napolitano, 17
 malota, 18
 malote, 103
 mal polaco, 17
 mal ruim, 17
 mal sagrado, 16
 mal santo, 16
 mal secreto, 17
 mal terrível, 16
 mal turco, 17
 maluco, 36, 39, 41
 maluquinho, 41
 malvado, 13, 14
 mal vestido, 32
 manceba, 97
 mandar abaixo de Braga, 71
 mandar à fava, 71
 mandar à lixa, 72
 mandar à mãe, 72
 mandar à merda, 72
 mandar à missa, 72
 mandar à outra banda, 71
 mandar a pera, 86, 110
 mandar àquela parte, 71
 mandar à sirga, 72
 mandar à tábua, 72
 mandar bugiar, 71
 mandar embora, 71
 mandar lambar sabão, 72
 mandar o bernardo às compras,
 110
 mandar os troços, 110
 mandar para o caralho, 71
 mandar passear (até Mérida), 71,
 73
 mandar pentear macacos, 71
 mandar uma carta ao Afonso
 Costa, 91
 mané, 39
 mané-carôlo, 39
 mané-coco, 39
 mané-jacá, 39
 manel, manesa, 39, 103
 mané-zé, 39
 maneta, 18
 mangalho, 83
 mango, 56, 83
 manguço, 56
 manicômio, 41
 manipanso, 32
 manquitó, 19
 manquitola, 19
 manuel-da-horta, 39
 mão de finado, 45
 maquia, 55
 marado, 41
 marafona, 103
 marchar, 23
 margaridas, 78
 maria-ingélica, 40
 maria-mole (bras.), 107
 maricafedes, 112
 maricão, 106, 112
 maricas, 106, 112
 maricocas, 107
 maricola(s), 107
 maricoquinhas, 107
 maricotes, 107
 marido do cabide, 98
 marido enganado, 114
 marinelo, 107
 mariquinhas, 107
 marmelo(s), 49, 78, 93
 marmelosas, 78
 marmita, 76, 80
 marocas, 107
 marrã, 18
 marrana, 18

marrancha, 18
 marranica, 18
 marranita, 18
 marrar, 23
 marreca, 18
 marreco, 18
 martelo, 83
 marzápio, 84
 masmorra, 66
 massa, 55
 massacrar, 25
 massaroca, 55
 mastro, 83
 masturbação, 111
 mateus, 39
 matias, 39
 matriculadas, 100
 matrículas, 100
 matuto, 39, 40
 mau olhado, 18
 mazurca, 49
 medianeira, 104
 medir o costado, 70
 megera, 21
 meia-dose, 32
 meio pintor, 57
 melancigas, 78
 melão, 32
 melões, 78
 melrinho, 86
 membro (viril), 82
 mendigo, 53
 menina, menino, 39, 99, 112
 menina (menino) bem, 33
 menina-canasta, 33
 meninas da trama, 99
 menino pipi, 34
 mentecapto, 40
 mentir, 43
 mentira, 43
 mentiroso, 43
 merda, 92
 meretriz, 98
 mesquinho, 45
 Messalina, 101
 mestre, 29
 mestre de escola, 29
 mestre de primeiras letras, 29
 metade, 27
 meter a bola, 44
 meter a lança, 61
 meter a unha, 61
 meter ao bolso, 60
 meter o arco, 64
 meter o pé na carreira, 64
 meter o pé pelo mundo, 64
 meter os tempos dentro, 88
 meter o urso, 44
 Michela, 101
 Michelena, 101
 mictar, 94
 mictório, 90, 94
 mija-mansinho, 32
 mijar, 94
 mijo, 94
 milho, 56
 míngua, 52
 minha cara metade, 27
 minhoca, 83
 minhocas na cabeça, 38
 minotaurizar, 118
 minotauro, 118
 miolo de grilo, 38
 miscar-se, 63
 miserável, 45, 53
 miúdos, 56
 mobilizar, 62
 moça, moço, 30, 97, 99
 moça da vida airada, 99
 moça de servir, 29
 mocho, 14
 moer, 71
 moléstia feia, 17
 moléstia de senhoras, 17
 moléstia vergonhosa, 17
 molhar o pincel, 110
 molho, 69
 mona, 49
 moni, 57
 montar, 110

monte, 92	nádegas, 78, 80
montepio, 58	naípe, 56
morar no Alto de São João, 23	namoricar, 97
morbo gálico, 17	namorico, 97
morca, 76	não acordar mais, 21
morder o pé, 23	não andar bem dos intestinos, 91
mordeu-lhe a mosca, 42	não é bonito, 31
morfeia, 15	não é muito forte, 32
morrer por alg., 97	não é uma brasa, 31
morrinha (bras.), 75	não estar bom da cabeça, 36
mosca, 42, 43, 55, 67	não estar em si, 42
moscar, 63	não lhe doía a cabeça, 115
moscardo, 67, 69	não passar da cepa torta, 54
mosco, 60	não pescar bóia, 39
mosqueiro, 80	não poder com uma gata pelo rabo, 32
mosquete, 70	não regular bem (do juízo, da bola, do caco), 36
mudar de óleos, 110	não saber bóia, 39
mula, 17, 49	não saber patavina, 39
mulher-dama, 100	não ser muito bem dotado, 36
mulher da rua, 100	não ser seguro de mãos, 61
mulher da vida, 100	não ter feições agradáveis, 31
mulher de leva e traz, 104	não ter senão a pele e o osso, 32
mulher de má nota, 100	não ter senão o olho na cara, 32
mulher de má vida, 100	não ter com que mandar cantar um cego, 53
mulher de porta aberta, 100	não ter eira nem beira, 53
mulher de rótula, 100	não ter onde cair morto, 53
mulher de trama, 100	não ter os cinco alqueires bem medidos, 36
mulher devida airada, 100	não ter os cinco (sentidos), 36
mulher de vida fácil, 100	não ter problemas financeiros, 54
mulher do beco, 100	não ver um palmo diante do nariz, 36
mulher do fado, 100	narceja, 69
mulher do mundo, 100	nascer, 114
mulher errada, 100	natura, 82, 85
mulheres toleradas, 100	natureza, 82, 85
mulhericas, 107	necessária, 89
mulher perdida, 100	negra, 21
mulher por conta, 98	nêspira, 49, 80, 86
mulher pública, 100	neura, 35
mulher que fuma, 100	neurastenia, 35
mundana, 103	nica, 110
muricego, 15	
murro, 70	
músico, 116	
nabo, 13, 37, 49, 83	

nicar, 110	ovos, 84
nicola, 110	
níqueis, 57	pachacha, 87
nódoa, 87	pacote, 57, 80, 112
Noé, 50	pacóvio, 38
nojento, 31	padaria, 80
nome de substância muito dura, 115	padieira, 112
nota (grande), 57	padrasto, 27
novelos, 77, 84	padrinho, 28
	pagar em moeda de costela, 71
	paginar, 23
o, pron., 57, 115	pai, 27
óbito, 20	pai de todos, 84
obrar, 90	pailho, 112
obrigações, 58	painço, 56
ocaso, 20	paio, 40
odontólogo, 30	pala, 44, 48
odre, 47, 84	palão, 44
olhar com olhos de carneiro mal morto, 96	palerma, 40
olho (do cu), 80	palhaço, 57
olho vê, mão pilha (tira), 61	paliteiro, 116
olho vê, mão pilha e pé ligeiro, 61	palmanço, 60
onanismo, 111	palmar, 66, 61
ontário, 37	paloma, 101
onze, 118	palúrdio, 38
onze-letras, 105	panasca, 112
onzeneira, 105	pança, 76
opa, 48	pancrácio, 39
operação, 60	pandeiro, 80
operário, 30	panela, 80
opulência, 54	paneleiro, 112
o que falta às cabras mochas, 115	panga, 107
orate, 41	pãozinho, 33
órgão, 49, 81, 85	pantaleão, 40
órgão genital, 85	panturra, 76
órgão reprodutor, 81, 85	papa-açorda, 32, 36
órgão sexual, 81, 82, 85	papa-fina, 33
ornamentar, 115	papa-la-açorda, 36
os, pron., 85, 115	papalvo, 37
ostreiro, 62	papa-moscas, 36
otário, 37	papo-seco, 33
ourina, 94	pápulas, 57
ovo (sem casca), 91, 92	pára-choques, 77
	pára-quedas, 75
	pardal, 86

parece a morte em pé, 32
parece um cabide de fatos, 32
parece um carapau seco, 32
parir, 114
parrameira, 87
parteira, 30
partes, 82
partes carnudas, do organismo, 79
partes (genitais), 82, 85
partes pudendas, 82, 85
partes secretas, 82, 85
partes vergonhosas, 82, 85
partir desta para melhor morada, 22
partir para a viagem de que se não regressa, 22
parvinhos, 36
parvalhão, 36
pasma, 67
pasmado, 67
paspalhão, 37
paspalho, 37
passamento, 20
passar à letra f, 110
passar (à melhor vida), 21
passar a perna, 64
pássara, 86
passar as palhetas, 64
passar desta vida para melhor, 22
passar deste mundo a Deus, 22
passarinha, 83, 86
passarinho, 86
passar-lhe os cinco mandamentos, 61
pássaro, 86
passaroca, 86
passarola, 86
passar os butes, 64
passar-se, 21
passas, 69
pasta, 56
pastilha, 70
pataco, 56
patarata, 44
patareco, 39
pataroco, 39
pata-galhana, 19
patamecos, 87
patear, 23
pateta, 39
pato, 38
patola, 38, 39
patranha, 44
patrão, 28
patrãozinho, 28
patriota, 77
patriotismo, 77
patroinha, 28
patuno, 87
pau(s), 57, 84
pau de cabeloira, 105
pau de vassoura, 32
pau de virar tripas, 32
pau-do-ar, 115
pecar (contra o sexto mandamento), 108
pechincho, 87
pechota, 84
pedaço de asno, 37
pederasta, 111
pé-de-salsa, 112
pé-descalço, 54
pedicuro, 29
pedincha, 53
pedinte, 53
pedir esmola de chapéu na cabeça, 61
pega, 98
pegar, 71
pegas do vício, 101
peida, 80, 112
peidar-se, 93
peido, 93
peito(s), 76
peladinha, 87
pele de asno, 37
peleira, 48
pelintra, 45, 54
penachada, 108

penico, 94
 pénis, 81
 pensão, 65
 pente, 98
 penúria, 52
 pepé, (bras.), 19
 pepino, 83
 pera, 69, 86
 peralta, 33
 peralvilho, 33
 perder a colher, 23
 perder a flor de laranjeira, 87
 perder-se, 104
 perdido, 97
 perecer, 21
 peripatética, 99
 perna-fina, 34
 perna-fofa, 19
 perna-tesa, 34
 pernetta, 18
 pertencer a um homem, 108
 pero, 69
 Pero Botelho, 13
 perua, 48
 peruca, 48
 pés de galápio, 19
 pés para que vos quero, 64
 pêssega, 86
 peta, 44
 petimetre, 33
 pevide, 81
 pica, 84
 picador, 62
 picar, 61, 110
 pichorras, 77
 pico, 84
 picou-lhe a mosca, 43
 piela, 50
 pielazinha, 50
 pila(s), 84
 pildar, 63
 pildra, 66
 pildrar-se, 63
 pilha-galinhas, 62
 pilhar, 61

pilim, 56
 pilita, 84
 Pilulas, s.m., 38
 pimpão, 34
 pinar, 110
 pinga, 49
 pingolada, 108
 Pinhal de Azambuja, 60
 pinoca, 34
 pinocada, 110
 pinóia, 103
 pinta, 87
 pintor, 57
 pipa, 47, 76
 pipi, 34, 84
 pirar-se, 63
 pirilau, 84
 piroca, 84
 pirocada, 108
 pímulas, s.m., 38
 pisgar-se, 63
 pissa, 84
 piteira, 49
 piteireiro, 49
 piteiro, 107
 pito, 86
 pivete, 75
 pívia, 111
 pixa, 84
 pobre (de Cristo), 53
 pobre de espírito, 36
 pobre de pedir, 53
 pobre diabo, 53
 pobretaina, 53
 pobreza, 52
 poço sem fundo, 50
 podex, 78
 podem-se-lhe contar as costelas,
 32
 podre de rico, 54
 poio, 92
 polícia, 66
 pomada de cheiro, 44
 pomadista, 44
 poma(s), 76, 78

pomba, 86
 pombinha, 86
 pombinho, 48
 pombo (sem asas), 92
 ponta(s), 84, 114
 pôr a barriga à boca, 113
 pôr à sombra, 65
 pôr as tripas ao sol, 25
 porcalhão, 31
 porco (sujo), 13, 49
 pôr o rabo a arder, 70
 pôr os cornos, 115
 pôr os palitos, 116
 pôr os pés em polvorosa, 64
 porquear, 110
 porra, 83
 pôr-se a andar, 64
 pôr-se à meia porta, 104
 pôr-se a mexer, 64
 pôr-se a milhas, 64
 pôr-se ao fresco, 64
 pôr-se em polvorosa, 64
 pôr-se em sentido, 23
 pôr-se na alheta, 64
 pôr-se na perna, 64
 pôr-se na pirez, 64
 pôr-se no mundo, 64
 pôr-se no pirandó, 64
 porta-seios, 75
 pôr um ovo (sem casca), 91
 posse indevida, 60
 possuir, 108
 posterior, 78
 pote partido, 88
 pouco cuidadoso na limpeza do
 corpo (do vestuário), 31
 pouco esperto, 36
 pouco inteligente, 36
 pranchada, 108
 prateleiras, 77
 prateleiros, 77
 predestinado, 117
 pregar uma escova, 44
 pregar ventos, 93
 prego, 58
 prender-se, 96
 prenhez, 113
 presente, 92
 presente de França, 113
 préstito fúnebre, 24
 Príncipe do ar, 13
 prisa, 65
 prisão, 65, 66
 prisão de ventre, 92
 privada, 89
 professor, 29
 profissão horizontal, 99
 prostíbulo, 105
 prostituta, 98
 proxeneta, 105
 pupilas, 99
 pureza, 87
 puta, 102
 puto, 112
 puxar o autoclismo, 91
 puxar a trouxa, 23
 quadrúpede, 37
 quartos, 78
 quatro tábuas, 24
 quebra, 58
 quebrado, 58
 quebranto, 18
 quebra-bilhas, 112
 quebradiço, 32
 queijo (bras.), 32, 81
 queimar os miolos, 25
 querer (bem), 96
 queirós, 40
 queixa de peito, 16
 quente (da orelha), 50
 quilhar, 110
 quilhos, 84
 quilo, 57
 quinar, 23
 Quinta do Muro Branco (do
 Padre), 23
 quinta dos calados, 23
 quinta das lajes, 23
 quinta dos pés juntos, 23

quiosque (de verter águas), 81, 89
 quitar, 60

 rabadilha, 80
 rabão, s. m., 13
 rabeta, 112
 rabicho, 112
 rabinho, 80
 rabiosque, 80
 rabisteques, 80
 rabo, 80
 rabudo, s.m., 13
 racha, 86
 rachada, 86
 ralhete, 43
 ralo, 31
 rameira, 103
 ramona, 66
 rapariga, 97, 99
 rapaz (novo), 30
 rapina, 60
 rapinar, 61
 raposa, 14, 49
 raposar, 65
 raposinho, 74
 rascôa, 103
 raspanço, 43
 raspanete, 43
 raspar-se, 63
 rata, rato, 49, 62, 86, 102
 rateira, 102
 rato de armário, 62
 rato de feira, 62
 rato de hotel, 62
 ratonar, 61
 ratoneiro, 62
 rebentar, 23, 25
 rebentar os tampos, 88
 reca, 102
 recachiço, 75
 recto, 78
 redanho, 76
 região secreta, 85
 reino das trevas, 13
 reino da verdade, 20

 relações (sexuais), 108
 render a alma (a Deus), 22
 render o espírito, 22
 rengo, 19
 rentar-se, 93
 repolhaço, 32
 repousar no Senhor, 22
 repouso, 23
 repreender, 43
 requestar, 96
 resfriou-lhe o céu da boca, 22
 rapo, 92
 restos mortais, 23
 retardado, 41
 retrete, 89
 reverso corporal, 79
 reverso da medalha, 78
 ricaço, 54
 rins, 84
 ripar, 61
 riqueza, 54
 roberta, 40
 Roberto, 102
 rodízio, 112
 rola, 48
 roto, 112
 rotunda, 113
 roubar, 61
 roubo, 60
 roupa de baixo, 75
 roupas menores, 75
 rua das mulheres que fumam, 100
 rufião, 105
 rusga, 49

 sabão, 43
 saber a boca a papel de música (a papelão), 51
 saber a ferraduras de burro, 51
 sabonete, 43
 sacana, 111
 saco de batatas, 32
 saco de broas, 76
 sacudir a poeira, 70
 sacudir as moscas, 70

safadeza (bras.), 109
 safar-se, 63
 sai ao pai, 78
 salão de beleza, 29
 salgadeira, 24
 saliência traseira, 79
 salsinhas, 107
 salvo seja, 79
 salvo tal lugar, 79
 samarra, 18
 samarrão, 103
 sanatório, 41
 sanita, 89
 sanha, 41
 santinho, 36
 santo, 36
 sapateiro, 29
 sapo, 15
 sarabanda, 43
 sarambia, 111
 sarcófago, 24
 sardinha, 69
 Satã, 13
 Satanás, 13
 satisfazer os seus gostinhos, 111
 sebastião, 40
 sebento, 31
 seca-adegas, 50
 sécio, 34
 segóvia, 111
 seio, 76
 seis-e-cinco, 105
 sem meios, 52
 Sem-Perdão, s.f., 21
 sem recursos, 52
 sem tusto, 53
 senhor alferes, 116
 Senhora Dona, 28
 senhor guarda, 28
 senisga, 49, 86
 sentina, 89
 sepulcro, 24
 sepultar, 23
 ser chamado por Deus, 22
 ser (ter) chegado a sua hora, 21
 ser corneado, 117
 ser de comer, 96
 ser de letras gordas, 39
 ser de um homem, 108
 ser furada, 88
 serigaita, 102
 serpente, 13, 15
 serventia, 84, 87
 serviço, 60
 servidor, 94
 sesso, 79
 sete palmos de terra, 24
 sexo, 82, 85
 sicário, 25
 sílfides, 99
 sífilis, 15, 16
 silvaninha, 50
 simão, 40
 simples de espírito, 36
 sim-senhor, s.m., 79
 sinais d'homem, 84
 sítio mais almofadado do corpo, 79
 situação angustiosa, 52
 slip, 75
 sobretudo de madeira (de pau), 24
 sodomita, 112
 sogra, 27
 solfejo, 93
 solha, 69
 soltar o último alento (suspiro), 22
 soltar-se o ventre, 93
 solteirão, 31
 solteiro, 31
 soltura (de ventre), 91
 somítico, 45
 sopa de urso, 69
 sopaina, 19
 sórdido, 31
 só ter a mão direita para o amor, 111
 soutien, 75
 subir a mostarda ao nariz, 43

subir ao céu, 22
 subtrair, 60
 sucumbir, 21
 sujar, 90
 sujeita, sujeito, 21, 28
 sujidade, 92
 sujo, 31
 sumiço, 60
 suprimir, 25
 surrão, 104
 surripiar, 61
 surripio, 60
 suspiro do corpo, 93
 sutia, 75

 tábua (das almas), 78
 tábua de engomar, 78
 tacanho, 45
 taco, 56
 tainha, 67
 tal sítio, 79
 tambo, 106
 tampa, 112
 tangerinas, 78, 84
 tanso, 39
 tapado (que nem uma porta), 39
 tarado, 41
 tarracha, 87
 tata, 92
 T.B.C., 16
 teimosia, 41
 tem mau cabelo, 32
 tem o cabelo estrigado, 32
 tem o cabelo pouco basto, 32
 tem o cabelo pouco denso, 31
 tem o cabelo pouco espesso, 31
 tempo da onça, 31
 tempo da pedra lascada, 31
 tempos dos Alfonsinhos, 31
 tempo em que Adão era cadete, 31
 tempo em que Judas perdeu as botas, 31
 tempo da rainha Patuda, 31

 tempos de Maria Castanha (Cachucha), 31
 tem-te não caias, 49
 tenaz, 45
 tenente, 116
 tentador das almas, 13
 ter a algibeira quente, 54
 ter a cabeça enfeitada, 115
 ter amores com a mana da Canha, 111
 ter areia na cabeça (no saco), 38
 ter as suas horas contadas, 21
 ter avaria no casco (na máquina), 38
 ter barriga, 113
 ter cobres, 55
 ter cotão nas algibeiras, 53
 ter c'roas, 54, 55
 ter dois vinténs, 56
 ter falta de miolo, 38
 ter falta de razão (de tino), 36
 ter intimidades com alg., 109
 ter lâmpada acesa no Banco de Portugal, 54
 ter macaquinhos no sótão, 38
 ter mundos e fundos, 55
 ter o céu da boca frio, 23
 ter o seu vintém, 56
 ter os faróis acesos, 50
 ter os pés inchados, 48
 ter os seus dias contados, 24
 ter o último andar pouco mobilado, 36
 ter pancada na mola, 38
 ter passarinhos no sótão, 38
 ter pelo beijo (beicinho), 97
 ter pilulas no capacete, 38
 ter pouco fósforo, 38
 terra da verdade, 22, 24
 terra fria, 24
 ter teias de aranha na cabeça, 38
 ter uma aduela a menos, 38
 ter um filho, 114
 ter um fraco por alg., 97
 ter um grande chapéu, 118

ter um parafuso a menos, 38	trabalhar, 60
ter um T na testa, 36	trabalhinho, 109
testemunhos, 84	trabalho, 60
testículos, 81, 84	trampa, 92
tetas, 107	tranca, 45
tia, tio, 28	trancafiar alg. no xadrez, 65
tingar, 63	transe, 20
tintureiro, 66	trânsito, 20
tipas, 100	traque, 93
tira, 67	traseiro, 79, 80
tirar o cabaço, 88	traste, 84
tirar o melhor, 87	traulitada, 109
tirone teso, 33	trazer ao mundo, 114
tísica, 16	trazer de ganho, 113
tisnar, 63	trazer pelo beijo, 97
tocado (da pinga), 46	trepar, 110
tocar a furriéis, 111	três(-vinténs), 88
tocar a Marselhesa, 111	trespassar, 21
tocar pandeiro, 70	trespasse, 20
tocar uma pavana, 70	tretas, 44
tocar uma punheta, 111	tricas, 112
tocar uma rosa, 111	trinca-espinhas, 32
toleradas, 100	trinca-pintos, 15
tolinho, 36	trinques (bras.), 34
tolo, 36	tripa, 76
tomara que caia (bras.), 75	triques, 34
tomar às de Vila Diogo, 64	troca-tintas, 44
tomar chá de cipó (bras.), 69	troço, 92
tomar gargarejos, 96	trombicar, 110
tomar o tole, 64	tronco, 66
tomar um ganso, 49	trouxa, 38, 84
tomata, 84	troviscado, 49
tomate, s.f., 84	tuberculose, 16
tomates, 84	tumba, 24
tone, 39	túmulo, 23
tonha, 50	turca, 50
tonho, 40	tusto, 57
topinho, 19	tutu, 80
topino, 19	
tostão, 57	última morada, 23
tontinhos, 36	última viagem, 20
tonto, 36	uma, 20, 46
totó, 84	um pouco nutrido, 32
touca, 48	unhacas, 45
toupeira, 37	unhante, 62

unhar, 61
 unhas (-de-fome), 45
 urina, 94
 urinar, 94
 urinol, 94
 urna (funerária), 24
 usurpar, 60

 vá à erva!, 72, 73, 92
 vá à fava!, 92
 vá à mãe!, 72, 73, 92
 vá à merda!, 72
 vá à missa!, 72, 73, 92
 vá a Palmela, 72
 vá àquela parte!, 72, 92
 vá àquele sítio!, 72, 92
 vá à tal parte!, 72, 92
 vá bardamerda!, 72, 92
 vá bugiar!, 72
 vaca, 102
 vadiar (bras.), 110
 vagarosa, 66
 vagina, 81, 85
 vai chatear outro!, 73
 vai para o diabo!, 73
 vai-te despir!, 73
 vai-te encher de moscas!, 73
 vai-te matar!, 73
 vá lambear sabão!, 72
 vá para a amarela!, 73, 92
 vá para a beira da merda!, 72
 vá para a puta que o pariu!, 73
 vá pentear macacos!, 73
 vá p'rá marelá!, 72, 92
 variado, 39
 varrer as mãos nas coisas, 61
 varridinho do juízo, 39
 varunça, 107
 vá-se foder!, 72
 vá se fo...tografar, 72
 vaso de noite (câmara), 94
 vazar, 93, 114
 veado, 116
 veio, 87
 velha da foice, 21

 velha do alfange (bras.), 21
 velhice, 30
 velhinho, 30
 velho, 30
 velhota, velhote, 30
 venéreo, 17
 ventejar, 93
 ventosidade, 93
 ventre, 75
 Vénus de “trottoir”, 99
 veranejar para o Júlio de Matos, 41
 Verde Limo, 65
 verga, 83
 vergalho, 83
 vergonhas, 82, 85
 ver o padeiro, 111
 ver o sol aos quadradinhos, 65
 verso, 79
 verter águas, 94
 vesânia, 35, 40
 vesano, 40
 vespeiro, 86
 vésperas, 113
 vestais, 99
 via de frente, (diante), 79, 85
 via de trás, 79
 viagem de onde se não volta, 20
 vicente, 84
 vigarista, 62
 vinagre, 45
 vinagreira, 49
 vintém, 56
 vir (de Paris), 114
 viradinho de juízo, 39
 vir à luz (ao mundo), 114
 virar, 25
 virgo, 87
 vir mosca, 43
 visitar as Marias, 101
 viúva-alegre, 66
 viver em concubinato, 97
 viver na companhia de alg., 97
 viver na lazeira, 53
 vizinhos, 84

vou ali (fazer uma coisa), 90	zangurriana, 49
vomitar, 94	zaranza, 41
vômito, 94	Zé (Alves), 84
vou ali, venho já, 90, 94	zé-da-véstia, 40, 87
vou lá dentro, 90	zé-godes, 40
vulva, 81	zé-piegas, 40
	zé-quitólis, 40
W.C., 89	zerpelão, 48
	zézinho, 84, 87
xadrez, 65	zoeira, 49
xarifa, 87	zoina, 104
xarope de marmeleiro, 70	zorate, 41
xelindró, 66	zorra, 102
xelro, 66	zorrum, 74
	zoupeira, 104
zabaneira, 104	zuca, 41
zambro, 19	zumba, 70
zanga, 41	zurca, 49

BIBLIOGRAFIA

- Alv., *Lareira* — PEDRO ALVELLOS, *À lareira do pecado*.
Peça em 3 actos. Colecção “Teatro Novo” 1, Lisboa,
1946.
- Amado, *Dona* — JORGE AMADO, *Dona Flor e seus dois
maridos. História moral e de amor*. Romance, São Paulo,
1.^a ed., s.d.
- Amado, *Gabr.* — IDEM, *Gabriela, cravo e canela*. (Crónica
de uma cidade do interior). Romance. Lisboa, 1961.
- Amado, *Jub.* — IDEM, *Jubiabá*. Romance, Lisboa, 3.^a ed.,
s.d.
- Amado, *Past.* — IDEM, *Os pastores da noite*. São Paulo,
s.d.
- Amado, *Jorge* — IDEM, *São Jorge dos ilhéus*. São Paulo,
1944.
- Amado, *Mar.* — IDEM, *Os Velhos Marinheiros. Duas
histórias do cais da Baía*. Colecção Século XX, 48.
Lisboa, 1962.
- Andr., *Grades* — CELESTE ANDRADE, *Grades vivas*.
Romance. Colecção Latitude, 6. Lisboa, 1954.
- Bar., *Malta* — GARCIA BARRETO, *A malta da rua dos
Plátanos*. Romance. Lisboa, 1981.

- Beck, *Longe* — BECKERT D'ASSUMPÇÃO, *Longe é para lá do oceano*. Romance. Lisboa, 1959.
- Bessa — ALBERTO BESSA, *A gíria portuguesa. Esboço de um dicionário de calão*. Lisboa, 1919.
- B. Luís, *Meninos* — AGUSTINA BESSA LUÍS, *Os meninos de ouro*. Romance. Lisboa, 1983.
- Botto, *Alfama* — ANTÓNIO BOTTO, *As comédias de António Botto*. Terceiro volume das obras completas e primeiro de teatro. Lisboa, 1945.
- Braga, *Caminhos* — MÁRIO BRAGA, *Caminhos sem sol*. Novelas. Coimbra, 1947.
- Braga, *Hist.* — IDEM, *Histórias de vila*, Coimbra, 1958.
- Buarque, *Malandro* — CHICO BUARQUE, *Ópera do malandro*. Lisboa, 1981.
- Cam., *Gente* — BRITO CAMACHO, *Gente rústica*. Lisboa, 1927.
- Camilo, *Cego* — CAMILO CASTELO BRANCO, *O cego de Landim*. In: *Novelas do Minho*, Lisboa, 1961.
- Camilo, *Corja* — IDEM, *A Corja. Sentimentalismo e história*. Livros de bolso. Lisboa, s.d.
- Camilo, *Amor* — IDEM, *Amor de Perdição*, Porto, 1958.
- Camilo, *Eus.* — IDEM, *Eusébio Macário*. Porto, 1958.
- Camilo, *Novelas* — IDEM, *Novelas do Minho*, Lisboa, 1961.
- Camilo, *Mulheres* — IDEM, *O que fazem mulheres*. Lisboa, 1926.
- Camilo, *Teatro* — IDEM, *Teatro*, II-IV. Lisboa, 1929, 1934.
- Camp., *Língua* — AGOSTINHO DE CAMPOS, *Língua e má língua*. Lisboa, 1944.
- Campos, *Gata* — LUÍS CAMPOS, *Gata em noite de chuva*. Lisboa, 1982.
- Card., *Balada* — JOSÉ CARDOSO PIRES, *Balada da Praia dos Cães. Dissertação sobre um crime*. 1982.
- Card., *Delfim* — IDEM, *O Delfim*. Romance. Lisboa, 1978.

- Castro — AMÍLCAR FERREIRA DE CASTRO, *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra, 1947.
- Coelho, *Ciganos* — ADOLFO COELHO, *Os Ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*. Lisboa, 1892.
- Coelho, N., *Mistério* — HENRIQUE MAXIMINIANO COELHO NETO, *Mistério do Natal*. Teatro I, 1911.
- Correia, *Raça* — RUY CORREIA LEITE, *Raça*. Peça em 3 actos. Lisboa, 1944.
- Correia, *Est.* — ROMEU CORREIA, *As Quatro Estações*. Peça em dois actos e dez quadros. Lisboa, 1981.
- Corr., — JOÃO DA SILVA CORREIA, *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*. In: Arquivo da Universidade de Lisboa, vol. XII. Lisboa, 1927, p. 445-787.
- Cort., *Bâton* — ALFREDO CORTEZ, *Bâton*, Peça em três actos. Lisboa, 1939.
- Cort., *Lá-Lás* — IDEM, *Lá-Lás*, comédia em três actos. Porto, 1944.
- Cort., *Lodo* — IDEM, *O lodo*, peça em 3 actos. Lisboa, 1923.
- Curto, *Dem.* — RAMADA CURTO, *Demónio*, peça em 3 actos. Lisboa, 1930.
- Curto, *Fera* — IDEM, *A fera*, drama em 4 actos. Lisboa, 1931.
- CURTO, *Sapo* — IDEM, *O sapo e a doninha*, peça em 3 actos. Lisboa, 1930.
- Dant., *Severa* — JÚLIO DANTAS, *A Severa*, peça em 4 actos. Lisboa, 1904.
- Dant., *Vir.* — IDEM, *Viriato trágico*, comédia de capa e espada, em 5 actos. Lisboa, 1900.
- Din., *Espólio* — JÚLIO DINIS, *O espólio do senhor Cipriano*. In: *Os melhores contos portugueses*. Primeira Série. Lisboa, 5.^a ed., s.d., p. 183-213.

- Eça, L., *Nem* — OLAVO D'EÇA LEAL, *Nem tudo se perde no ar*. 3.^a selecção de diálogos radiofónicos. Lisboa, 1945.
- Eça, *Cap.* — EÇA DE QUEIRÓS, *A Capital*. Lisboa, 1943.
- Eça, *Rel.* — IDEM, *A Relíquia*. Porto, s.d.
- Eça, *Prim.* — IDEM, *O Primo Basílio. Episódio doméstico*. Lisboa, 1945.
- Eça, *Maias* — IDEM, *Os Maias. Episódios da vida romântica*. 2 vols., Porto, 1945.
- Ferr., *Ap.* — VERGÍLIO FERREIRA, *Aparição*. Romance. Lisboa, 1964.
- Fial., *Cid.* — FIALHO D'ALMEIDA, *A cidade do vício*. Lisboa, 1922.
- Fial., *Contos* — IDEM, *Contos*. Lisboa, s.d.
- Fial., *Esq.* — IDEM, *A esquina*. Lisboa, s.d.
- Fial., *Gat.* — IDEM, *Os gatos. Publicação mensal de inquérito à vida portuguesa*, vols. 1-6. Lisboa, 1958.
- Fial., *País* — IDEM, *O país das uvas*. Lisboa, 1946.
- Fial., *Vida* — IDEM, *Vida irónica (Jornal dum vagabundo)*. Lisboa, s.d.
- Figueiredo — CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1949.
- Fig., *Dic.* — TOMAZ DE FIGUEIREDO, *Dicionário falado. Variações linguísticas*. Lisboa, 1970.
- Fig., *Estr.* — IDEM, *A má estrela*. Romance. Lisboa, 1969.
- Fig., *Cego* — IDEM, *Nó cego*. Romance. Lisboa, 2.^a ed., s.d.
- Fig., *Teatro* — IDEM, *Teatro I*. Lisboa, 1965.
- Fig., *Cão* — IDEM, *Vida de cão*. Novelas. Lisboa, s.d.
- Fons., *Porta* — BRANQUINHO DA FONSECA, *Porta de Minerva*. Romance. Lisboa, 1947.
- Fonseca, *Aldeia* — MANUEL DA FONSECA, *Aldeia nova*. Contos. Lisboa, 1964.
- Freire, *Talvez* — MARIA DA GRAÇA FREIRE, *Talvez sejam vagabundos*. Romance. Lisboa, s.d.

- Fryk., *Chang.* — FRYKLUND, *Les changements de signification des expressions de droite et de gauche.* Upsala, 1907.
- Gal., *Mulh.* — ALFREDO GALLIS, *Mulheres perdidas.* Lisboa, 1931.
- God., *Calc.* — VERGÍLIO GODINHO, *Calcanhar do mundo.* Porto, 1941.
- God., *Cru.* — IDEM, *Crueldade mental e outros contos.* Lisboa, s.d.
- God., *Não* — IDEM, *Não há nada mais simples.* Contos. Lisboa, s.d.
- Guér., *Tabus* — MANSUR GUÉRIOS, *Tabus linguísticos.* Rio de Janeiro, 1956.
- Jorge, *Camilo* — RICARDO JORGE, *Camilo e António Aires.* Lisboa, s.d.
- Junq., *Velh.* — GUERRA JUNQUEIRO, *A Velhice do padre eterno.* Porto, s.d.
- Kany, *Euph.* — CHARLES E. KANY, *American-Spanish Euphemisms.* Berkeley and Los Angeles, 1960.
- Kröll, *Anr.* — HEINZ KRÖLL, *Anredeformen im Portugiesischen.* In: "Cuadernos de Filologia — " Studia Linguística Hispânica, II, Valencia, 1979, pp. 133-146.
- Kröll, *Bez.* — IDEM, *Bezeichnungen für den 'betrogenen Ehemann' im Portugiesischen.* In: "Romanica Europaea et Americana, Festschrift für Harri Meier", 8. Januar 1980. Bonn, 1980, pp. 293-308.
- Kröll, *Contr.* — IDEM, *Contribuições para o estudo da linguagem falada em português.* Sep. da "Revista Portuguesa de Filologia" XVIII, pp. 71-96.
- Kröll, *Des.* — IDEM, *Designações portuguesas para 'embriaguez'.* Coimbra, 1955.

- Kröll, *Euf.* — IDEM, *Algunos eufemismos en el portugués coloquial y popular*, in: “Cuadernos de Filología”, “Studia Linguistica Hispanica”, II, 2. Valencia, 1981, pp. 105-119.
- Kröll, *Expr.* — IDEM, *Expressões injuriosas. Nomes de animais empregados metaforicamente*. In: “Biblos”, 57 (1981), pp. 241-268.
- Kröll, *Ort.* — IDEM, *Die Ortsadverbien im Portugiesischen. Unter besonderer Berücksichtigung ihrer Verwendung in der modernen Umgangssprache*. Wiesbaden, 1968.
- Kröll, *Termes* — IDEM, *Termes désignant les seins de la femme en portugais*. In: “Orbis”, tome II, n.º 1, 1953, p. 19-32.
- Lapa, *Dic.* — ALBINO LAPA, *Dicionário de calão*. Lisboa, 1959.
- Lisb., *Pouco* — IRENE LISBOA, *O pouco e o muito. Crónica urbana*. Lisboa, s.d.
- Lop., *Termos* — ALFREDO AUGUSTO LOPES, *Termos de calão e gíria popular*. In: “Policia Portuguesa”, a partir de Jan.-Fevereiro de 1938.
- Lopes, *Flag.* — MANUEL LOPES, *Os flagelados do vento leste*. Lisboa, 1960.
- Maças, *An.* — DELMIRA MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, 1951.
- Maças, *Des.* — IDEM, *As designações das perturbações mentais em português*. In: BF 11 (Lisboa, 1950), p. 12-32.
- Maças, *Ir.* — IDEM, *Ironia e depreciação na língua portuguesa* (A propósito da obra Estilística da ironia). Sep. da “RPF”, vol. 14 (1966). Coimbra, 1967.
- Men., *Ronda* — BOURBON E MENESES, *A ronda da noite*. Contos. Lisboa, 1930.
- Migl., *Nome* — BRUNO MIGLIORINI, *Dal nome proprio al nome comune. Studio semantici sul mutamento dei*

- nomi propri di persona in nomi comuni negl'idiomi romanzi*. Genève. 1927.
- Mont., *Contos* — DOMINGOS MONTEIRO, *Contos do dia e da noite*. Lisboa, 1961.
- Montero, *Euf.* — EMÍLIO MONTERO, *El eufemismo en Galicia (Su comparación con otras áreas romances)*. Santiago de Compostela, 1981.
- Moura, *Falares* — MARIA JOSÉ DE MOURA SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Sep. da “RPF”, vols. XII, tomo II, XIII e XIV. Coimbra, 1967.
- Nag., *Dumm* — INGO NAGEL, *Die Bezeichnungen für “dumm” und “verrückt” im Spanischen unter Berücksichtigung ihrer Entsprechungen in anderen romanischen Sprachen, insbesondere im Katalanischen und Portugiesischen. Beihefte zur ZRPh, 126. Heft*, Tübingen, 1972.
- N. — EDUARDO NOBRE, *O calão. Dicionário da gíria portuguesa*. Lisboa, 1980.
- Nam., *Cland.* — FERNANDO NAMORA, *Os Clandestinos*. Romance. Lisboa, 1972.
- Nam., *Dom.* — IDEM, *Domingo à tarde*. Romance. Lisboa, 1960.
- Nam., *Min.* — IDEM, *Minas de San Francisco*. Romance. Lisboa, 1966.
- Nam., *Noite* — IDEM, *A noite e a madrugada*. Romance. Lisboa, 1957.
- Nam., *Trigo* — IDEM, *O trigo e o joio*. Romance. Lisboa, 1953.
- Nasc. *Ant. II* — ESDRAS DO NASCIMENTO, *Antologia do novo conto brasileiro*. Vol. II. Rio de Janeiro, 1964.
- Nasc., *Gíria* — ANTENOR NASCENTES, *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro, 1953.

- Nem., *Mau* — VITORINO NEMÉSIO, *Mau tempo no Canal*, Romance. Lisboa, 1944.
- Nem., *Mist.* — IDEM, *O mistério do Paço do Milhafre*. Contos. Lisboa, 1949.
- Nem., *Var.* — IDEM, *Varanda de Pilatos*. Lisboa, 1927.
- Nobre, *Só* — ANTÓNIO NOBRE, *Só*. Porto, 1944.
- Nor., *Alf.* — EDUARDO NORONHA, *Alfama. Gente do mar*. Romance. Porto, 1939.
- Nov., *Pass.* — MARIA DO CÉU NOVAIS FARIA, *Passagem de nomes de pessoas a nomes comuns em português*. Supl. de “Biblos”. Coimbra, 1943.
- Nyr., *Gramm.* — KR. NYROP, *Grammaire historique de la langue française*, vol. IV. Kobenhavn, 1913.
- Paço, *Ausente* — JOAQUIM PAÇO D’ARCOS, *O ausente*, Comédia dramática em 3 actos. Lisboa, 1944.
- Paço, *Carn.* — IDEM, *Carnaval e outros contos*. Lisboa, s.d.
- Paço, *Corça* — IDEM, *A Corça prisioneira*. Romance. Lisboa, 1956.
- Paço, *Cump.* — IDEM, *O cúmplice*, peça em 3 actos. Lisboa, 1940.
- Paço, *Mem.* — IDEM, *Memórias duma nota de banco*. Lisboa, 1962.
- Paço, *Nov.* — IDEM, *Novelas pouco exemplares*. Lisboa, 1967.
- Paço, *Tons* — IDEM, *Tons verdes em fundo escuro*. Romance. Lisboa, 1946.
- Ped., *Ger.* — RAUL PEDERNEIRAS, *Geringonça carioca*. Rio de Janeiro, 1940.
- Per., *Marc.* — ANTÓNIO OLAVO PEREIRA, *Marcoré*. Lisboa, s.d.
- Pereira, *Engr.* — SOEIRO PEREIRA GOMES, *Engrenagem*. Lisboa, 1961.

- Pest., *Ilha* — EDUARDO ANTONINO PESTANA, *Ilha da Madeira II. Estudos madeirenses*. Funchal, 1970.
- Piel, *Nomes* — JOSEPH MARIA PIEL, *Os nomes populares da codorniz*. In: “Revista de Portugal”, 14 (1949).
- Ram., *Farpas* — RAMALHO ORTIGÃO, *As Farpas. O país e a sociedade portuguesa*. (Edição integral). Tomo 1-15. Lisboa, 1948.
- Ram., *Ang.* — GRACILIANO RAMOS, *Angústia*. Romance. Lisboa, 1962.
- Rasm. — KENNETH RASMUSSEN, *Brazilian Portuguese Terms for Sexual Intercourse*. In: “Orbis”, 22 (1973), p. 114-133.
- Red., *An.* — ALVES REDOL, *Anúncio*. Novela. Lisboa, 1945.
- Red., *Barca* — IDEM, *A barca dos sete lemes*. Romance. Lisboa, 1958.
- Red., *Barr.* — IDEM, *Barranco de cegos*. Romance. Lisboa, 2.^a ed., s.d.
- Red., *Canc.* — IDEM, *Cancioneiro do Ribatejo*, 1952.
- Red., *Fanga* — IDEM, *Fanga*. Romance. Lisboa, 1943.
- Red., *Fenda* — IDEM, *Uma fenda na muralha*. Romance. Lisboa, 1959.
- Red., *Hom.*, — IDEM, *Os homens e as sombras*. Ciclo Port-Wine, II. Lisboa, 2.^a ed., s.d.
- Red., *Mar.* — IDEM, *Marés*. Romance. Lisboa, 1944.
- Red., *Muro* — IDEM, *O muro branco*. Romance. Lisboa, 1966.
- Red., *Olhos* — IDEM, *Olhos de água*. Lisboa, s.d.
- Red., *Porto* — IDEM, *Porto manso*. Romance. Lisboa, 2.^a ed., s.d.
- Red., *T. II* — IDEM, *Teatro II*. Lisboa, 1967.
- Red., *Vind.* — IDEM, *Vindima de sangue*. Romance. Lisboa, 1954.

- Rég., *Hist.* — JOSÉ RÉGIO, *Histórias de mulheres*. Conto e novela. Lisboa, 1968.
- Rég., *Salv.* — IDEM, *A salvação do mundo*, tragicomédia em 3 actos. Lisboa, 1954.
- Rego, *Doid.* — LINS DO REGO, *Doidinho*. Romance. Rio de Janeiro, 1943.
- Rego, *Fogo* — IDEM, *Fogo morto*. Rio de Janeiro, 1965.
- Rego., *Mol.* — IDEM, *O Moleque Ricardo*. Lisboa, s.d.
- Rib., *Ald.* — AQUILINO RIBEIRO, *Aldeia. Terra, gente e bichos*. Lisboa, 1946.
- Rib., *Andam* — IDEM, *Andam faunos pelos bosques*. Romance. Lisboa, 4.^a ed., s.d.
- Rib., *Arc.* — IDEM, *O arcanjo negro*. Romance. Lisboa, s.d.
- Rib., *Bat.* — IDEM, *A Batalha sem Fim*. Romance. Lisboa, 4.^a ed., s.d.
- Rib., *Cam.* — IDEM, *Caminhos errados*. Novelas. Lisboa, s.d.
- Rib., *Casa* — IDEM, *A casa grande de Romarigães. Crónica romanceada*. Lisboa, 1957.
- Rib., *Cinco* — IDEM, *Cinco réis de gente*. Lisboa, s.d.
- Rib., *Escr.* — IDEM, *Um escritor confessa-se. Memórias*. Lisboa, 1972.
- Rib., *Estr.* — IDEM, *Estrada de Santiago*. Contos. Lisboa, s.d.
- Rib., *Filh.* — IDEM, *Filhas da Babilónia*. Novelas. Lisboa, 1925.
- Rib., *Hum.* — IDEM, *Humildade gloriosa*. Romance. Lisboa, 3.^a ed., s.d.
- Rib., *Láp.* — IDEM, *Lápides partidas*. Romance. Lisboa, s.d.
- Rib., *Món.* — IDEM, *Mónica*. Romance. Lisboa, 5.^a ed., s.d.
- Rib., *Quando* — IDEM, *Quando ao gavião cai a pena*. Lisboa, s.d.

- Rib., *Lobos* — IDEM, *Quando os lobos uivam*. São Paulo, 1959.
- Rib., *Terras* — IDEM, *Terras do demo*. Lisboa, 4.^a ed., s.d.
- Rib., *Tombo* — IDEM, *Tombo no inferno. O manto de Nossa Senhora*. Teatro, Lisboa, 1963.
- Rib., *Via* — IDEM, *A via sinuosa*. Romance. Lisboa, 6.^a ed., s.d.
- Rib., *Volf*. — IDEM, *Volfrâmio*. Romance. Lisboa, s.d.
- Ribeiro, *Plan.* — MANUEL RIBEIRO, *Planície heróica*. Romance. Lisboa, s.d.
- Rodr., *Aves* — URBANO TAVARES RODRIGUES, *As aves da madrugada*. Lisboa, 1959.
- Rodr., *Casa* — IDEM, *Casa de correcção*. Novelas. Lisboa, 1972.
- Rodr., *Dias* — IDEM, *Dias lamacentos*. Lisboa, 1965.
- Rodr., *Est.* — IDEM, *Estórias alentejanas*. Lisboa, 1977.
- Rodr., *Ins.* — IDEM, *Os insubmissos*. Romance. Lisboa, 1965.
- Rodr., *Nus* — IDEM, *Nus e suplicantes*. Lisboa, 1972.
- Rodrigues, *Esc.* — JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS, *A escola do paraíso*. Romance. Lisboa, 1961.
- Rodrigues, *Léah* — IDEM, *Léah e outras histórias*. Lisboa, 1958.
- Rodrigues, *Nat.* — IDEM, *O natal do clandestino*. Lisboa, 1957.
- Rodrigues, *Pão* — IDEM, *O pão não cai do céu*. Romance. Lisboa, 1981.
- Sá, *Conf.* — MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, *A confissão de Lúcio*. Narrativa. Lisboa, 1945.
- Sales, *Afl.* — HERBERTO SALES, *Os pequenos afluentes*. Contos. Lisboa, 1980.
- Sant., *Lugre* — BERNARDO SANTARENO, *O Lugre*. Peça em 6 quadros. Lisboa, 1959.

- Schwal, *Poema* — EDUARDO SCHWALBACH LUCCHI, *Poema de amor*. Peça em 4 actos. Porto, 1916.
- Selv., *Anjo* — CARLOS SELVAGEM, *O anjo rebelde*, peça em 3 actos. Sep. de “Estudos Castelo Branco”, 1964.
- Silva, *Fábr.* — ANTUNES DA SILVA, *A fábrica*. Lisboa, 1979.
- Silva, *Terra* — IDEM, *Terra do nosso pão*. Lisboa, 1978.
- Silveira — SILVEIRA BUENO, *Tratado de semântica brasileira*. São Paulo, 1965.
- Sim., *Am.* — J. GASPAR SIMÕES, *Amigos Sinceros*. Romance. Lisboa, 1962.
- Sousa, *Bairro* — AVELINO DE SOUSA, *Bairro Alto*. Romance de costumes populares. Lisboa, 1944.
- Sousa, *Diz.* — LUÍS DE SOUSA, *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*. Funchal, 1950.
- Sttau, *Ang.* — LUÍS DE STTAU MONTEIRO, *Angústia para o jantar*. Lisboa, 1970.
- Sttau, *Crón.* — IDEM, *Crónica atribulada do esperançoso Fagundes*, peça de teatro. Lisboa, 1981.
- Sttau, *Hom.* — IDEM, *Um homem não chora*. Lisboa, 1973.
- Tav., *Div.* — LORJÓ TAVARES, *Divórcios*. Comédia em 3 actos, Lisboa, 1934.
- Toj., *N. Putos* — ALTINO DO TOJAL, *Os novos putos*. Contos, Lisboa, 1982.
- Toj., *Putos* — IDEM, *Os Putos*. Lisboa, 1964.
- Toj., *Viag.*, — IDEM, *Viagem a ver o que dá*. Romance. Lisboa, 1983.
- Torga, *Bichos* — MIGUEL TORGA, *Bichos*. Contos. Coimbra, 1943
- Torga, *D.* — IDEM, *Diário I*. Coimbra, 1942.
- Torga., *Par.* — IDEM, *O Paraíso*. Farsa. Coimbra, 1949.
- Torga, *Rua* — IDEM, *Rua*. Novelas e contos. Coimbra, 1942.

- Torga, *Sinf.* — IDEM, *Sinfonia*, poema dramático em 4 actos. Coimbra, 1947.
- Torga, *T.* — IDEM, *Teatro. Terra firme — Mar.* Coimbra, 1941.
- Torga, *Vind.* — IDEM, *Vindima*. Coimbra, 1945.
- Vent., *Sombra* — MÁRIO VENTURA, *À sombra das árvores mortas*. Lisboa, 1977.
- Ver., *Lugar* — ERICO VERÍSSIMO, *Um lugar ao sol*. Romance. Lisboa, 4.^a ed., s.d.
- Viana — A. R. GONÇALVES VIANA, *Apostilas aos dicionários portugueses*. 2 vols. Lisboa, 1906.
- Viotti — MANUEL VIOTTI, *Dicionário da gíria brasileira*. São Paulo, 1945.